

J. DE ALENCAR

---

# IRACEMA

LENDA DO CEARÁ

---

3ª EDIÇÃO

---

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTÓRICO

65, *Rua do Ouvidor*, 65

PARIS. — E. BELHATTE, Livreiro, 14, rua de l'Abbaye.

PORTO : Ernesto Chardron | BRAGA : Eugenio Chardron

LISBOA : Carvalho & C<sup>ª</sup>

1878

---

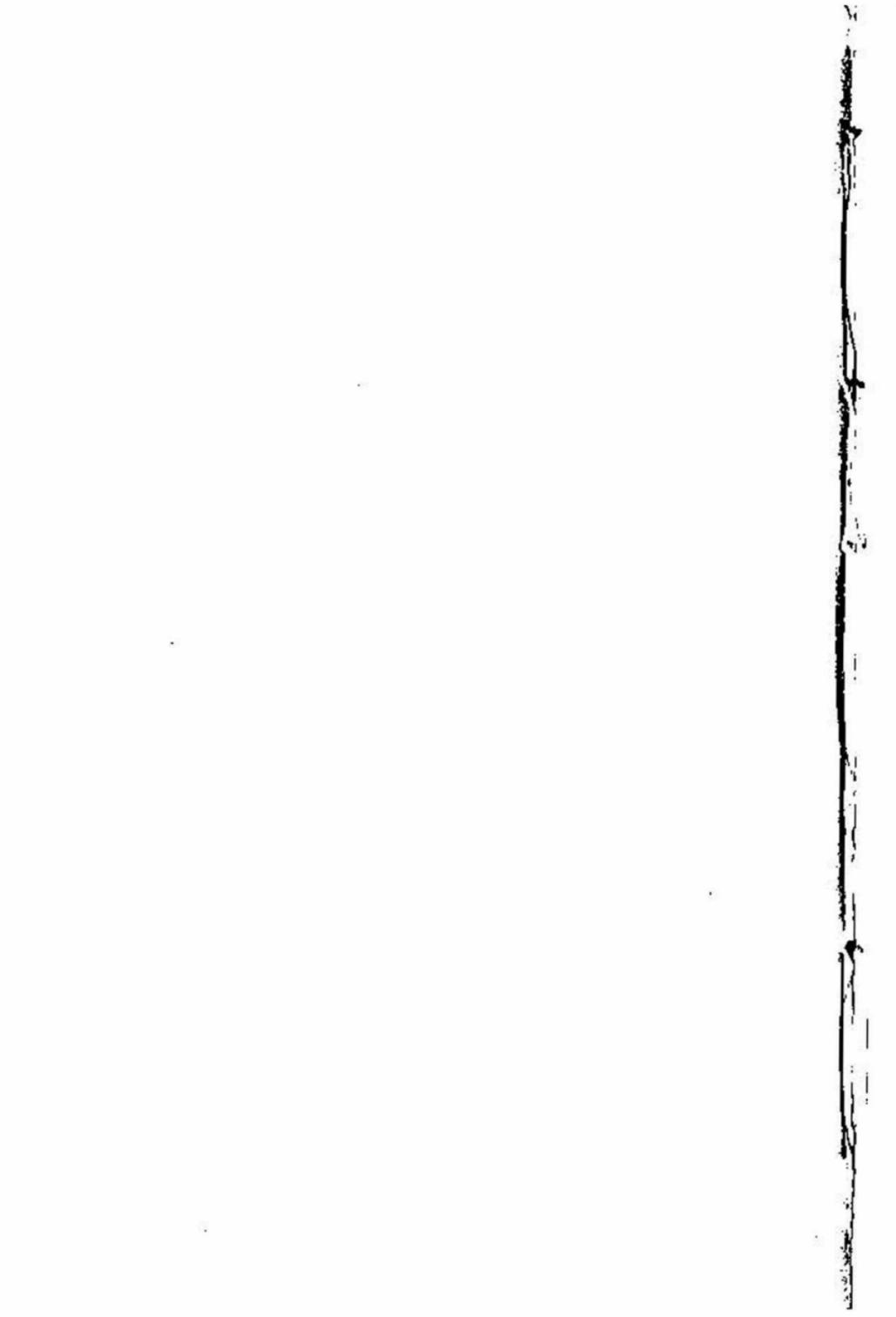
*Ficam reservados todos os direitos de propriedade.*

---

△  
TERRA NATAL

UM FILHO AUSENTE

IRACEMA



## PROLOGO

(Da 1.<sup>a</sup> Edição)

---

MEU AMIGO.

Este livro o vai naturalmente encontrar em seu pittoresco sitio da varzea, no doce lar, a que povôa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.

Imagino que é a hora mais ardente da sésta.

O sol á pino dardeja raios de fogo sobre as arêas nataes: as aves emmudecem; as plantas languem. A natureza soffre a influencia da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o genio, as duas mais brilhantes expansões do poder creador.

Os meninos brincam na sombra do outão, com pequenos ossos de rezes, que figuram a boiada. Era assim que eu brincava, ha quantos annos, em outro sitio, não muí distante do seu. A dona da casa, terna e incansavel, manda abrir o côco verde, ou prepara o saboroso crême de hurity para refrigerar o esposo, que pouco ha recolheu de sua excursão pelo sitio, e agora repousa embalando-se na macia e commoda rêde.

Abra então este livrinho, que lhe chega da côrte imprevisto. Percorra suas paginas para desenfastiar o espirito das cousas graves que o trazem occupado.

Talvez me desvaneça amor do niinho, ou se illudam as reminiscencias da infancia avivadas recentemente. Sinão, creio que ao abrir o pequeno volume, sentirá uma onda do mesmo aroma silvestre e bravio que lhe vem da varzea. Derrama-o, a brisa que perpassou nos espathos da carnaúba e na ramagem das aroeiras em flôr.

Essa onda é a inspiração da patria que volve á ella, agora e sempre, como volve de continuo o olhar do infante para o materno semblante que lhe sorri.

O livro é cearense. Foi imaginado ahí, na limpidez desse céu de crystalino azul, e depois vasado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rustica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rêde, entre os murmuros do vento que crepita na arêa, ou farfalha nas palmas dos coqueiros.

Para lá, pois que é o berço seu, o envio.

Mas assim mandado por um filho ausente, para muitos estranho, esquecido talvez dos poucos amigos, e só lembrado pela incessante desafeição, qual sorte será a do livro?

Que lhe falte hospitalidade, não ha temer. As auras de nossos campos parecem tão impregnadas dessa virtude primitiva, que nenhuma raça habita ahí que não a inspire com o halito vital. Recceio sim que o livro seja recebido como estrangeiro e hospede na terra dos meus.

Si porém, ao abordar as plagas do Mocaripe, fôr acolhido pelo bom cearense, presado de seus irmãos ainda mais na adversidade do que nos tempos prosperos, estou certo que o filho de minha alma achará na terra de seu pai, a intimidade e conchego da familia.

O nome de outros filhos ennobrece nossa provincia na politica e na sciencia: entre elles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquelle que primeiro o creou.

Neste momento mesmo a espada heroica de muito bravo cearense vai ceifando no campo da batalha ampla messe de gloria. Quem não póde illustrar a terra natal, canta suas lendas, sem metro, na rude toada de seus antigos filhos.

Acolha pois esta primeira mostra para offercê-la a nossos patricios a quem é dedicada.

Este pedido foi um dos motivos de lhe enderessar o livro; o outro saberá depois que o tenha lido.

Muita cousa me occorre dizer sobre o assumpto, que talvez devêra anticipar á leitura da obra, para prevenir a surpresa de alguns e responder ás observações ou reparos de outros.

Mas sempre fui avesso aos prologos; em meu conceito elles fazem á obra, o mesmo que o passaro á fructa antes de colhida; roubam as primicias do sabor litterario. Por isso me reservo para depois.

Na ultima pagina me encontrará de novo; então conversaremos a gosto, em mais liberdade do que teriamos neste portico do livro, onde a etiqueta manda receber o publico com a gravidade e reverencia devida a tão alto senhor.

Rio de Janeiro — Maio de 1865.

J. DE ALENCAR.

---

# IRACEMA

---

## I

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba :

Verdes mares, que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, prolongando as alvas praias ensombradas de coqueiros :

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvalle á flor das aguas.

Onde vai a affouta jangada, que deixa rapida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela ?

Onde vai como branca alcione buscando o rochedo patrio nas solidões do oceano ?

Tres entes respiram sobre o fragil lenho que vai singrando veloce, mar em fora.

Um joven guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano : uma creança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermittente traz da praia um echo vibrante, que resoa entre o marulho das vagas :

— Iracema !

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra : á espaços o olhar empanado por tenue lagrima cahe sobre o girão, onde folgam as duas innocentes creaturas, companheiras de seu infortunio.

Nesse momento o labio arranca d'alma um agro sorriso.

Que deixára ella na terra do exilio ?

Uma historia que me contaram nas lindas varzeas onde nasci, á calada da noite, quando a lua passeava no céo argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

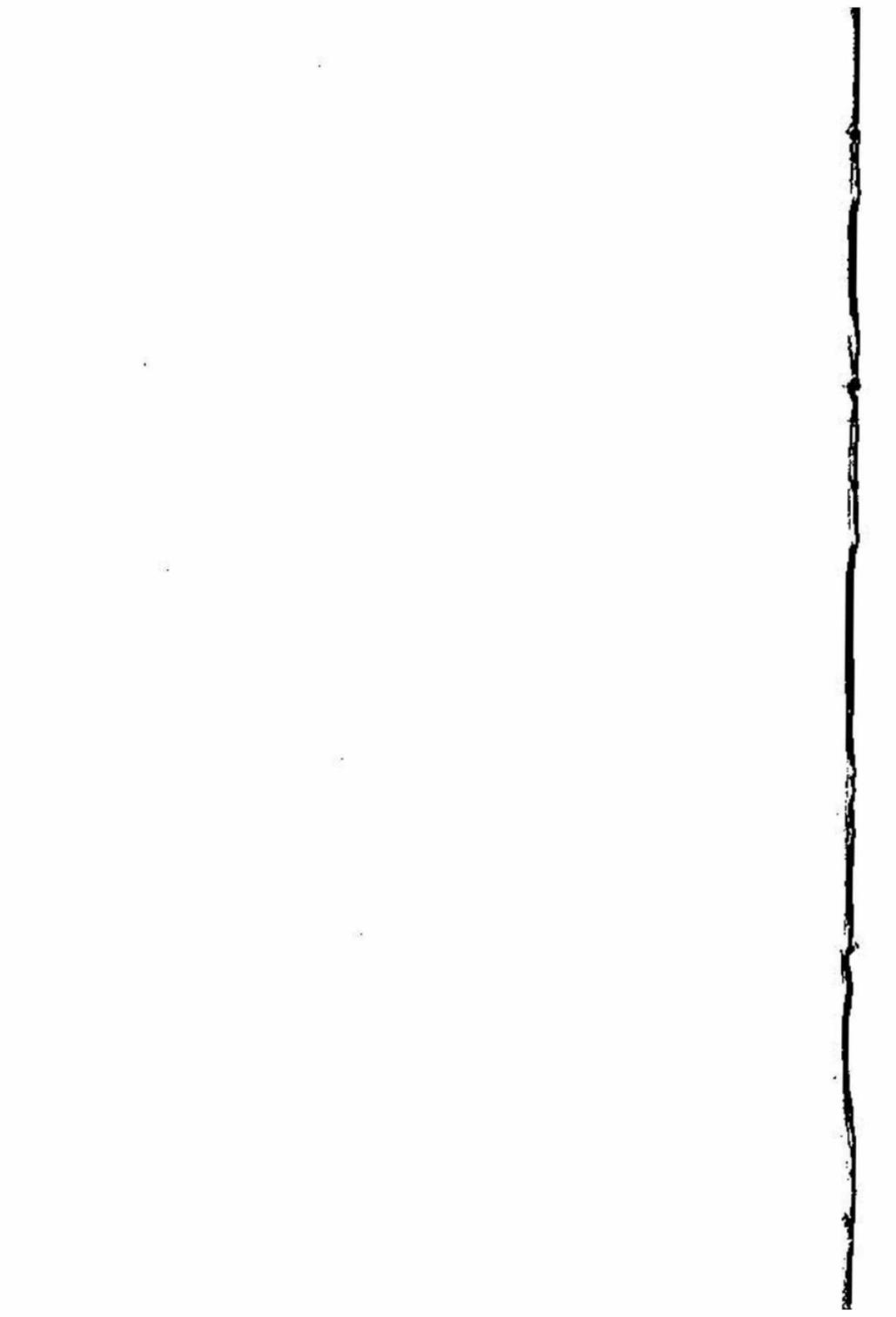
Refresca o vento.

O rullo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horisonte. Abre-se a immensidade dos mares ; e a borrasca enverga, como o condor, as foscas azas sobre o abysmo.

Deus te leve á salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje n'alguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras ; e para ti jaspêe a bonança mares de leite.

Enquanto vogas assim á discreção do vento, airoso barco, volva ás brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revôa.

---



## II

Além, muito além daquella serra, que ainda azula no horisonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos labios de mel, que tinha os cabellos mais negros que a aza da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jaty não era doce como seu sorriso ; nem a baunilha rescendia no bosque como seu halito perfumado.

Mais rapida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipú, onde campeava sua guerreira tribu, da grande nação tabajara. O pé gracil e nú, mal roçando, alisava apenas a verde pellucia que vestia a terra com as primeiras aguas.

Um dia, ao pino do sol, ella repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o

corpo a sombra da oitycica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acacia silvestre esparziam flores sobre os humidos cabellos. Escondidos na folhagem os passaros ameigavam o canto.

Iracema sahio do banho : o aljofar d'agua ainda a roreja, como á doce mangaba que corrou em manhã de chuva. Emquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho proximo, o canto agreste.

A graciosa arà, sua companheira e amiga, brinca junto della. As vezes sobe aos ramos da arvore e de lá chama a virgem pelo nome ; outras remexe o urú de palha matissada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da jussára com que tece a renda, e as tintas de que malisa o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra ; sua vista perturba-se.

Diante della e todo a contempla-la, está um guerreiro estranho, si é guerreiro e não

algun máo espirito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar : nos olhos o azul triste das aguas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rapido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro impeto, a mão lesta cahiu sobre a cruz da espada ; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é symbolo de ternura e amor. Soffreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que elle poz nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porem a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da magoa que causára.

A mão que rapida ferira, estancou mais rapida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida : deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro fallou :

— Quebras comigo a flecha da paz ?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos ? Donde vieste á estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu ?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje tem os meus.

— Bemvindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e á cabana de Araken, pai de Iracema.

---

### III

O estrangeiro seguiu a virgem atravez da floresta.

Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, elles descobriram no valle a grande taba; e mais longe, pendurada no rochedo, á sombra dos altos joaseiros, a cabana do pagé.

O ancião fumava á porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupan. O tenue sopro da brisa carmeava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabellos brancos. De immovel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.

O pagé lobrigou os dous vultos que avançavam; cuidou ver a sombra de uma arvore

solitaria que vinha alongando-se pelo valle fora.

Quando os viajantes entraram na densa penumbra do bosque, então seu olhar como o do tigre, affeito ás trevas, conheceu Iracema e viu que a seguia um joven guerreiro, de estranha raça e longes terras.

As tribus tabajaras, d'além Ibiapaba, fallavam de uma nova raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca, e vindos de remota plaga ás margens do Mearim. O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquelle que pisava os campos nativos.

Tranquillo, esperou.

A virgem aponta para o estrangeiro e diz :

— Elle veio, pai.

— Veiu bem. E' Tupan que traz o hospede á cabana de Araken.

Assim dizendo, o pagé passou o caximbo ao estrangeiro; e entraram ambos na cabana.

O mancebo sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação.

Iracema, accendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para

satisfazer a fome e a sede : trouxe o resto da caça, a farinha d'agua, os fructos silvestres, os favos de mel, o vinho de cajú e ananaz.

Depois a virgem entrou com a igaçaba, que na fonte proxima enchera de agua fresca para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro.

Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho pagé apagou o caximbo e fallou :

— Vieste?

— Vim : respondeu o desconhecido.

— Bem vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araken. Os tabajaras tem mil guerreiros para defende-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.

— Pagé, eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido ; mas não devo deixa-los sem dizer-te quem é o guerreiro, que fizeste amigo.

— Foi a Tupan que o pagé serviu : elle te trouxe, elle te levará. Araken nada fez pelo hospede ; não pergunta donde vem, e quando vai. Si queres dormir, desçam sobre ti os so-

nhos alegres : si queres fallar, teu hospede escuta.

O estrangeiro disse :

— Sou dos guerreiros brancos, que levantaram a taba nas margens do Jaguaribe perto do mar, onde habitam os Pytiguaras, inimigos de tua nação. Meu nome é Martim, que na tua lingua quer dizer filho de guerreiro ; meu sangue, o do grande povo que primeiro viu as terras de tua patria. Já meus destroçados companheiros voltaram por mar ás margens do Parahiba, de onde vieram : e o chefe, desamparado dos seus, atravessa agora os vastos sertões do Apody. Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os Pytiguaras do Acaracú, na cabana do bravo Poty, irmão de Jacaúna, que plantou comigo a arvore da amizade. Ha tres sóes partimos para a caça ; e perdido dos meus vim aos campos dos Tabajaras.

— Foi algum máo espirito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata : respondeu o ancião.

A cauâm piou, além, na extrema do valle. Cahia a noite.

#### IV

O pagé vibrou o maracá, e sahiu da cabana, porém o estrangeiro não ficou só.

Iracema voltára com as mulheres chamadas para servir o hospede de Araken, e os guerreiros vindos para obedecer-lhe.

— Guerreiro branco, disse a virgem, o praser emballe tua rede durante a noite; e o sol traga, luz á teus olhos, alegria á tua alma.

E assim dizendo Iracema tinha o labio tremulo, e humida a palpebra.

— Tu me deixas? perguntou Martim.

— As mais bellas mulheres da grande taba comtigo ficam.

— Para ellas a filha de Arakon não devia ter conduzido o hospede á cabana do pagé.

— Estrangeiro, Iracema não pode ser tua

serva. E' ella que guarda o segredo da ju-  
rema e o mysterio do sonho. Sua mão fabrica  
para o pagé a bebida de Tupan.

15 — O guerreiro christão atravessou a cabana  
e sumiu-se na treva.

A grande taba erguia-se no fundo do valle,  
illuminada pelos fachos da alegria. Rugia o  
maracá; ao quebro lento do canto selvagem,  
batia a dança em torno a rude cadencia. O  
pagé inspirado conduzia o sagrado tripudio  
e dizia ao povo crente os segredos de Tupan.

O maior chefe da nação tabajara, Irapuam,  
descera do alto da serra Ibiapaba, para  
levar as tribus do sertão contra o inimigo  
pytiguara. Os guerreiros do valle festejam  
a vinda do chefe, e o proximo combate.

O mancebo christão viu longe o clarão da  
festa; passou além e olhou o céu azul sem  
nuvens. A estrella morta que então brilhava  
sobre a cupola da floresta, guiou seu passo fir-  
me para as frescas margens do rio das garças.

Quando elle transmoutou o valle e ia pe-  
netrar na matta, surgiu o vulto de Iracema.  
A virgem seguira o estrangeiro como a brisa

subtil que resvalla sem murmurar por entre a ramagem.

— Porque, disse ella, o estrangeiro abandona a cabana hospedeira sem levar o presente da volta? Quem fez mal ao guerreiro branco na terra dos Tabajaras?

O christão sentiu quanto era justa a queixa; e achou-se ingrato.

— Ninguém fez mal a teu hospede, filha de Araken. Era o desejo de ver seus amigos que o afastava dos campos dos Tabajaras. Não levava o presente da volta; mas leva em sua alma a lembrança de Iracema.

— Si a lembrança de Iracema estivesse n'alma do estrangeiro, ella não o deixaria partir. O vento não leva a areia da varzea, quando a areia bebe a agua da chuva.

A virgem suspirou :

— Guerreiro branco, espera que Cauby volte da caça. O irmão de Iracema tem o ouvido subtil que pressente a boicininga entre os rumores da matta; e o olhar do oitibó que vê melhor nas trevas. Elle te guiará ás margens do rio das garças.

— Quanto tempo se passará antes que o irmão de Iracema esteja de volta na cabana de Araken?

— O sol, que vai nascer, tornará com o guerreiro Cauby aos campos do Ipú.

— Teu hospede espera, filha de Araken: mas si o sol tornando não trazer o irmão de Iracema, elle levará o guerreiro branco á taba dos Pytiguaras.

Martim voltou á cabana do pagé.

A alva rede, que Iracema perfumara com a resina do beijoim, guardava-lhe um somno calmo e doce.

O christão adormeceu ouvindo suspirar entre os murmurios da floresta o canto mavioso da virgem indiana.

---

## V

O gallo da campina ergue a poupa escarlate fóra do ninho. Seu limpido trinado annuncia a approximação do dia.

Ainda a sombra cobre a terra. Já o povo selvagem colhe as redes na grande taba e caminha para o banho. O velho pagé que vellou toda a noite, fallando ás estrellas, conjurando os máos espiritos das trevas, entra furtivamente na cabana.

Eis retroa o boré pela amplidão do valle.

Travam das armas os rapidos guerreiros, e correm ao campo. Quando foram todos na vasta ocára circular, Irapuam, o chefe, soltou o grito de guerra.

— Tupan deu á grande nação tabajara toda esta terra. Nós guardamos as serras, d'onde manam os correjos, com os frescos

ipús onde cresce a maniva e o algodão; e abandonamos ao barbaro potyguara, comedor de camarão, as arcias nuas do mar, com os secos taboleiros sem agua e sem florestas. Agora os pescadores da praia, sempre vencidos, deixam vir pelo mar a raça branca dos guerreiros de fogo, inimigos do Tupan. Já os emboabas estiveram no Jaguaribe; logo estarão em nossos campos; e com elles os Potyguaras. Faremos nós, senhores das aldeias, como a pomba, que se encolhe em seu ninho, quando a serpente enrosca pelos galhos?

O irado chefe brande o tacapec e o arremessa no meio do campo. Derrubando a frente, cobre o rúbido olhar:

— Irapuam fallou; disse.

O mais moço dos guerreiros avança:

— O gavião paira nos ares. Quando a nambú levanta, elle cahe das nuvens e rasga as entranhas da victima. O guerreiro tabajara, filho da serra, é como o gavião.

Troa e retroa a pocema da guerra.

O joven guerreiro erguera o tacapec; e

por sua vez o brandiu. Girando no ar, rápida e ameaçadora, a arma do chefe passou de mão em mão.

O velho Andira, irmão do pagé, a deixou tombar, e calcou no chão, com o pé aguil ainda e firme.

Pasma o povo tabajara da acção desusada. Voto de paz em tão provado e impetuoso guerreiro! E' o velho heróe, que cresceu na sanha, crescendo nos annos, é o feroz Andira quem derrubou o tacape, nuncio da proxima luta?

Incertos todos e mudos escutam :

— Andira, o velho Andira, bebeu mais sangue na guerra do que já beberam cauí nas festas de Tupan, todos quantos guerreiros allumia agora a luz de seus olhos. Elle viu mais combates em sua vida, do que luas lhe despiram a fronte. Quanto cranco de potyguara escarpellou sua mão implacavel, antes que o tempo lhe arrancasse o primeiro cabello? E o velho Andira nunca lembou que o inimigo pisasse a terra de seus pais : mas alegrava-se quando elle vinha, e sentia com

o fardo da guerra a juventude renascer no corpo decrepito, como a arvore secca renasce com o sopro do inverno. A nação tabajara é prudente. Ella deve encostar o tacape da luta para tanger o memby da festa. Celebra, Irapuam, a vinda dos emboabas e deixa que cheguem todos aos nossos campos. Então Andira te promete o banquete da victoria.

Desabriu emfim Irapuam a funda chólora :

— Fica tu, escondido entre as igaçabas de vinho, fica, velho morcego, porque temes a luz do dia, e só bebes o sangue da victima que dorme. Irapuam leva a guerra no punho de seu tacape. O terror que elle inspira vòa com o rouco som do boré. O Potyguara já tremeu ouvindo rugir na serra, mais forte que o ribombo do mar.

---

## VI

Martim vai á passo o passo por entre os altos joazeiros que cercam a cabana do pagé.

Era o tempo em que o doce aracaty chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo arido sertão. A planta respira; um suave arrepio erriça a verde coma da floresta.

O christão contempla o occaso do sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o valle, penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que alli deixou. Sabe elle se tornará á ve-los algum dia?

Em torno carpe a natureza o dia que expira. Soluça a onda trepida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem: e o mesmo silencio anhela de oppresso.

Iracema parou em face do joven guerreiro:

— E' a presença de Iracema que perturba a serenidade no rosto do estrangeiro ?

Martim pousou brandos olhos na face da virgem :

— Não, filha de Araken : tua presença alegre, como a luz da manhã. Foi a lembrança da patria que trouxe a saudade ao coração presago.

— Uma noiva te espera ?

O forasteiro desviou os olhos. Iracema dobrou a cabeça sobre a espadua, como a tenra palma da carnaúba, quando a chuva peneira na varsea.

— Ella não é mais doce do que Iracema, a virgem dos labios de mel, nem mais formosa ! murmurou o estrangeiro.

— A flor da matta é formosa quando tem rama que a abrigue, e tronco onde se enlaça. Iracema não vive n'alma de um guerreiro : nunca sentiu a frescura de seu sorriso.

Emmudeceram ambos, com os olhos no chão, escutando a palpitação dos seios que batiam oppressos.

A virgem fallou emfim :

— A alegria voltará logo á alma do guerreiro branco ; porque Iracema quer que elle veja antes da noite a noiva que o espera.

Martim sorriu do ingenuo desejo da filha do pagé.

— Vem ! disse a virgem.

Atravessaram o bosque e desceram ao valle. Onde morria a falda da collina o arvoredado era basto : densa abóbada de folhagem verde-negra cobria o adyto agreste, reservado aos mysterios do rito barbaro.

Era de jurema o bosque sagrado. Em torno corriam os troncos rugosos da arvore de Tupan ; dos galhos pendiam occultos pela rama escura os vasos do sacrificio : lastravam o chão as cinzas de extinto fogo, que servira á festa da ultima lua.

Antes de penetrar no recondito sitio, a virgem que conduzia o guerreiro pela mão, hesitou, inclinando o ouvido subtil aos suspiros da brisa. Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão. Nada havia porém de suspeito no intenso respiro da floresta.

Iracema fez ao estrangeiro um gesto de espera e silencio; logo depois desapareceu no mais sombrio do bosque. O sol ainda pairava suspenso no visio da serrania: e já noite profunda enchia aquella solidão.

Quando a virgem tornou, trazia n'uma folha gotas de verde e extranho licôr vasadas da igaçaba, que ella tirara do seio da terra. Apresentou ao guerreiro a taça agreste:

— Bebe!

Martim sentio perpassar nos olhos o somno da morte: porém logo a luz inundou-lhe os seios d'alma; a força exuberou em seu coração. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido: fruiu a realidade de suas mais bellas esperanças.

Ei-lo que volta á terra natal, abraça a velha mãe, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amores infantis.

Mas porque, mal de volta ao berço da patria, o joven guerreiro de novo deixa o tecto paterno e demanda o serlão.

Já atravessa as florestas; já chega aos campos do Ipu. Busca na selva a filha do

pagé. Segue o rasto ligeiro da virgem arisca, soltando á brisa com o crebro suspiro o doce nome :

— Iracema! Iracema!...

Já a alcança e cinge-lhe o braço pelo talhe esbelto.

Cedendo á meiga pressão, a virgem reclinou-se ao peito do guerreiro, e ficou ali tremula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa com o bico a macia penugem.

O labio do guerreiro suspirou mais uma vez o doce nome, e soluçou, como si chamára outro labio amante. Iracema sentiu que sua alma se escapava para embeber-se no osculo ardente.

A fronte reclinara, e a flor do sorriso expandia-se como o nenuphar ao beijo do sol.

Subito a virgem tremeu; soltando-se rapida do braço que a cingia, travou do arco.



## VII

Iracema passou entre as arvores, silenciosa como uma sombra : seu olhar scintillante coava entre as folhas, quaes frouxo raio de estrellas : elle escutava o silencio profundo da noite e aspirava as auras subtis que afflavam.

Parou. Uma sombra resvallava entre as ramas ; e nas folhas crepitava um passo ligeiro, si não era o roer de algum insecto. A pouco e pouco o tenue rumor foi crescendo e a sombra avultou.

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face d'elle, tremula de susto e mais de cholera.

— Iracema ! exclamou o guerreiro recuando.

— Anhanga turbou sem duvida o somno

de Irapuam, que o trouxe perdido ao bosque da jurema, onde nenhum guerreiro penetra contra a vontade de Araken.

— Não foi Anhaga, mas a lembrança de Iracema, que turbou o somno do primeiro guerreiro tabajara. Irapuam desceu de seu ninho de aguia para seguir na varzea a garça do rio. Chegou, e Iracema fugiu de seus olhos. As vozes da taba contaram ao ouvido do chefe que um estrangeiro era vindo á cabana de Araken.

A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nella o olhar abrazado:

— O coração aqui no peito de Irapuam, ficou tigre. Pulou de raiva. Veio farejando a presa. O estrangeiro está no bosque, e Iracema o acompanhava. Quero beber-lhe o sangue todo: quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajara, talvez o ame a filha de Araken.

A pupilla negra da virgem scintillou na treva, e de seu labio borbulhou, como gota do leite caustico da euphorbia, um sorriso de despreso:

— Nunca Iracema daria seu seio, que o espirito de Tupan habita só, ao guerreiro mais vil dos guerreiros tabajaras! Torpe é o morcego porque foge da luz e bebe o sangue da victima adormecida!

— Filha de Araken, não assanha o jaguar! O nome de Irapuam vâa mais longe que o goaná do lago, quando sente a chuva além das serras. Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracema se abra para o vencedor.

— O guerreiro branco é hospede de Araken. A paz o trouxe aos campos do Ipú, a paz o guarda. Quem offender o estrangeiro, offende o pagé.

Rugiu de sanha o chefe tabajara :

— A raiva de Irapuam só ouve agora o grito de vingança. O estrangeiro vai morrer.

— A filha de Araken é mais forte que o chefe dos guerreiros, disse Iracema travando da inubia. Ella tem aqui a voz de Tupan, que chama seu povo.

— Mas não chamará ! respondeu o chefe escarnecendo.

— Não, porque Irapuam vai ser punido pela mão de Iracema. Seu primeiro passo, é o passo da morte.

A virgem retrahiu d'um salto o avanço que tomara, e vibrou o arco. O chefe cerrou ainda o punho do formidavel tacape ; mas pela vez primeira sentiu que pesava ao braço robusto. O golpe que devia ferir Iracema, ainda não alçado, já lhe trespassava, á elle proprio, o coração.

Combeceu quanto o varão forte, é pela sua mesma fortaleza, mais captivo das grandes paixões.

— A sombra de Iracema não esconderá sempre o estrangeiro á vingança de Irapuam. Vil é o guerreiro, que se deixa proteger por uma mulher.

Dizendo estas palavras, o chefe desapareceu entre as arvores. A virgem sempre alerta volveu para o christão adormecido; e velou o resto da noite á seu lado. As emoções recentes, que agitaram sua alma, a abriam inda mais á doce afeição, que iam filtrando nella os olhos do estrangeiro.

Desejava abriga-lo contra todo o perigo, recolhe-lo em si como em um asylo impene-travel. Acompanhando o pensamento, seus braços cingiam a cabeça do guerreiro, e a apertavam ao seio.

Mas quando passou a alegria de o ver salvo dos perigos da noite, entrou-a mais viva a inquietação, com a lembrança dos novos pe-rigos que iam surgir.

— O amoa de Iracema é como o vento dos areas ; mata a flor das arvores : suspirou a virgem.

E affastou-se lentamente.

---



## VIII

A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite, e arrancou de sua alma a lembrança do que sonhára. Ficou apenas um vago sentir, como fica na mouta o perfume da flor que o vento da serra desfolha na madrugada.

Não sabia onde estava.

À saída do bosque sagrado encontrou Iracema : a virgem reclinava n'um tronco aspero do arvoredado ; tinha os olhos no chão : o sangue fugira das faces ; o coração lhe tremia nos labios, como gota de orvalho nas folhas do bambú.

Não tinha sorrisos, nem cores, a virgem indiana : não tem borbulhas, nem rosas, a

acacia que o sol crestou ; não tem azul, nem estrellas, a noite que enlutam os ventos.

— As flores da mata já abriram aos raios do sol ; as aves já cantaram : disse o guerreiro. Porque só Iracema curva a fronte e emmudece ?

A filha do pagé estremeceu. Assim estremece a verde palma, quando a haste fragil foi abalada ; rorejam do espato as lagrimas da chuva, e os leques ciciam brandamente :

— O guerreiro Cauby vai chegar á taba de seus irmãos. O estrangeiro poderá partir com o sol que vem nascendo.

— Iracema quer ver o estrangeiro fóra dos campos dos Tabajaras ; então a alegria voltará a seu seio.

— A júruty quando a arvore séca, foge do ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria voltará ao seio de Iracema : ella vai liear, como o tronco nu, sem ramas, nem sombras.

Martim amparou o corpo tremulo da virgem ; ella reclinou languida sobre o peito

do guerreiro, como o tenro pampano da baulha que enlaça o rijo gallo do angico.

O mancebo murmurou :

— Teu hospede fica, virgem dos olhos negros : elle fica para ver abrir em tuas faces a flor da alegria, e para sorver, como o colibri, o mel de teus labios.

Iracema soltou-se dos braços do mancebo, e olhou-o com tristeza :

— Guerreiro branco, Iracema é filha do pagé, e guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuísse a virgem de Tupan morreria.

— E Iracema ?

— Pois que tu morrias !...

Esta palavra foi como um sopro de tormenta. A cabeça do mancebo vergou e pendeu sobre o peito : mas logo se ergueu.

— Os guerreiros de meu sangue trazem a morte consigo, filha dos Tabajaras. Não a temem para si, não a poupam para o inimigo. Mas nunca fóra do combate elles deixarão aberto o camocim da virgem na taba de seu hospede. A verdade fallou pela

boca de Iracema. O estrangeiro deve abandonar os campos dos Tabajaras.

— Deve : respondeu a virgem como um echo.

Depois sua voz suspirou :

— O mel dos labios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba : tem na doçura o veneno. A virgem dos olhos azues e dos cabellos do sol guarda para seu guerreiro na laba dos brancos o mel da assucena.

Martim afastou-se rapido ; mas voltou lentamente. A palavra tremia em seu labio :

— O estrangeiro partirá para que o socego volte ao seio da virgem.

— Tu levas a luz dos olhos de Iracema, e a flor de sua alma.

Reboa longe na selva um clamor estranho. Os olhos do mancebo alongam-se.

— E' o grito de alegria do guerreiro Cauby : disse a virgem. O irmão de Iracema annuncia que é chegado aos campos dos Tabajaras.

— Filha de Araken, guiá teu hospede á cabana. E' tempo de partir.

Elles caminharam par á par como dois jovens cervos que ao por do sol atravessam a capoeira recolhendo ao aprisco de onde lhes traz a brisa um faro suspeito.

Quando chegavam perto dos joazeiros, viram que passava além o guerreiro Cauby, vergando os hombros robustos ao peso da caça. Iracema caminhou para elle.

O estrangeiro entrou só na cabana.



## IX

O somno da manhã pousava nos olhos do pagé como nevoas de bonança pairam ao romper do dia sobre as profundas cavernas da montanha.

Martim parou indeciso ; mas o rumor de seu passo penetrou no ouvido do ancião, e abalou seu corpo decrepito.

— Araken dorme ! murmurou o guerreiro devolvendo o passo.

O velho ficou immovel :

— O pagé dorme porque já Tupan voltou o rosto para a terra e a luz correu os máos espiritos da treva. Mas o somno é leve nos olhos de Araken, como o fumo do sapé no cocuruto da serra. Si o estrangeiro veiu para o pagé, falle ; seu ouvido escuta.

— O estrangeiro veio, para te annunciar que parte.

— O hospede é senhor na cabana de Araken ; todos os caminhos estão abertos para elle. Tupan o leve á taba dos seus.

— Vieram Cauby e Iracema :

— Cauby voltou ; disse o guerreiro tabajara. Traz a Araken o melhor de sua caça.

— O guerreiro Cauby é um grande caçador de montes e florestas. Os olhos de seu pai gostam de ve-lo.

O velho abriu as palpebras e cerrou-as logo :

— Filha de Araken, escolhe para teu hospede o presente da volta e prepara o moquem da viagem. Si o estrangeiro precisa de guia, o guerreiro Cauby, senhor do caminho, o acompanhará.

O somno voltou aos olhos do pagé.

Emquanto Cauby pendurava no fumeiro as peças de caça, Iracema colheu sua alva rede de algodão com franjas de pennas, e accommodou-a dentro do urú de palha trançada.

Martim esperava na porta da cabana. A virgem veio á elle :

— Guerreiro, que levas o somno de meus olhos, leva minha rede tambem. Quando nella dormires, fallem em tua alma os sonhos de Iracema.

— Tua rede, virgem dos Tabajaras, será minha companheira no deserto : venha embora o vento frio da noite, ella guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema.

Cauby sahio para ir á sua cabana, que ainda não tinha visto depois da volta. Iracema foi preparar o moquem da viagem. Ficaram sós na cabana o pagé que resonava, e o mancebo com sua tristeza.

O sol, transmontando, já começava a declinar para o occidente, quando o irmão de Iracema tornou da grande taba.

— O dia vai ficar triste, disse Cauby. A sombra caminha para a noite. É tempo de partir.

A virgem posou a mão de leve no punho da rede de Araken.

— Elle vai ! murmuraram os labios tremulos.

O pagé levantou-se em pé no meio da cabana e accendeu o cachimbo. Elle e o mancebo trocaram a fumaça da despedida.

— Bem ido seja o hospede, como foi bem vindo á cabana de Araken.

O velho andou até á porta, para soltar ao vento uma espessa baforada de tabaco ; quando o fumo a dissipou no ar, elle murmurou :

— Jurupary se esconda para deixar passar o hospede do pagé.

Araken voltou á rede e dormiu de novo. O mancebo tomou as armas que chegando suspendera ás varas da cabana e dispôz-se á partir.

Adiante seguiu Cauby : á alguma distancia o estrangeiro : logo apoz Iracema.

Desceram a colina e entraram na mata sombria. O sabiá do sertão, mavioso cantor da tarde, escondido nas moitas espessas da ubaia, soltava já os preludios da suave endexa.

A virgem suspirou :

— A tarde é a tristeza do sol. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para elle a grande noite.

O mancebo se voltara. Seu labio emmudeceu, mas os olhos fallaram. Uma lagrima correu pela face guerreira, como as humidades que durante os ardores do estio transudam da escarpa dos rochedos.

Cauby avançando sempre, sumira-se entre a densa ramagem.

O scio da filha de Araken arfou, como o esto da vaga que se franja de espuma e solta. Mas sua alma, negra de tristura, teve ainda um pallido reflexo para illuminar a secca flor das faces. Assim em noite escura vem un fogo fatuo luzir nas brancas areias do taboleiro.

— Estrangeiro, toma o ultimo sorriso de Iracema.... e foge !

A boca do guerreiro pousou na boca mi-mosa da virgem. Ficaram ambos assim uni-

dos como dois fructos gemcos do araca, que sahiram do scio da mesma flor.

A voz de Cauby chamou o estrangeiro. Iracema abraçou para não cahir o tronco de uma palmeira.

---

## X

Na cabana silenciosa, medita o velho pagé.

Iracema está apoiada no tronco rudo, que serve de esteio. Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e rasos de pranto, estão naquelles olhares longos e tremulos enfiando e desfiando os aljofares das lagrimas, que rorejam as faces.

A ará, pousada no girão fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos. Desde que o guerreiro branco pisou a terra dos Tabajaras, Iracema a esqueceu.

Os roseos labios da virgem não se abriram mais para que ella colhesse entre elles a polpa da fructa ou a papa do milho verde; nem a doce mão affagara uma só vez, alisando a dourada penugem da cabeça.

Si repelia o mavioso nome da senhora, o sorriso de Iracema já não se voltava para ella, nem o ouvido parecia escutar a voz da companheira e amiga, que d'antes tão suave era ao seu coração.

Triste della! A gente tupy a chamava jandaia, porque sempre alegre estrugia os campos com seu canto fremente. Mas agora, triste e muda, desdenhada de sua senhora, não parecia mais a linda jandaia, e sim o feio urutáo que somente sabe gemer.

O sol remontou a umbría das serras; seus raios douravam apenas o viso das eminencias.

A surdina merencoria da tarde, precedendo o silencio da noite, começava de velar os crebros rumores do campo. Uma ave nocturna, talvez illudida com a sombra mais espessa do bosque, desatou o estridulo.

O velho ergueu a fronte calva :

— Foi o canto da inhúma que accordou o ouvido de Araken ? disse elle admirado.

A virgem estremecera e já fóra da cabana voltou-se para responder á pergunta do pagé:

— E' o grito de guerra do guerreiro Cauby!

Quando o segundo pio da inhúma resoou, Iracema corria na mata, como a corsa perseguida pelo caçador. Só respirou chegando á campina, que recortava o bosque, como um grande lago.

Quem seus olhos primeiro viram, Martim, estava tranquillamente sentado em uma sapopema, olhando o que passava ali. Contra, cem guerreiros tabajaras com Irapuam á frente, formavam arco. O bravo Cauby os affrontava á todos, com o olhar cheio de ira e as armas valentes empunhadas na mão robusta.

O chefe exigira a entrega do estrangeiro, e o guia respondera simplesmente :

— Matai Cauby antes.

A filha do pagé passara como uma flecha : ei-la diante de Martim oppondo tambem seu corpo gentil aos golpes dos guerreiros. Irapuam soltou o bramido da onça atacada na furna.

— Filha do pagé, disse Cauby em voz

baixa: Conduz o estrangeiro á cabana: só Araken pôde salva-lo.

Iracema voltou-se para o guerreiro branco:  
— Vem!

Elle ficou immovel.

— Si tu não vens, disse a virgem; Iracema morrerá contigo.

Martim ergueu-se; mas longe de seguir a virgem, caminhou direito á Irapuam. Sua espada flamejou no ar.

— Os guerreiros de meu sangue, chefe, jámais recusáram combate. Si aquelle que tu vês não foi o primeiro a provocal-o, é porque seus pais lhe ensinaram a não derramar sangue na terra hospedeira.

O chefe tabajara rugiu de alegria; sua mão possante brandiu o tacape. Mas os dois campeões mal tiveram tempo de medir-se com os olhos; quando fendiam o primeiro golpe, já Cauby e Iracema estavam entre elles.

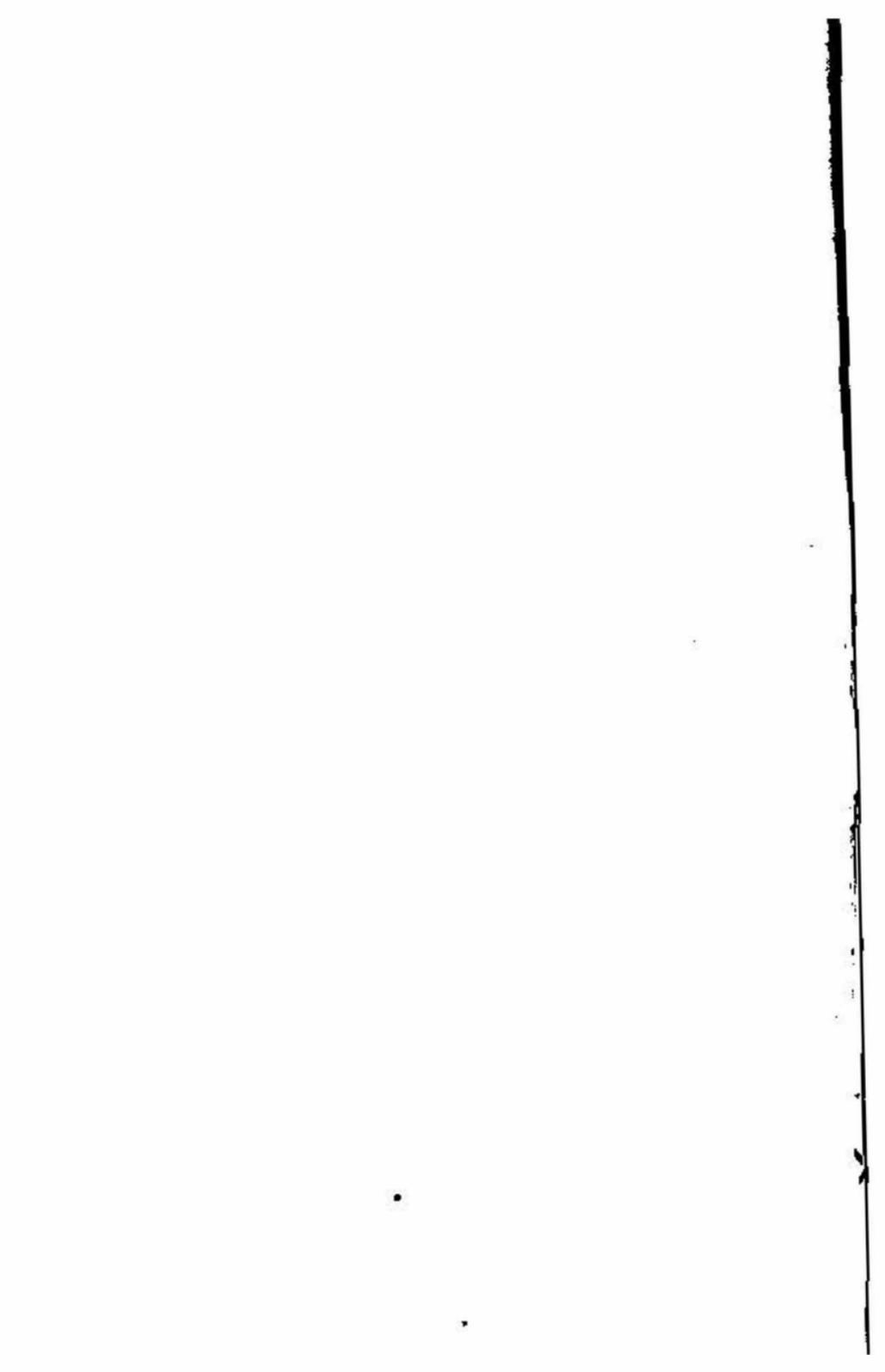
A filha de Araken debalde rogava ao christão, debalde o cingia nos braços buscando arranca-lo ao combate. De seu lado Cauby em vão provocava Irapuam para attrahir a si a raiva do chefe.

A um gesto de Irapuam, os guerreiros afastáram os dois irmãos; o combate proseguiu.

De repente o rouco som da inubia reboou pela mata; os filhos da serra estremecêram reconhecendo o estridulo do buzio guerreiro das Pytiguaras, senhores das praias ensombradas de coqueiros. O echo vinha da grande taba, que o inimigo talvez assaltava já.

Os guerreiros precipitaram, levando por diante o chefe. Com o estrangeiro só ficou a filha de Araken.

---



## XI

Os guerreiros tabajaras, acorridos á taba, esperavam o inimigo deante da caçara.

Não vindo elle, sahiram á busca-lo.

Bateram as matas em torno e percorreram os campos; nem vestigios encontraram da passagem dos Pytiguaras; mas o conhecido fremito do buzio das praias tinha resoado ao ouvido dos guerreiros da montanha; não havia duvidar.

Suspeitou Irapuam que fosse um ardil da filha de Araken para salvar o estrangeiro, e caminhou direito á cabana do pagé. Como trota o guará pela orla da mata, quando vae seguindo o rasto da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro.

Araken viu entrar em sua cabana o grande chefe da nação tabajara, e não se moveu. Sentado na rede, com as pernas cruzadas, escutava Iracema. A virgem referia os successos da tarde : avistando a figura sinistra de Irapuam saltou sobre o arco, e uniu-se ao flanco do joven guerreiro branco.

Martim a afastou docemente de si, e promoveu o passo.

A protecção, de que o cercava, a elle guerreiro, a virgem tabajara, o desgostava.

— Araken, a vingança dos tabajaras espera o guerreiro branco ; Irapuam veio busca-lo.

— O hospede é amigo de Tupan : quem offender o estrangeiro ouvirá rugir o trovão.

— O estrangeiro foi quem offendeu a Tupan, roubando sua virgem, que guarda os sonhos da jurema.

— Tua boca mente como o ronco da gibóia : exclamou Iracema.

Martim disse :

— Irapuam é vil e indigno de ser chefe de guerreiros valentes !

O pagé fallou grave e lento :

— Si a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo, ella morrerá: mas o hospede de Tupan é sagrado : ninguem o offenderá; Araken o protege.

Bramiu Irapuam; o grito rouco troou nas arcas do peito, como o fremito da sucury na profundeza do rio.

— A raiva de Irapuam não pôde mais ouvir-te, velho pagé! Caia ella sobre ti, si ousares subtrahir o estrangeiro á vingança dos Tabajaras.

O velho Andira, irmão do pagé, entrou na cabana, trazia no punho o terrivel tacape; e nos olhos uma sanha ainda mais ferrivel.

— O morcego vem te chupar o sangue, Irapuam, si é que tens sangue e não lama nas veias, lu que ameaças em sua cabana o velho pagé.

Araken affastou o irmão :

— Paz e silencio, Andira.

O pagé desenvolvera a alta e magra estatura, como a caninana assanhada, que se enrasta sobre a cauda, para affrontar a victi-

ma em face. Affundaram-lhe as rugas ; e repuxando as pelles engelhadas esbugalharam os dentes alvos e afilados.

— Ousa um passo mais, e as iras de Tupan te esmagarão sob o peso desta mão secca e mirrada !

— Neste momento, Tupan não é contigo ! replicou o chefe.

O pagé riu ; e seu riso sinistro reboou pelo espaço como o regougo da ariranha.

— Ouve seu trovão, e treme em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundeza.

Araken proferindo essa palavra terrivel, avançou até o meio da cabana ; ali ergueu a grande pedra e calcou o pé com força no chão : subito abriu-se a terra. Do antro profundo sahiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo.

Irapuam não tremeu, nem enfiou de susto ; mas sentiu estremecer a luz nos olhos, e a voz nos labios.

— O senhor do trovão é por ti ; o senhor da guerra será por Irapuam : disse o chefe.

O torvo guerreiro deixou a cabana ; com

pouco seu grande vulto mergulhou-se nas sombras do crepusculo.

O pagé e seu irmão travaram a pratica na porta da cabana.

Ainda sorpreso do que vira, Martim não tirava os olhos da funda cava, que a planta do velho pagé abrira no chão da cabana. Um surdo rumor, como o echo das ondas quebrando nas praias, ruidava ali.

Scismava o guerreiro christão; elle não podia crer que o Deus dos Tabajaras dêsse a seu sacerdote tamanho poder.

Perccebendo o que passava n'alma do estrangeiro, Araken acendeu o cachimbo e travou do maracá :

— E' tempo de applicar as iras de Tupan, e calar a voz do trovão.

Disse e partiu da cabana.

Iracema achegou-se então do mancebo; levava os labios em riso, os olhos em jubilo:

— O coração de Iracema está como o abati n'agua do rio. Ninguem fará mal ao guerreiro branco na cabana de Araken.

— Arreda-te do inimigo, virgem dos Ta-

bajaras ; respondeu o estrangeiro com aspreza de voz.

Voltando brusco para o lado opposto, furtou o semblante aos olhos ternos e queixosos da virgem.

— Que fez Iracema, para que o guerreiro branco desvie seus olhos, como si ella fora o verme da terra ?

As fallas da virgem resoaram docemente no coração de Martim. Assim resoam os murmurios da aragem nas frondes da palmeira. Teve o mancebo desgosto de si, e pena della :

— Não ouves tu, virgem formosa ? exclamou elle apontando para o antro fremente.

— E' a voz de Tupan !

— Teu Deus fallou pela boca do pagé. « Si a virgem de Tupan abandonar ao estrangeiro a flór de seu corpo, ella morrerá !

Iracema deixou pender a fronte abatida :

— Não é a voz de Tupan que ouve teu coração, guerreiro de longes terras, é o canto da virgem loura, que te chama !

O rumor estranho que sahia das profundezas da terra, apagou-se de repente : fez-se na cabana tão grande silencio, que ouvia-se pulsar o sangue na arteria do guerreiro, e tremer o suspiro no labio da virgem.

---



## XII

O dia ennegreceu ; era noite já.

O pagé tornára á cabana ; sopesando de novo a grossa lage, fechou com ella a boca do antro. Cauby chegára tambem da grande taba, onde com seus irmãos guerreiros se recolhera depois que bateram a floresta, em busca do inimigo Pytiguara.

No meio da cabana, entre as redes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira da carnauba, e sobre ella servio os restos da caça, e a provisão de vinhos da ultima lua. Só o guerreiro tabajara achou sabor na ceia, porque o fel do coração que a tristeza exprime não amargurava seu labio.

O pagé enchia o cachimbo da erva de Tupan ; o estrangeiro respirava o ar puro da noite para refrescar o sangue effervescente ;

a virgem destillava sua alma, como o mel de um favo, nos crebros soluços que lhe estalavam entre os labios tremulos.

Já partiu Cauby para a grande taba; o pagé traga as baforadas do fumo, que prepara o mysterio do rito sagrado.

Levanta-se no resomno da noite um grito vibrante, que remonta ao céo.

Ergue Marlim a fronte e inclina o ouvido. Outro clamor semelhante resoa. O guerreiro murmura, que o ouça a virgem e só ella :

— Escutou, Iracema, cantar a gaivota?

— Iracema escutou o grito de uma ave que ella não conhece.

— E' a atyaty, a garça do mar, e tú és a virgem da serra, que nunca desceu ás alvas praias onde arrebetam as vagas.

— As praias são dos Pytiguaras, senhores das palmeiras.

Os guerreiros da grande nação que habitava as bordas do mar, se chamavam a si mesmos Pytiguaras, senhores dos valles; mas os Tabajaras, seus inimigos, por escarneo os apellidavam Potyguaras, comedores de camarão.

Temeu Iracema offender o guerreiro branco ; por isso fallando dos Pytiguaras, não lhes recusou o nome que elles haviam tomado para si.

O estrangeiro reteve por um instante a palavra no labio prudente, enquanto reflectia :

— O canto da gaivota é o grito de guerra do valente Poty, amigo de teu hospede !

A virgem estremeceu por seus irmãos. A fama do bravo Poty, irmão de Jacaúna, subiu das ribeiras do mar ao cimo da Ibiapaba ; rara é a cabana onde já não rugiu contra elle o grito da vingança porque cada golpe do valido tacape deitou um guerreiro labajara em seu camocim.

Cuidou Iracema que Poty vinha á frente de seus guerreiros para livrar o amigo. Era elle sem dúvida que fizera retroar o buzio das praias, no momento do combate. Foi com um tom misturado de doçura e tristeza que replicou :

— O estrangeiro está salvo ; os irmãos de Iracema vão morrer, porque ella não fallará.

— Dispede essa tristeza de tua alma. O estrangeiro partindo-se de teus campos, virgem tabajara, não deixará nelles rasto de sangue, como o tigre esfaimado.

Iracema tomou a mão do guerreiro branco e beijou-a.

— Teu sorriso, filha do pagé, apagou a lembrança do mal que elles me querem.

Martim ergueu-se e caminhou para a porta,

— Onde vai o guerreiro branco ?

— Ao encontro de Poty.

— O hospede de Araken não pôde sahir desta cabana, porque os guerreiros de Irapuam o matarão.

— Um guerreiro só pede protecção á Deus e á suas armas. Não carece que o defendam os velhos e as mulheres.

— Que vale um guerreiro só contra mil guerreiros ? Valente e forte é o tamanduá, que mordem os gatos selvagens por serem muitos e o acabam. Tuas armas só chegam até onde mede a sombra de teu corpo ; as armas delles voam alto e direito como o anajê.

— Todo o guerreiro tem seu dia.

— Não queres tú que morra Iracema, e queres que ella te deixe morrer !

Martim ficou perplexo :

— Iracema irá ao encontro do chef Pyti-guara e trará á seu hospede as fallas do guerreiro amigo.

Sabiu enfim o pagé da sua contêmplação. O maracá rugiu-lhe na dextra ; tiniram os guisos com o passo hirto e lento.

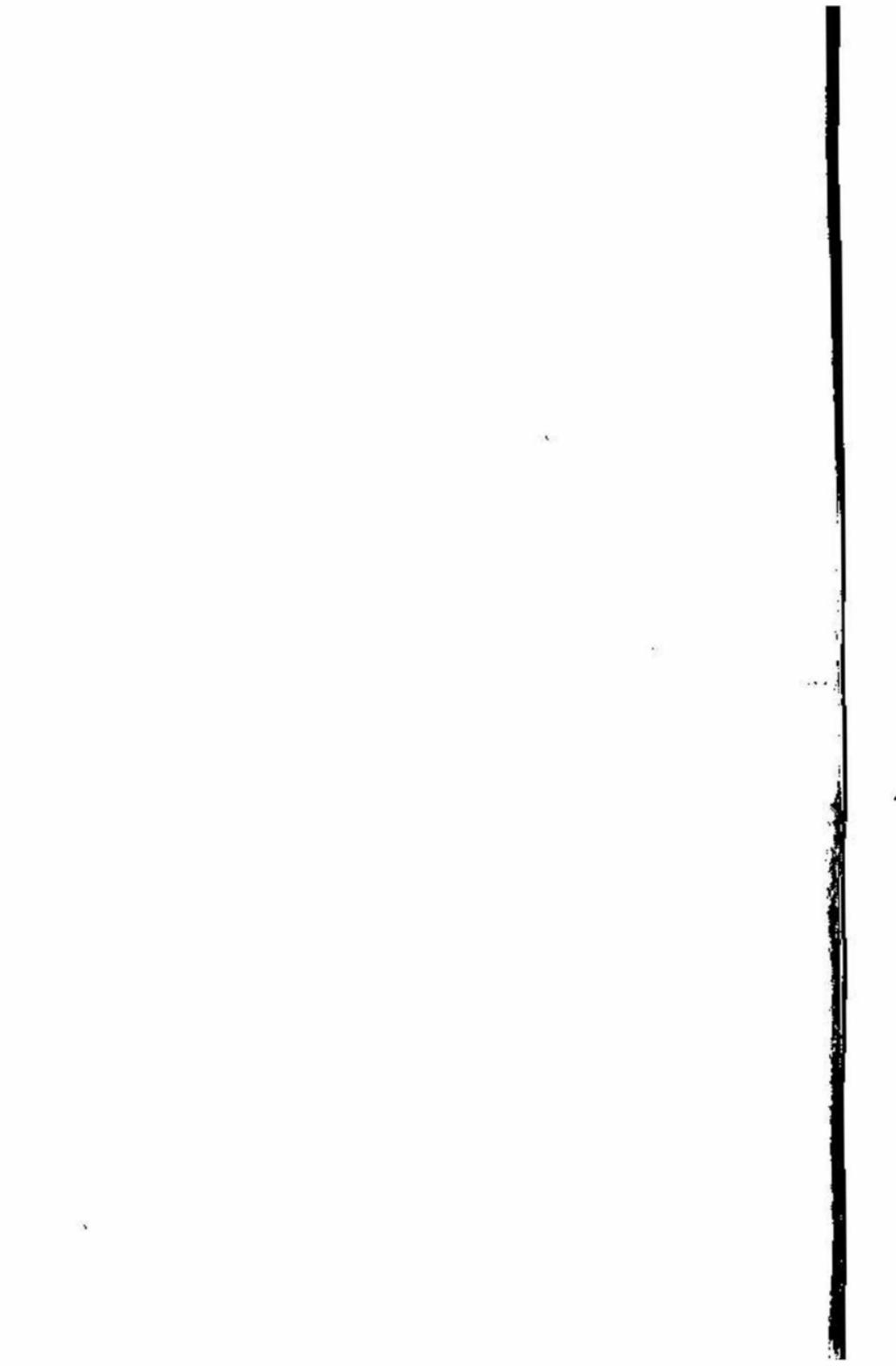
Chamou elle a filha de parte :

— Si os guerreiros de Irapuam vierem contra a cabana levanta a pedra e esconde o estrangeiro no seio da terra.

— O hospede não deve ficar só ; espera que volte Iracema. Ainda não cantou a i-nhuma.

Tornou á sentar-se na rede, o velho. A virgem partiu, cerrando a porta da cabana.

---



## XII:

Avança a filha de Araken nas trevas; pára e escuta.

O grito da gaivota terceira vez resoa á seu ouvido; vai direito ao lugar d'onde partiu; chega á borda de um tanque; seu olhar investiga a escuridão, e nada vê do que busca.

A voz maviosa, debil como sussuro de colibri, murmura.

— Guerreiro Poty, teu irmão branco te chama pela boca de Iracema.

Só o éco respondeu-lhe :

— A filha de teus inimigos vem á ti, porque o estrangeiro te ama, e ella ama o estrangeiro.

Fendeu-se a lisa face do lago e um vulto

se mostra, que nada para a margem, e surge fóra.

— Foi Martim, quem te mandou, pois tu sabes o nome de Poty, seu irmão na guerra.

— Falla, chefe pytiguara ; o guerreiro branco espera.

— Torna á elle e diz que Poty é chegado para o salvar.

— Elle sabe ; e mandou-me a ti.

— As fallas de Poty sahirão de sua boca para o ouvido de seu irmão.

— Espera então que Araken parta e a cabana fique deserta ; eu te guiarei á presença do estrangeiro.

— Nunca, filha dos Tabajaras, um guerreiro pytiguara passou a soleira da cabana inimiga, si não foi como vencedor. Conduz aqui o guerreiro do mar.

— A vingança de Irapuam fareja em roda da cabana de Araken. Trouxe o irmão do estrangeiro bastantes guerreiros pytiguaras para o defender e salvar ?

Poty reflectiu :

— Conta, virgem das serras, o que succe-

deu em teus campos depois que á elles chegou o guerreiro do mar.

Referiu Iracema como a cholera de Irapuam se havia assanhado contra o estrangeiro, até que a voz de Tupan, chamado pelo pagé, tinha acalmado seu furor :

— A raiva de Irapuam é como a andira ; foge da luz e vòa nas trevas.

A mão de Poty cerrou subito os labios da virgem ; sua falla parecia um sopro :

— Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas ; o ouvido inimigo escuta na sombra.

As folhas crepitavam de manso, como si por ellas passasse a frangueira nambú ; um rumor, partido da orla da mata, vinha discorrendo pelo valle.

O valente Poty, resvallando pela relva, como o ligeiro camarão, de que elle tomára o nome e a vivesa, desapareceu no lago profundo. A agua não soltou um murmurio, e cerrou sobre elle sua onda limpida.

Voltou Iracema á cabana ; em meio do caminho perceberam seus olhos as sombras de

muitos guerreiros que rojavam pelo chão, como a intanha.

Vendo-a entrar, Araken partiu.

A virgem tabajara contou a Martim o que ouvira de Poty; o guerreiro christão ergueu-se de um impeto para correr em defesa de seu irmão pytiguara. Cingiu-lhe Iracema o collo com os lindos braços :

— O chefe não carece de ti ; elle é filho das aguas ; as aguas o protegem. Mais tarde o estrangeiro escutará as fallas do amigo.

— Iracema, é tempo que teu hospede deixe a cabana do pagé e os campos dos Tabajaras. Elle não tem medo dos guerreiros de Irapuam ; tem medo dos olhos da virgem de Tupan.

— Estes fugirão de ti.

— Fuja delles o estrangeiro, como o oitibó da estrella da manhã.

Martim promoveu o passo.

— Vai, guerreiro ingrato ; vai matar teu irmão primeiro, depois a ti. Iracema te seguirá até os campos alegres onde vão as sombras dos que morrem.

— Matar meu irmão, dizes tu, virgem cruel ?

— Teu rasto guiará o inimigo aonde se occulta o guerreiro do valle.

O christão estacou em meio da cabana ; e ali permaneceu mudo e quedo. Iracema receiosa de sital-o, punha os olhos na sombra do guerreiro que a chama projectava na vetusta parede da cabana.

O cão felpudo, deitado no burrinho, deu signal de approximar-se gente amiga. A porta entretecida dos talos da carnaúba foi aberta por fóra. Cauby entrou.

— O cauim perturbou o espirito dos guerreiros ; elles vêm contra o estrangeiro.

A virgem ergueu-se de um impeto :

— Levanta a pedra que fecha a garganta de Tupan, para que ella esconda o estrangeiro.

O guerreiro tabajara, sopesando a lage enorme, emborcou-a no chão.

— Filho de Arakon, deita-te na porta da cabana, e nunca mais te levantes da terra si um guerreiro passa por cima de teu corpo.

Cauby obedeceu : a virgem cerrou a porta.

Decorreu breve tracto. Resoa perto o estrepido dos guerreiros ; travam-se as vozes iradas de Irapuam e Cauby.

— Elles vêm ; mas Tupan salvará seu hospede.

Nesse instante, como si o deus do trovão ouvisse as palavras de sua virgem, o antro mudo em principio retroou surdamente :

— Ouve ! E' a voz de Tupan.

Iracema cerra a mão do guerreiro e o leva á borda do antro. Somem-se ambos nas entranhas da terra.

---

## XIV

Os guerreiros tabajaras, excitados com as copiosas libações do espumante cauim, se inflammam á voz de Irapuam que tantas vezes os guiou ao combate, quantas á victoria.

Aplaca o vinho a sêde do corpo, mas accende outra sêde maior na alma feroz. Rugem vingança contra o estrangeiro audaz que affrontando suas armas, offende o deus de seus paes, e o chefe de guerra, o primeiro varão tabajara.

Lá tripudiam de furor, e arremettem pelas sombras; a luz vermelha do ubiratan, que brilha ao longe, os guia á cabana de Araken. De espaço em espaço erguem-se do chão os que primeiro vieram para vigiar o inimigo.

— O pagé está na floresta! murmuram elles.

— E o estrangeiro? pergunta Irapuam.

— Na cabana com Iracema.

Lança o grande chefe o terrível salto; já é chegado á porta da cabana, e com elle seus valentes guerreiros.

O vulto de Cauby enche o vão da porta; suas armas guardam deante d'elle o espaço de um bote do maracajá:

— Vis guerreiros são aquelles que atacam em bando como os cactetús. O jaguar, senhor da floresta, e o anajê, senhor das nuvens, combatem só o inimigo.

— Morda o pó a boca torpe que levanta a voz contra o mais valente guerreiro dos guerreiros tabajaras.

Proferidas estas palavras, ergue o braço de Irapuam o rigido tacaço, mas estaca no ar; as entranhas da terra outra vez rugem, como rugiram, quando Araken acordou a voz tremenda de Tupan.

Levantam os guerreiros medonho alarido, e cercando seu chefe o arrebataam ao funesto lugar e á cholera de Tupan, contra elles concitado.

Cauby estende-se de novo na soleira da porta ; seus olhos adormecem ; mas o ouvido subtil vela no somno.

Emmudeceu a voz de Tupan.

Iracema e o christão perdidos nas entranhas da terra, descem a gruta profunda. Subito, uma voz que vinha reboando pela cresta encheu seus ouvidos :

— O guerreiro do mar escuta a falla de seu irmão ?

— É Poty, o amigo de teu hospede ; disse o christão para a virgem.

Iracema estremeceu :

— Elle falla pela boca de Tupan.

Martim respondeu enfim ao pytiguara :

— As fallas de Poty entram n'alma de seu irmão.

— Nenhum outro ouvida escuta ?

— Os da virgem que duas vezes em um sol defendeu a vida de teu irmão.

— A mulher é fraca, o tabajara traidor, e o irmão de Jacaúna prudente.

Iracema suspirou e pousou a cabeça no peito do mancebo :

— Senhor de Iracema, cerra seus ouvidos, para que ella não ouça.

Martim repelliu docemente a gentil fronte ;

— Falle o chefe pytiguara ; só o escutam ouvidos amigos e fieis.

— Tu ordenas, Poty falla. Antes que o sol se levante na serra, o guerreiro do mar deve partir para as margens do ninho das garças ; a estrella morta o guiará, porque a inubia dos Pytiguaras rugirá da banda da serra.

— Quantos guerreiros pytiguaras acompanham seu chefe valente ?

— Nenhum, Poty veiu só. Quando os espiritas maus das florestas separaram o guerreiro do mar de seu irmão, Poty veiu em seguimento do rasto. Seu coração não deixou que voltasse para chamar os guerreiros de sua taba ; mas despediu o cão fiel ao grande Jacaúna.

— O chefe pytiguara está só ; não deve rugir a inubia que chamará contra si todos os guerreiros tabajaras.

— Assim é preciso para salvar o irmão

branco: Poty zombará de Irapuam, como zombou quando combatiam cem contra ti.

A filha do pagé que ouvia callada, debruçou-se ao ouvido do christão:

— Iracema quer te salvar e a teu irmão; ella tem seu pensamento. O chefe pytiguara é valente e audaz; Irapuam é manhoso e traçoeiro como a acauán. Antes que chegues á floresta, cahirás; e teu irmão da outra banda cahirá contigo.

— Que fará a virgem tabajara para salvar o estrangeiro e seu irmão? perguntou Martim.

— A lua das flôres vae nascer. E' o tempo da festa, em que os guerreiros tabajaras passam a noite no bosque sagrado, e recebem do pagé os sonhos alegres. Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos de Ipú, e os olhos de Iracema, mas sua alma, não.

Martim estreitou a virgem ao seio: mas logo a repelliu. O toque de seu corpo, doce como a assucena da mata, e macio como o ninho do beijafôr. magoou seu coração,

porque lhe recordou as palavras terriveis do pagé.

A voz do christão transmittiu á Poty o pensamento de Iracema; o chefe pytiguara, prudente como o lamanduá, pensou e respondeu :

— A sabedoria fallou pela boca da virgem tabajara. Poty espera o nascimento da lua.

---

## XV

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araken o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrellas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rêde que vae e vem, sua vontade oscilla de um á outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos affectos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se languie ao punho da rêde; seus olhos negros e fulgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n'alma. O christão sorri: a virgem palpita; como o sahy, fascinado pela serpente, vae declinando o lascivo talhe, que se debruça emfim sobre o peito do guerreiro.

Já o estrangeiro a preme ao seio ; e o labio avido busca o labio que o espera, para celebrar nesse adyto d'alma, o hymenco do amor.

No recanto escuro o velho pagé, immerso em funda contemplação e alheio ás cousas deste munde, soltou um gemido doloroso. Pressentira o coração o que não viram os olhos ? Ou foi algum funesto presagio para a raça de seus filhos, que assim echoou n'alma de Araken ?

Ninguem o soube.

O christão repelliu do seio a virgem indiana. Elle não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver ; e enche sua alma com o nome e a veneração de seu Deus :

— Christo !... Christo !...

Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, elle sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chamma. Assim quando a creança imprudente revolve o brasido de intenso fogo,

saltam as faúlhas inflamadas que lhe queimam as faces.

Fecha os olhos o christão, mas na sombra de seu pensamento surge a imagem da virgem, talvez mais bella. Em balde chama o somno ás palpebras fatigadas; abrem-se, máo grado seu.

Desce-lhe do céo ao atribulado pensamento uma inspiração :

— Virgem formosa do sertão, esta é a ultima noite que teu hospede dorme na cabana de Araken, onde nunca viera, para teu bem e seu. Faze que seu somno seja alegre e feliz.

— Manda; Iracema te obedece. Que póde ella para tua alegria.

O christão fallou submisso, para que não o ouvisse o velho pagé :

— A virgem de Tupan guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos!

Um triste sorriso pungiu os labios de Iracema :

— O estrangeiro vae viver para sempre á cintura da virgem branca; nunca mais

seus olhos verão a filha de Araken, e elle já quer que o somno feche suas palpebras, e que o sonho o leve á terra de seus irmãos!

— O somno é o descanso do guerreiro, disse Martim; e o sonho a alegria d'alma. O estrangeiro não quer levar comsigo a tristeza da terra hospedeira, nem deixal-a no coração de Iracema!

A virgem ficou immovel.

— Vae, e torna com o vinho de Tupan.

Quando Iracema foi de volta, já o pagé não estava na cabana; tirou a virgem do seio o vaso que ali trazia occulto sob a carioba de algodão entretecida de pennas. Martim lh'o arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema, e colher em seus labios o beijo, que ali vigava entre sorrisos, como o fructo na corolla da flôr. Podia ama-la, e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O goso era vida, pois o sentia mais forte e intenso; o mal era sonho e illusão, que da virgem não possuia sinão a imagem.

Iracema affastára se oppressa e suspirosa.

Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios ; o nome da virgem ressoou docemente.

A juruty, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do campanheiro ; bate as azas, e vôa á conchegar-se ao tepido ninho. Assim a virgem do sertão, aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veiu a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual barboleta que dormiu no seio de formoso cacto. Em seu lindo semblante accendia o pejo vivos rubores ; e como entre os arrebóes da manhã scintilla o primeiro raio do sol, em suas faces incendiadas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruido amor.

A jandaia fugira ao romper d'alva e para não tornar mais á cabana.

Vendo Martim a virgem unida a seu coração, cuidou que o sonho continuava ; cerrou os olhos para tornal-os á abrir.

A pocema dos guerreiros, troando pelo valle, o arrancou ao doce engano : sentiu que

já não sonhava, mas vivia. Sua mão cruel abafou nos labios da virgem o beijo que ali se espanejava.

— Os beijos de Iracema são doces no sonho ; o guerreiro branco encheu delles sua alma. Na vida, os labios da virgem de Tupan, amargam e doem como o espinho da jurema.

A filha de Araken escondeu no coração a sua ventura. Ficou timida e inquieta, como a ave que pressente a borrasca no horisonte. Affastou-se rapida, e partiu.

As aguas do rio banharam o corpo casto da recente esposa.

Tupan já não tinha sua virgem na terra dos Tabajaras.

---

## XVI

O alvo disco da lua surgiu no horisonte.

A luz brilhante do sol empallidece a virgem do céu, como o amor do guerreiro desmaia a face da esposa.

— Jacy !... Mãe nossa !... exclamaram os guerreiros tabajaras.

E brandindo os arcos lançaram ao céu com a chuva das flexas o canto da lua nova :

« Vejo no céu a mãe dos guerreiros ; já volta o rosto para ver seus filhos. Ella traz as aguas, que enchem os rios e a polpa do cajú.

« Já veiu a esposa do sol ; já sorri ás virgens da terra, filhas suas. A doce luz accende o amor no coração dos guerreiros e fecunda o seio da joven mãe. »

Cahe a tarde.

Folgam as mulheres e os meninos na vasta ocaria ; os mancebos, que ainda não ganharam nome na guerra por algum feito brilhante, discorrem no valle.

Os guerreiros seguem Irapuam ao bosque sagrado, onde os espera o pagé e sua filha para o mysterio da jurema. Iracema já accendeu os fogos da alegria. Araken está immovel e extatico no seio de uma nuvem de fumo.

Cada guerreiro que chega depõe á seus pés uma offerenda a Tupan. Traz um a succulenta caça ; outro a farinha d'agua ; aquelle o saboroso piracem da trahira. O velho pagé, para quem são estas dadivas, as recebe com desdem.

Quando foram todos sentados em torno do grande fogo, o ministro de Tupan ordena o silencio com um gesto, e tres vezes clamando o nome terrivel, enche-se do Deus, que o habita :

— Tupan ! Tupan !... Tupan !...

De grotta em grotta o echo ao longe repercutiu.

Vem Iracema com a igacaba cheia do verde licor. Araken decreta os sonhos á cada guerreiro, e distribue o vinho da jurrema, que transporta ao céo o valente tabajara.

Este, grande caçador, sonha que os veados e as pacas correm de encontro á suas flexas para se traspassarem nellas; fatigado por fim de ferir, cava na terra o bucan, e assa tamanha quantidade de caça, que mil guerreiros em um anno não acabariam.

Outro, fogoso em amores, sonha que as mais bellas virgens tabajaras deixam a cabana de seus pais e o seguem captivas de seu querer. Nunca a rede de chefe algum embalou mais voluptuosas caricias, do que elle frue naquelle extase.

O heroe, sonha tremendas lutas e horri-  
veis combates, de que sahe vencedor, cheio de gloria e fama. O velho renasce na prole numerosa, e como o secco tronco, donde rebenta nova e robusta sebe, ainda cobre-se de fiôres.

Todos sentem a felicidade tão viva e conti-

nua, que no espaço da noite cuidam viver muitas luas. As bocas murmuram; o gesto falla; e o pagé, que tudo escuta e vê, colhe o segredo no intimo d'alma.

Iracema, depois que offereceu aos chefes o licor de Tupan, sahiu do bosque. Não permitia o rito que ella assistisse ao somno dos guerreiros e ouvisse fallar os sonhos.

Foi d'ali direito á cabana, onde a esperava Martim.

— Toma tuas armas, guerreiro branco. E' tempo de partir.

— Leva me aonde está Poty, meu irmão.

A virgem caminhou para o valle; o christão a seguiu. Chegaram á falda do rochedo, que ia morrer á beira do tanque, em um massiço de verdura.

— Chama teu irmão!

Soltou Martim o grito da gaivota. A pedra que fechava a entrada da gruta cahiu; e o vulto do guerreiro Poty appareceu na sombra.

Os dois irmãos encostaram a fronte na fronte e o péito no peito, para exprimir que

não tinham ambos mais que uma cabeça e um coração.

— Poty está contente porque vê seu irmão, que o máo espirito da floresta arrebatou de seus olhos.

— Feliz é o guerreiro que tem ao flanco um amigo como o bravo Poty ; todos os guerreiros o invejarão.

Iracema suspirou, pensando que a effeição do pytiguara bastava á felicidade do estrangeiro.

— Os guerreiros tabajaras dormem. A filha de Araken vai guiar os estrangeiros.

Seguiu a virgem adiante ; os dois guerreiros apoz. Quando tinham andado o espaço que transpõe a garça de um vôo, o chefe pytiguara tornou-se inquieto, e murmurou ao ouvido do christão :

— Manda á filha do Pagé, que volte á cabana de seu pai. Ella demora a marcha dos guerreiros.

Martim estremeceu ; mas a voz da prudencia e da amizade penetrou em seu coração. Avançou para Iracema, e tirou do seio

a voz mais terna para acalentar a saudade da virgem :

— Quanto mais affunda a raiz da planta na terra, mais custa arranca-la. Cada passo de Iracema no caminho da partida, é uma raiz que lança no coração de seu hospede.

— Iracema quer te acompanhar até onde acabam os campos dos tabajaras, para voltar com o socego em seu coração.

Martim não respondeu. Continuaram a caminhar, e com elles caminhava a noite ; as estrellas desmaiaram, e a frescura da alvorada alegrou a floresta. As roupas da manhã, alvas como o algodão, appareceram no céu.

Poty olhou a mata e parou. Martim comprehendeu e disse á Iracema :

— Teu hospede já não pisa os campos dos tabajaras. E' o instante de separar-te d'elle.

---

## XVII

Iracema pousou a mão no peito do guerreiro branco :

— A filha dos tabajaras já deixou os campos de seus paes ; agora pôde fallar.

— Que segredo guardas em teu seio, virgem formosa do sertão ?

— Iracema não pôde mais separar-se do estrangeiro.

— Assim é preciso, filha de Araken. Torna á cabana de teu velho pae, que te espera.

— Araken já não tem filha.

Martim tornou com gesto rudo e severo :

— Um guerreiro de minha raça jámais deixou a cabana do hospede, viuva de sua alegria. Araken abraçará sua filha, para não amaldiçoar o estrangeiro ingrato.

Curvou a virgem a frente ; velando-se com as longas tranças negras que se espargiam pelo collo, cruzando ao gremio os lindos braços, recolheu em seu pudor. Assim o roseo cacto, que já desabrochou em linda flôr, cerra em botão o seio perfumado.

— Iracema te acompanhará, guerreiro branco ; porque ella já é tua esposa.

Martim estremeceu.

— Os mãos espiritos da noite turbaram o espirito de Iracema.

— O guerreiro branco sonhava, quando Tupan abandonou sua virgem. A filha do pagé trahiou o segredo da jurema.

O christão escondeu as faces á luz.

— Deus !... clamou seu labio tremulo.

Permaneceram ambos mudos e quedos.

Afinal disse Poty :

— Os guerreiros tabajaras despertam.

O coração da virgem, como o do estrangeiro, ficou surdo á voz da prudencia. O sol levantou-se no horisonte ; e seu olhar magestoso desceu dos montes á floresta, Poty de pé, mudo e quedo, como um tronco dece-

pado esperou que seu irmão quizesse partir.

Foi Iracema quem primeiro fallou :

— Vem, enquanto não pisares as praias dos Pytiguaras, tua vida corre perigo.

Martim seguiu silencioso a virgem, que fugia entre as arvores, como a selvagem cõtia. A tristeza lhe confrangia o coração ; mas a onda de perfumes que deixava na brisa a passagem da formosa tabajara, açulava o amor no seio do guerreiro. Seu passo era tardo, o peito lhe offegava.

Poty seismava. Em sua cabeça de mancebo morava o espirito de um abaetê. O chefe pytiguara pensava que o amor é como o cauim, o qual bebido com moderação fortalece o guerreiro, e tomado em excesso abate a coragem do heróe. Elle sabia quanto era veloz o pé do tabajara ; e esperava o momento de morrer defendendo o amigo.

Quando as sombras da tarde entristeciam o dia, o christão parou no meio da mata. Poty accendeu o fogo da hospitalidade. A virgem desdobrou a alva rêde de algodão franjada de pennas de tocano e suspendeu-a aos ramos de arvore.

— Esposo de Iracema, tua rêde te espera.

A filha de Araken foi sentar-se longe, na raiz de uma arvore, como a cerva solitaria, que o ingrato companheiro afugentou do aprisco. O guerreiro pytiguara desapareceu na espessura da folhagem.

Martim ficou mudo e triste, semelhante ao tronco d'arvore á que o vento arrancou o lindo cipó que o entrelaçava. A brisa perpassando levou um murmurio :

— Iracema !

Era o balido do companheiro ; a cerva arufando-se ganhou o doce aprisco.

A floresta distillava suave fragancia e exhalava arpejos harmoniosos ; os suspiros do coração se diffundiram nos múrmuros do deserto. Foi a festa do amor e o canto do hymeneu.

Já a luz da manhã coou na selva densa. A voz grave e sonora de Poty repercutio no susurro da mata :

— O povo tabajara caminha na floresta !

Iracema arrancou-se dos braços que a cingiam e do labio que a tinha captiva ; sal-

tando da rêde como a rapida zabelê, travou das armas do esposo e levou-o atravez da mata.

De espaço á espaço, o prudente Poty escutava as entranhas da terra ; sua cabeça movia-se pesada de um a outro lado, como a nuvem que se balança no cocuruto do rochedo, aos varios lufos da proxima borrasca.

— O que escuta o ouvido do guerreiro Poty ?

— Escuta o passo veloz do povo labajara. Elle vem como o tapyr rompendo a floresta.

— O guerreiro pytiguara é a ema que vòa sobre a terra ; nós o seguiremos como suas azas ; disse Iracema.

O chefe sacudiu de novo a fronte.

— Enquanto o guerreiro do mar dormia, o inimigo correu. Os que primeiro partiram já avançam além com as pontas do arco.

A vergonha mordeu o coração de Martim :

— Fuja o chefe Poty e salve Iracema. Só deve morrer o guerreiro máo, que não escu-

tou a voz de seu irmão e o pedido de sua esposa.

Martim arripou o passo.

— Não foi a alma do guerreiro do mar, que fallou. Poty e seu irmão só tem uma vida.

O labio de Iracema não fallou ; sorriu.

---

## XVIII

Treme a selva com o estampido da carreira do povo tabajara.

O grande Irapuam, primeiro, assoma entre as arvores. Seu olhar rubido viu o guerreiro branco entre nuvem de sangue; o ronco bravo do tigre rompe de seu peito cavernoso.

O chefe tabajara e seu povo iam precipitar sobre os fugitivos, como a vaga encapelada que arrebenta no Mocaripe.

Eis late o cão selvagem.

O amigo de Martim solta o grito da alegria :

— O cão de Poty guia os guerreiros de sua taba em soccorro teu.

O rouco buzio dos pytiguaras estruge pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com seus melhores guerreiros.

Os pytiguaras recebem o primeiro impeto do inimigo nas pontas irriçadas de suas flechas, que elles despedem do arco aos molhos, como o coandú os espinhos de seu corpo. Logo apoz sôa a pocema, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face.

Jacaúna atacou Irapuam. Prosegue o horrível combate que bastára á dez bravos, e não esgotou ainda a força dos grandes chefes. Quando os dois tacapes se encontram, a batalha toda estremece, como um só guerreiro, até as entranhas.

O irmão de Iracema veio direito ao estrangeiro, que arrancara a filha de Araken á cabana hospitaleira ; o faro da vingança o guia : a vista da irmã assanha a raiva em seu peito. O guerreiro Cauby assalla com furor o inimigo.

Iracema, unida ao flanco de seu guerreiro e esposo, viu de longe Cauby e fallou assim :

— Senhor de Iracema, ouve o rogo de tua escrava; não derrama o sangue do filho de Araken. Si o guerreiro Cauby tem de morrer, morra elle por esta mão, não pela tua.

Martim pôz no rosto da virgem olhos de horror :

— Iracema matará seu irmão ?

— Iracema antes quer que o sangue de Couby linja sua mão que a tua ; porque os olhos de Iracema vêm li, e á ella não.

Travam a luta os guerreiros. Cauby combate com furor ; o christão deffende-se apenas ; mas a seta embebida no arco da esposa guarda a vida do guerreiro contra os botes do inimigo.

Poty já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta seu valido tacape. Martim lhe abandona o filho de Araken e corre sóbre Irapuam.

— Jacaúna é um grande chefe, seu collar de guerra dá tres voltas ao peito. O tabajara pertence ao guerreiro branco.

— A vingança é a honra do guerreiro, e Jacaúna preza o amigo de Poty.

O grande chefe pytiguara levou além o formidável tacape. Renhiu-se o combate entre Irapuam e Martim. A espada do christão batendo na clava do selvagem, fez-se em pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerme do adversario,

Iracema silvou como a boicininga; e arrojou-se contra a furia do guerreiro tabajara. A arma rigida tremeu na dextra possante do chefe e o braço cahiu-lhe desfallecido.

Soava a pocema da victoria. Os guerreiros pytiguaras conduzidos por Jacaúna e Poty varriam a floresta. Fugindo, os tabajaras arrebataram seu chefe ao odio da filha de Araken que o podia abater, como a jandaia abate o procerco coqueiro roendo-lhe o cerne.

Os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadaveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquelle sangue que enrubecia a terra era o

mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha.

O pranto orvalhou seu lindo semblante.

Martim affastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema.



## XIX

Poty voltou de perseguir o inimigo. Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco.

O cão fiel o seguia de perto, lambendo ainda nos pellos do focinho a marugem do sangue tabajara, de que se fartára ; o senhor o acariciava satisfeito de sua coragem e dedicação. Fôra elle quem salvára Martim, trazendo ali com tanta diligencia os guerreiros de Jacaúna.

— Os máos espiritos da floresta podem separar outra vez o guerreiro branco de seu irmão pytiguara. O cão te seguirá daqui em diante, para que mesmo de longe Poty acuda á teu chamado.

— Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel.

— Mais amigo e companheiro será de Poty, servindo a seu irmão que a elle. Tu o chamarás Japy ; e será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro.

Jacaúna deu o signal da partida.

Os guerreiros pytiguaras caminharam para as margens alegres do rio onde bebem as garças : ali se erguia a grande taba dos senhores das varzeas.

O sol deitou-se e de novo se levantou no céu. Os guerreiros chegaram aonde a serra quebrava para o sertão ; já tinham passado aquella parte da montanha, que por ser despida de arvoredo e losquiada como a capivara, a gente de Tupan chamava Ibyapina.

Poty levou o christão aonde crescia um frondoso jatobá, que affrontava as arvores do mais alto pincaro da serrania, e quando batido pela rajada parecia varrer o céu com a immensa copa.

— Neste lugar nasceu teu irmão, disse o pytiguara.

Martim estreitou ao peito o tronco amigo :

— Jatobá, que viste nascer meu irmão Poty, o estrangeiro te abraça.

— O raio te decepe, arvore do guerreiro Poty, quando seu irmão o abandonar.

Depois o chefe assim fallou :

— Ainda Jacaúna não era um guerreiro. Jatobá, o maior chefe, conduzia os pytiguaras á victoria. Logo que as grandes aguas correram, elle caminhou para a serra. Aqui chegando, mandou levantar a taba, para estar perto do inimigo e vencê-lo mais vezes. A mesma lua que os viu chegar, alumiu a rêde onde Sahy sua esposa, lhe deu mais um guerreiro de seu sangue. O luar passava entre as folhas do jatobá; e o sorriso pelos labios do varão possante, que tomára seu nome e robustez.

Iracema aproximou-se.

A rôla, que marisca na areia, si afasta-se o companheiro, adeja inquieta de ramo em ramo e arrulha para que lhe responda o ausente amigo. Assim a filha das florestas errara pelas encostas, modulando o singelo canto mavioso.

Martim a recebeu com a alma no semblante; e levando a esposa do lado do coração e o amigo do lado da força, voltou ao rancho dos pytiguaras.

---

## XX

A lua cresceu.

Tres sócs havia que Martim e Iracema estavam nas terras dos pyliguaras, senhores das margens do Camocim e Acaracú. Os estrangeiros tinham sua rêde na vasta cabana de Jacaúna. O valente chefe guardou para si o prazer de hospedar o guerreiro branco.

Poty abandonou sua taba para acompanhar seu irmão de guerra na cabana de seu irmão de sangue, e gosar dos instantes que sobejavam para a amisade, no coração do guerreiro do mar.

A sombra já se retirou da face da terra : e Martim viu que ella não se retirara ainda da face da esposa, desde o dia do combate.

— A tristeza mora n'alma de Iracema!

— A alegria para a esposa só vem de ti ; quando teus olhos a deixam, as lagrimas enchem os seus.

— Porque chora a filha dos tabajaras ?

— Esta é taba dos pytiguaras, inimigos de seu povo. A vista de Iracema já conheceu o craneo de seus irmãos espelado na caçara ; seu ouvido já escutou o canto de morte dos captivos tabajaras ; a mão já tocou as armas tintas do sangue de seus pais.

A esposa pousou as duas mãos nos hombros do guerreiro, e reclinou ao peito d'elle ;

— Iracema tudo soffre por seu guerreiro e senhor. A ata é doce e saborosa ; mas quando a machucam azeda. Tua esposa quer que seu amor encha teu coração das doçuras do mel.

— Volte o socego ao seio da filha dos tabajaras ; ella vai deixar a taba dos inimigos de seu povo.

O christão caminhou para a cabana de Jacaúna. O grande chefe alegrou-se vendo seu hospede ; mas a alegria fugiu logo de sua fronte guerreira. Martim dissera :

— O guerreiro branco parte de tua cabana, grande chefe.

— Alguma cousa te faltou na taba de Jacaúna?

— Nada faltou á teu hospede. Elle era feliz aqui; mas a voz do coração o chama a outros sitios.

— Então parte e leva o que é preciso para a viagem. Tupan te fortaleça, e traga outra vez á cabana de Jacaúna, para que elle festeje tua boa vinda.

Poty chegou : sabendo que o guerreiro do mar ia partir, disse :

— Teu irmão te acompanha.

— Os guerreiros de Poty precisam de seu chefe.

— Si tu não queres que elles vão com Poty, Jacaúna os conduzirá á victoria.

— A cabana de Poty ficará deserta e triste.

— Deserto e triste será o coração de teu irmão longe de ti.

O guerreiro do mar deixa as margens do rio das garças, e caminha para as terras

onde o sol se deita. A esposa e o amigo seguem sua marcha.

Passou além da fértil montanha, onde a abundância dos fructos creava grande quantidade de moscas, de que lhe veio o nome de Meruoca.

Atravessam os campos que banha o rio das garças, e avistam longe no horizonte uma alta serra. Expira o dia; nuvem negra vò das bandas do mar : são os urubús que pastaram nas praias a carniça, e com a noite tornam ao ninho.

Os viajantes dormem ahí, em Uruburelama.

Com o segundo sol chegaram ás margens do rio, que nasce na quebrada da serra e, desce á planice enroscando-se como uma cobra. Suas voltas continuas enganam a cada passo o peregrino, que vae seguindo o tortuoso curso ; por isso foi chamado Mundahú.

Perlongando as frescas margens, viu Martin no seguinte sol os verdes mares e alvas praias, onde as ondas murmuradas soluçam as vezes e outras raivam de furia, rebentando em frocos de espuma.

Os olhos do guerreiro branco se dilataram pela vasta immensidade; seu peito suspirou. Esse mar beijava tambem as brancas areias de Potengi, seu berço natal, onde elle vira a luz americana.

Arrojou-se nas ondas e pensou banhar seu corpo nas aguas da patria, como banhara sua alma nas saudades della.

Iracema sentiu que lhe chorava o coração; mas não tardou que o sorriso de seu guerreiro o acalentasse.

Entretanto Poty do alto da rocha, fígava o saboroso camoropim que brincava na pequena bahia do Mundahú; e preparava o moquem para refeição.

---



## XXI

Já descia o sol das alturas do céu.

Chegam os viajantes á foz do rio onde se criam em grande abundancia as saborosas trahiras; suas praias são povoadas pela tribu dos pescadores, da grande nação dos Pytiguaras.

Elles receberam os estrangeiros com a hospitalidade generosa, que era uma lei de sua religião; e Poty com o respeito que merecia tão grande guerreiro, irmão de Jacaúna, maior chefe da forte gente pytiguara.

Para repousar os viajantes, e acompanhá-los na despedida, o chefe da tribu tomou Poty, Martim e Iracema na jangada, e

abrindo a vela á brisa, levou-os até muito longe na costa.

Os pescadores em suas jangadas seguiam o chefe e atroavam os ares com o canto de saudade, e os murmuros do uruçá, que imita os soluços do vento.

Além da barra da Piroquara estava mais entrada para as serras a tribo dos caçadores. Elles occupavam as margens do Soipé, cobertas de matlas, onde os veados, as gordas pacas e os macios jacús abundavam. Assim os habitantes dessas margens lhes deram o nome de paiz da caça.

O chefe dos caçadores, Jaguarassú, tinha sua cabana á beira do lago, que fórma o rio perto do mar. Ahi acharam o viajantes o mesmo agasalho que haviam recebido dos pescadores.

Depois que partiram do Soipé, os viajantes atravessaram o rio Tahiba, em cujas margens vagavam bandos de porcos de matto; mais longe corria o Cauipe, onde se fabricava excellente vinho de cajú.

No outro sol viram um lindo rio que

surdia no mar cavando uma bacia na rocha viva.

Além assomava no horisonte um alto morro de areia que tinha a alvura da espuma do mar. O cabo sobranceiro parece a cabeça calva do condor, esperando ali a borrasca, que vem dos confins do oceano.

— Poty conhece o grande morro das areias? perguntou o christão.

— Poty conhece toda a terra que tem os Pytiguaras desde as margens do grande rio, que fórma um braço do mar, até a margem do rio onde habita o jaguar. Elle já esteve no alto do Mocaripe, e de lá viu correr no mar as grandes igaras dos guerreiros brancos, seus inimigos, que estão no Mearim.

— Porque chamas tu Mocaripe, ao grande morro das areias?

— O pescador da praia, que vae na jangada, lá onde vò a aty, fica triste, longe da terra e de sua cabana, em que dormem os filhos de seu sangue. Quando elle torna e seus olhos primeiro avistam o morro das

areias, o praser volta a seu coração. Porisso elle diz que o morro das areias dá alegria.

— O pescador diz bem ; porque teu irmão ficou contente como elle, vendo o monte das areias.

Martim subiu com Poty ao cimo do Moceripe. Iracema seguindo com os olhos o esposo, divagava como a jaçanan em torno do lindo seio, que ali fez a terra para receber o mar.

De passagem ella colhia os doces cajús, que aplacam a sêde nos guerreiros, e apanhava conchas mimosas para ornar seu collo.

Os viajantes estiveram em Moceribe trez sóes. Depois Martim levou seus passos além. A esposa e o amigo tornaram á embocadura do rio cujas margens eram alagadas e cobertas de mangue. O mar entrando por elle formava uma bacia cheia de agua crystalina, e cavada na pedra como um camocim.

O guerreiro christão percorrendo essa paragem, começou de scismar. Até ali elle caminhava sem destino, movendo seus passos

ao acaso; não tinha outro intenção mais que affastar-se das tabas dos Pytiguaras para arrancar a tristeza do coração de Iracema. O christão sabia por experiencia que a viagem acalenta a saudade, porque a alma dorme enquanto o corpo caminha. Agora sentado na praia pensava.

Veu Poty :

— O guerreiro branco pensa; o seio do irmão está aberto para receber seu pensamento.

— Teu irmão pensa que este lugar é melhor do que as margens do Jaguaribe para a taba dos guerreiros de sua raça. Nestas aguas as grandes igaras que vem de longes terras se esconderiam do vento e do mar; daqui ellas iriam ao Mearim destruir os brancos tapuias alliados dos Tabajaras, inimigos de tua nação.

O chefe pytiguara meditou e respondeu :

— Vae buscar teus guerreiros. Poty plantará sua taba junto da mayr de seu irmão.

Aproximava-se Iracema. O christão com

um gesto ordenou silencio ao chefe pyti-guara.

— A vóz do esposo se calla, e seus olhos se abaixam, quando chega Iracema. Queres tu que ella se affaste?

— Quer teu esposo, que chegues mais perto, para que sua voz e seus olhos penetrem mais dentro de tua alma.

A formosa selvagem desfez-se em risos, como se desfaz a flôr do fructo que desponta; e foi debruçar-se na espadua do guerreiro.

— Iracema te escuta.

— Estes campos são alegres, e ainda mais serão quando Iracema nelles habitar. Que diz teu coração?

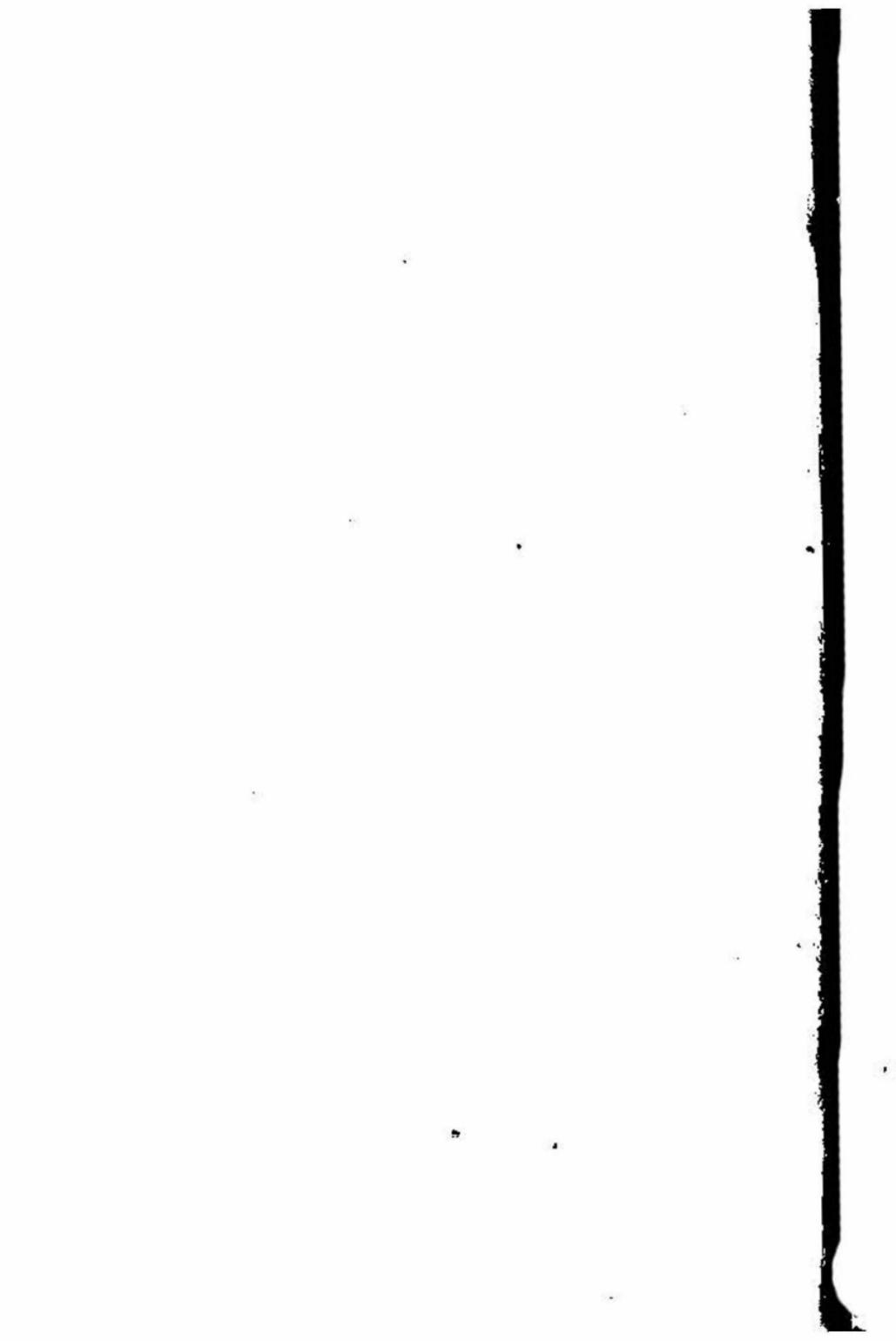
— O coração da esposa está sempre alegre junto de seu guerreiro e senhor.

Seguindo pela margem do rio, o christão escolheu um lugar para levantar a cabana. Poty cortou esteios dos troncos da carnaúba; a filha de Araken ligava os leques da palmeira para vestir o tecto e as paredes;

Martim cavou a terra e fabricou a porta das fasquias da taquára.

Quando veiu a noite, os dous esposos armaram a rêde em sua nova cabana; e o amigo no copiar que olhava para o nascente.

---



## XXII

Poty saudou o amigo e fallou assim :

— « Antes que o pai de Jacaúna e Poty, o valente guerreiro Jatobá, mandasse sobre todos os guerreiros pytiguaras, o grande tacape da nação estava na dextra de Batuireté, o maior chefe, pai de Jatobá. Foi elle que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar, e expulsou os tabajaras para dentro das terras, marcando á cada tribu seu lugar ; depois entrou pelo sertão até a serra que tomou seu nome.

« Quando suas estrellas eram muitas, e tantas que seu camocim já não cabia as castanhas que marcavam o numero ; o corpo vergou para a terra ; o braço endureceu como o galho do ubiratan que não verga : a luz dos olhos escureceu.

« Chamou então o guerreiro Jatobá e disse : — Filho, toma o tacape da nação pytiguara. Tupan não quer que Batuireté o leve mais á guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz de seus olhos. Mas Tupan foi bom para elle, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.

« Jatobá empunhou o tacape dos pytiguaras. Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou. Foi atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as aguas que vem das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra de seus olhos não lhe deixava que visse mais o fructos nas arvores ou os passaros no ar, elle dizia em sua tristeza : — Ah ! meus tempos passados !

« A gente que o ouvia chorava a ruina do grande chefe ; e desde então passando por aquelles lugares repetia suas palavras ; donde veio chamar-se o rio e os campos, Quixera-mobim.

« Batuireté veio pelo caminho das garças

até aquella serra que tu vês longe, e onde primeiro habitou. Lá no pincaro, o velho guerreiro fez seu ninho alto como gavião, para encher o resto de seus dias, conversando com Tupan. Seu filho já dorme embaixo da terra, e elle ainda na outra lua scismava na porta de sua cabana, esperando a noite que traz o grande somno. Todos os chefes pytiguaras, quando acordam á voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine á vencer, porque nenhum outro guerreiro jamais soube como elle combater. Assim as tribus não o chamam mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab.

« O chefe Poty vai á serra ver seu grande avô ; mas antes que o dia morra elle estará de volta na cabana de seu irmão. Tens tu outra vontade ?

— O guerreiro branco te acompanha para abraçar o grande chefe dos Pytiguaras, avô de seu irmão ; e dizer ao ancião que elle nasceu no filho de seu filho.

Martim chamou Iracema ; e partiram ambos guiados pelo pytiguara para a serra do

Maranguab, que se levantava no horisonte. Forão seguindo o curso do rio até onde nelle entrava o ribeiro de Pirapora.

A cabana do velho guerreiro estava junto das formosas cascatas, onde salta o peixe no meio dos borbotões de espuma. As aguas ali são frescas e macias, como a brisa do mar, que passa entre as palmas dos coqueiros, nas horas da calma.

Batuieté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; e o sol ardente cahia sobre sua cabeça, núa de cabellos e cheia de rugas como o genipapo. Assim dorme o jaburú na borda do lago.

— Poty é chegado á cabana do grande Maranguab, pae de Jatobá, e trouxe seu irmão branco para ver o maior guerreiro das nações.

O velho sôabriu as pesadas palpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os labios murmuraram :

— Tupan quiz que estes olhos vissem antes de se apagarem o gavião branco junto da narseja.

O abaeté derrubou a fronte aos peitos, e não fallou mais, nem mais se moveu.

Poty e Martin julgaram que elle dormia e se affastaram com respeito para não perturbar o repouso de quem tanto obrára na longa vida. Iracema, que se banhava na proxima cachoeira, veio-lhes ao encontro, trazendo na folha da taioba favos de mel purissimo.

Discorreram os amigos pelas floridas encostas até que as sombras da montanha se estenderam pelo valle. Tornaram então ao lugar onde tinham deixado Maranguab.

O velho ainda lá estava na mesma attitude, com a cabeça derrubada ao peito e os joelhos encostados á fronte. As formigas subiam-lhe pelo corpo; e os tuins adejavam em torno e pousavam-lhe na calva.

Poty poz a mão no craneo do ancião e conheceu que era finado; o guerreiro morrera de velhice. Então o chefe pytiguara entoou o canto da morte; e foi á cabana buscar o camocim que transbordava com as castanhas do cajú. Martin contou cinco vezes cinco mãos.

Emtanto Iracema colhia na floresta a andiroba, para ungir o corpo do velho que a mão piedosa do neto encerrou no camocim. O vaso funebre ficou suspenso ao tecto da cabana.

Depois que plantou ortiga á porta, para defender contra os animaes a oca abandonada, Poty despediu-se triste daquelles sitios, e tornou com seus companheiros á borda do mar.

A serra onde estava outrora a cabana tomou o nome de Maranguape; assim chamada porque ahi repousa o sabedor da guerra.

---

## XXIII

Quatro luas tinham aluminado o céu depois que Iracema deixara os campos do Ipú; e tres depois que ella habitava nas praias do mar a cabana de seu esposo.

A alegria morava em sua alma. A filha dos sertões era feliz, como a andorinha, que abandona o ninho de seus paes, e peregrina para fabricar novo ninho no paiz onde começa a estação das flôres. Tambem Iracema achara ali nas praias do mar um ninho do amor, nova patria para seu coração.

Como o colibri borboleteando entre as flores de acacia, ella discorria as amenas campinas. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao hombro do esposo e sorrindo, como a enredica que entrelaça o tronco ro-

busto, e todas a manhãs o corôa de nova grinalda.

Martim partia para caça com Poty. A virgem separava-se delle então, para sentir ainda mais ardente o desejo de ve-lo.

Perto havia uma formosa lagoa no meio de verde campina. Para lá volvia a selvagem o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã ; atirava se á agua, e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanans.

Os guerreiros pytiguaras, que appareciam por aquellas paragens chamavam essa lagôa Porangaba, ou lagôa da belleza, porque nella se banhava Iracema, a mais bella filha da raça de Tupan.

E desde esse tempo as mães vinham de longe mergulhar suas filhas nas aguas da Porangaba, que tinha a virtude de dar formozura ás virgens e faze-las amadas pelos guerreiros.

Depois do banho, Iracema divagava até as faldas da serra do Maranguab, onde nascia o ribeiro das marrecas, o Jererahú. Ali cresciam na frescura e na sombra as fructas mais

saborosas de todo o paiz ; dellas fazia a virgem copiosa provisão, e esperava embalando-se nas ramas do maracujá, que Martim tornasse da caça.

Outras vezes não era á Jererahú que a levava sua vontade, mas do opposto lado, á Sapiroanga, cujas aguas inflammavam os olhos, como diziam os pagés. Cerca d'ahi havia um bosque frondoso de muritys, que formavam no meio do taboleiro uma grande ilha de formosas palmeiras.

Iracema gostava do Murityapuá, onde o vento suspirava docemente ; ali espalpava ella o vermelho coco, para fabricar a bebida refrigerante, endossada com o mel da abelha ; e enchia della a iguçaba, destinada á estancar a sede dos guerreiros durante a maior calma do dia.

Uma manhã Poty guiou Martim á caça. Caminharam para uma serra, que se levanta ao lado da outra do Maranguab, sua irmã. O alto cabeça se curva a semelhança do bico adunco da arara ; pelo que os guerreiros a chamaram Aratanha. Elles subiram pela en-

costa da Guaitúba par onde as aguas descem para o valle, e foram até o correjo habitado pelas pacas.

Só havia sol no bico da arara, quando os caçadores desceram de Patacuba ao taboleiro. De longe viram Iracema, que viera espera-los á margem de sua lagoa da Porangaba. Caminhava para elles com o passo altivo da garça que passeia á beira d'agua : por cima da carioba trazia uma cintura das flores da maniva, que era o simbolo da fecundidade. Collar das mesmas cingia-lhe o collo e ornava os rijos seios palpitantes.

Travou da mão do esposo, e a impoz no regaço :

— Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ella será mãe de teu filho.

— Filho, dizes tu ? exclamou o christão em jubilo.

Ajoellou ali e cingindo-a com os braços, beijou o seio fecundo da esposa.

Quando elle ergueu-se, Poty fallou :

« A felicidade do manco é a esposa e o amigo ; a primeiro dá alegria ; o segundo

dá força. O guerreiro sem a esposa, é como a arvore sem folhas nem flores, nunca ella verá o fructo. O guerreiro sem amigo, é como a arvore solitaria que o vento açouta no meio do campo ; o fructo della nunca amadurece. A felicidade do varão é a prole, que nasce delle e faz seu orgulho ; cada guerreiro que sahe de suas veias é mais um galho que leva seu nome ás nuvens, como a grimpa do cedro. Amado de Tupan, é o guerreiro que tem uma esposa, um amigo e muitos filhos ; elle nada mais deseja sinão a morte gloriosa.

Martim uniu o peito ao peito de Poty :

— O coração do esposo e do amigo fallou por tua boca. O guerreiro branco é feliz, chefe dos Pytiguaras, senhores das praias do mar ; a felicidade nasceu para elle na terra das palmeiras, onde rescende a baunilha ; e foi gerada no sangue de tua raça, que tem no rosto a cor do sol. O guerreiro branco não quer mais outra patria, sinão a patria de seu filho e de seu coração.

Ao romper d'alva, Poty partiu para colher

as sementes de crajurú que dão a bella tinta vermelha, e a casca do angico de onde s'extrae a cor negra mais lustrosa. De caminho sua flecha certa abateu o pato selvagem que plainava nos ares. O guerreiro arrancou das azas as longas pennas, e subindo ao Mocaribe, rugiu a inubia. A refega que vinha do mar levou longe, bem longe, o rouco som. O buzio dos pescadores do Trahiry, e a trombeta dos caçadores do Soipé, responderam.

Martim banhou-se n'agua do rio, e passou na praia para secar o corpo ao vento e ao sol. Ao seu lado ia Iracema e apanhava o ambar amarello, que o mar arrojava. Todas as noites a esposa perfumava seu corpo e a alva rede, para que o amor do guerreiro se deleitasse nella.

Voltou Poty.

---

## XXIV

Foi costume da raça, filha de Tupan, que o guerreiro trouxesse no corpo as cores de sua nação.

Traçavam em principio negras riscas sobre o corpo, á semelhança do pello do coaty de onde procedeu o nome dessa arte da pintura guerreira. Depois variaram as côres ; e muitos guerreiros costumaram escrever os emblemas de seus feitos.

O estrangeiro tendo adoptado a patria da esposa e do amigo, devia passar por aquella cerimonia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupan. Nessa intenção fôra Poty se prover dos objectos necessarios.

Iracema preparou as tintas. O chefe, embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que

ornavam a grande nação pytiguara. Depois pintou na frente uma flecha e disse :

— Assim como a seta traspassa o duro tronco, assim o olhar do guerreiro penetra n'alma dos povos.

No braço pintou um gavião :

— Assim como o anajê cahe das nuvens, assim cahe o braço do guerreiro sobre o inimigo.

No pé esquerdo pintou a raiz do coqueiro :

— Assim como a pequena raiz agarra na terra o alto coqueiro, o pé firme do guerreiro sustenta seu corpo robusto.

No pé direito pintou uma aza :

— Assim como a aza da majoy rompe os ares, o pé veloz do guerreiro não tem igual na corrida.

Iracema tomou a rama da penna e pintou uma abelha sobre folha de arvores suas vos resouu entre sorrisos :

— Assim como a abelha fabrica o mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro.

Martim abriu os braços e os labios para receber corpo e alma da esposa.

— Meu irmão é um grande guerreiro da nação pytiguara : elle precisa de um nome na lingua de sua nação.

— O nome de teu irmão está em seu corpo, onde o poz tua mão.

— Coatiabo ! exclamou Iracema.

— Tu disseste ; eu sou o guerreiro pintado ; o guerreiro da esposa e do amigo.

Poty deu a seu irmão o arco e o tacapec, que são as armas nobres do guerreiro. Iracema havia tecido para elle o cocar e a arassoia, ornatos dos chefes illustres.

A filha de Araken, foi buscar á cabana as iguaras do festim e os vinhos de genipapo e mandioca. Os guerreiros beberam copiosamente e trançaram as dansas alegres. Durante que volviam em torno dos fogos da alegria, resoavam as canções.

Poty cantava.

— Como a cobra que tem duas cabeças em um só corpo, assim é a amizade de Coatiabo e Poty.

Acodiu Iracema.

— Como a ostra que não deixa o roche-

do, ainda depois de morta, assim é Iracema junto á seu esposo.

Os guerreiros disseram :

— Como o jatobá na floresta, assim é o guerreiro Coatiabo entre o irmão e a esposa, seus ramos abraçam os ramos do ubiratan, e sua sombra protege a relva humilde.

Os fogos da alegria arderam até que veio a manhã ; e com elles durou o festim dos guerreiros.

---

## XXV

A alegria ainda morou na cabana, todo o tempo que as espigas de milho levaram a amarellecer.

Uma alvorada, caminhava o christão pela borda do mar. Sua alma estava cansada.

O colibri sacia-se de mel e perfume ; depois adormece em seu branco ninho de algodão, até que volta no outro anno a lua das flôres. Como o colibri, a alma do guerreiro tambem satura-se de felicidade, e carece de somno e repouso.

A caça e as excursões pela montanha em companhia do amigo, as caricias da terna esposa que o esperavam na volta, e o doce carbeto no copiar da cabana, já não accordavam nelle as emoções de outr'ora. Seu coração resomnava.

Quando Iracema brincava pela praia, os olhos do guerreiro retiravam-se della para se estenderem pela immensidade dos mares.

Viram umas azas brancas, que adejavam pelos campos azues. Conheceu o christão que era uma grande igara de muitas velas, como construíam seus irmãos; e a saudade da patria apertou-lhe no seio.

Alto ia o sol; e o guerreiro na praia seguia com os olhos as azas brancas que fugiam. Debalde a esposa o chamou á cabana, debalde offereceu a seus olhos, as graças della e os fructos melhores do campo. Não se moveu o guerreiro, sinão quando a vela sumiu-se no horizonte.

Poty voltou da serra, onde pela primeira vez fôra só. Tinha deixado a serenidade na frente de seu irmão e achava ali a tristeza. Martim sahiu-lhe ao encontro :

— A igara grande do branco tapuia passou no mar. Os olhos de teu irmão a viram, que voava para as margens do Mea-  
rim, alliados dos Tupinambás, inimigos de tua e minha raça.

— Poty é senhor de mil arcos ; si é teu desejo elle te acompanhará com seus guerreiros ás margens do Mearim para vencer o Tapuilinga e seu amigo, o perfido Tupinambá.

— Quando fôr tempo, teu irmão te dirá.

Os guerreiros entraram na cabana, onde estava Iracema. A maviosa canção nesse dia tinha emmudecido nos labios da esposa. Ella tecia suspirando a franja da rede materna, mais larga e espessa que a rede do hymenco.

Poty, que a viu tão occupada, fallou :

— Quando a sabiá canta é o tempo do amor ; quando emmudece, fabrica o ninho para sua prole ; é o tempo do trabalho.

— Meu irmão falla como a ran quando annuncia a chuva ; mas a sabiá que faz seu ninho, não sabe se dormirá nelle.

A voz de Iracema gemia. Seu olhar buscou o esposo. Martin pensava : as palavras de Iracema passaram por elle, como a brisa pela face lisa da rocha, sem echo nem rumores.

O sol brilhava sempre sobre as praias do mar, e as areias reflectiam os raios ardentes; mas nem a luz que vinha do céo, nem a luz que reflectia da terra, espanicaram a sombra n'alma do christão. Cada vez o crepusculo era maior em sua frente.

Chegou das margens do rio das garças um guerreiro pytiguara, mandado por Jacaúna a seu irmão Poty. Elle veio seguindo o rasto dos viajantes até o Trahiry, onde os pescadores o guiaram á cabana.

Poty estava só no copiar; ergueu-se e abaixou a fronte para escutar com respeito e gravidade as palavras que lhe mandava seu irmão pela boca do mensageiro:

— O Tapuytinga, que estava no Mea-rim, veio pelas matas até o principio da Ibyapaba, onde fez alliança com Irapuam, para combater a nação pytiguara. Elles vão descer da serra ás margens do rio em que bebem as garças, e onde tú levantaste a taba de teus guerreiros. Jacaúna te chama para defender os campos de nossos pais: teu povo carece de seu maior guerreiro.

— Volta ás margens do Araracú e teu pé não descance enquanto não pizar o chão da cabana de Jacaúna. Quando ahí estiveres, dize ao grande chefe: — « Teu irmão é chegado á taba de seus guerreiros. » — E tú não mentirás.

O mensageiro partiu.

Poty vestiu suas armas, e caminhou para a varzea, guiado pelo passo de Coatiabo. Elle o encontrou muito além, vagando entre os canaviaes que bordam as margens de Aquiraz.

— O branco tapuia está na Ibyapaba para ajudar os Tabajaras á combater contra Jacaúna. Teu irmão corre a defender a terra de seus filhos, e a taba onde dormem o camocim de seu pai. Elle saberá vencer depressa para voltar á tua presença.

— Teu irmão parte contigo. Nada separa dois guerreiros amigos quando troa a inubia da guerra.

— Tú és grande como o mar e bom como o céu.

Abraçaram-se; e partiram com o rosto para as bandas do nascente.



## XXVI

, Caminhando, caminhando, chegaram os guerreiros á margem de um lago. que havia nos taboleiros.

O christão parou de repente e voltou o rosto para as bandas do mar : a tristosa sabiu de seu coração e subiu á frente.

— Meu irmão, disse o chefe, teu pé creou raiz na terra do amor ; fica, Poty voltará breve.

— Teu irmão te acompanha ; elle disse, e sua palavra é como a seta de teu arco, quando soa, é chegada.

— Queres tú que Iracema te acompanhe ás margens do Acaracú ?

— Nós vamos combater seus irmãos. A taba dos Pytiguaras não terá para ella mais

que tristeza e dôr. A filha dos tabajaras deve ficar.

— Que esperas então ?

— Teu irmão se afflige porque a filha dos tabajaras pôde ficar triste e abandonar a cabana, sem esperar por sua volta. Antes de partir elle queira socegar o espirito da esposa.

Poty reflectiu :

— As lagrimas da mulher amollecem o coração do guerreiro, como o orvalho da manhã amollece a terra.

— Meu irmão é um grande sabedor. O esposo deve partir sem ver Iracema.

O christão avançou. Poty mandou-lhe que esperasse ; da alvaja de setas que Iracema emplumára de pennas vermelhas e pretas, e suspendera aos hombros do esposo, tirou uma.

O chefe pytiguara vibrou o arco ; a seta rapida atravessou um goiamum que discorria pelas margens do lago ; só parou onde a pluma não a deixou mais entrar.

Fincou o guerreiro no chão a flecha, com a presa atravessada e tornou para Coatiabo.

— Podes partir. Iracema seguirá teu rasto ; chegando aqui verá tua seta, e obedecerá á tua vontade.

Martim sorriu : e quebrando un ramo do marcaujá, a flôr da lembrança, o entrelaçou na haste da seta, e partiu enfim seguido por Poty.

Breve desapareceram os dois guerreiros entre as arvores. O calor do sol já tinha secado seus passos na beira do lago. Iracema inquieta veio pela varzea seguindo o rasto do esposo até o taboleiro. As sombras doces vestiam os campos quando ella chegou á beira do lago.

Seus olhos viram a seta do esposo fincada no chão, o goiamum trespassado, o ramo partido, e encheram-se de pranto.

— Elle manda que Iracema ande para traz, como o goiamum, e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flôr todo o tempo até morrer.

A filha dos tabajaras retrahiu os passos lentamente, sem volver o corpo, nem tirar os olhos da seta de seu esposo ; depois tor-

nou a cabana. Ahi sentada á soleira, com a fronte nos joelhos esperou, até que o somno acalentou a dôr em seu peito.

Apenas alvorou o dia, ella moveu o passo rapido para a lagôa, e chegou a margem. A flecha lá estava como na vespera : o esposo não linha voltado.

Desde então á hora do banho, em vez de buscar a lagoa da belleza, onde outrora tanto gostara de nadar, caminhava para aquella, que vira seu esposo abandona-la. Sentava-se junto a flecha, até que descia a noite ; então recolhia a cabana.

Tão rapida partia de manhã, como lenta voltava á tarde. Os mesmos guerreiros que a tinham visto alegre nas aguas da Porangaba, agora encontrando-a triste e só, como a garça viuva, na margem do rio, chamavam aquelle sitio da Mecejana, que significa a abandonada.

Uma vez que a formosa filha de Araken, se lamentava á beira da lagoa da Mecejana, uma voz estridente gritou seu nome do alto da carnaúba :

— Iracema !... Iracema !...

Ergueu ella os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as azas, e arrufava as pennas com o prazer de vê-la.

A lembrança da patria, apagada pelo amor, resurgiu em seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipu; as encostas da serra onde nascera, a cabana de Araken, e teve saudades; mas naquelle instante, ainda não se arrependeu de os ter abandonado.

Seu labio gaseou um canto. A jandaia abrindo as azas, esvoaçou-lhe em torno e pousou no hombro. Alongando fagueira o collo, com o negro bico alison-lhe os cabellos e beliscou a boca mimosa e vermelha como a pitanga.

Iracema lembrou-se que tinha sido ingrata para a jandaia, esquecendo-a no tempo da felicidade; mas a jandaia vinha para a consolar agora no tempo da desventura.

Essa tarde não voltou só a cabana. Durante o dia seus dedos ageis teceram o formoso urú de palha que forrou da selva macia da

monguba para agasalhar sua companheira e amiga.

Na seguinte alvorada foi a voz da jandaia que a despertou. A linda ave, não deixou mais sua senhora ; ou porque depois da longa ausencia não se fartasse de a ver, ou porque advinhasse que ella tinha necessidade de quem a acompanhasse em sua triste solidão.

---

## XXVII

Uma tarde Iracema viu de longe dois guerreiros que avançavam pelas praias do mar. Seu coração palpitou mais apressado.

Instante depois ella esquecia nos braços do esposo tantos dias de saudade e abandono, que passara na solitaria cabana.

Martim e seu irmão haviam chegado a taba de Jacatuna, quando soava a inubia: elles guiaram ao combate os mil arcos de Poty. Ainda dessa vez os Tabajaras, apesar da alliança dos brancos tapuias do Mearim, foram levados de vencida pelos valentes Pyti-guaras.

Nunca tão disputada victoria e tão renhida pugna, se peçojou nos campos que regam o Acaracú e o Camocim; o valor era igual de parte á parte, e nenhum dos dois

povos fôra vencido, si o deus da guerra, o torvo Aresky não tivesse decidido dar estas plagas a raça do guerreiro branco, alliada dos Pytiguaras.

Logo apoz á victoria o christão tornara ás praias do mar, onde havia construido sua cabana e onde o esperava a torna esposa. Do navo sentiu em sua alma a sede do amor ; e tremia de pensar que Iracema houvesse partido, deixando ermo aquelle sitio tão povoado outrora pela felicidade.

Como a secca varzea, com a vinda do inverno, reverdece e se malisa de flores, a formosa filha do sertão com a volta do esposo reanimou-se ; e sua bellesa esmaltou-se de meigos e ternos sorrisos.

Outra vez sua graça encheu os olhos do christão ; e a alegria voltou a habitar em sua alma.

O christão amou a filha do sertão, como nos primeiros dias, quando parece que o tempo nunca poderá estancar o coração. Mas breves sóes bastaram para murchar aquellas flôres de uma alma exilada da patria.

O imbú, filho da serra, si nasce na varzea porque o vento ou as aves trouxeram a semente, vingá, achando boa terra e fresca sombra ; talvez um dia cope a verde folhagem e enllore. Mas basta um sopro do mar, para tudo murchar. As folhas lastram o chão ; as flôres, leva-as a brisa.

Como o imbú na varzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharam e fortaleceram durante algum tempo, mas agora longe de sua casa e de seus irmãos, sentia-se no ermo. O amigo e a esposa não bastavam mais á sua existencia, cheia de grandes desejos e nobres ambições.

Passava os já tão breves, agora longos sóes, na praia, ouvindo gemer o vento e solugar as ondas. Com os olhos engolphados na immensidade do horisonte, buscava, mas em balde, descobrir no azul diaphano a alvura de uma véla perdida nos mares.

Distante da cabana, se elevava á borda do oceano um alto morro de areia ; pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavam

os pescadores Jacarécanga. Do seio das brancas areias esdalcadãs pelo ardente sol, manava uma agua fresca e pura ; assim distilla a alma do seio da dôr lagrimas doces de allivio e consolo.

A esse monte subia o christão ; e lá ficava scismando em seu destino. As vezes lhe vinha á mente a idéa de tornar á sua terra e aos seus ; mas elle sabia que Iracema o acompanharia ; e essa lembrança lhe remordeu o coração. Cada passo mais que affastasse dos campos nativos a filha dos Tabajaras, agora que elle não tinha o ninho de seu coração para abrigar-se, era uma porção da vida que lhe roubava.

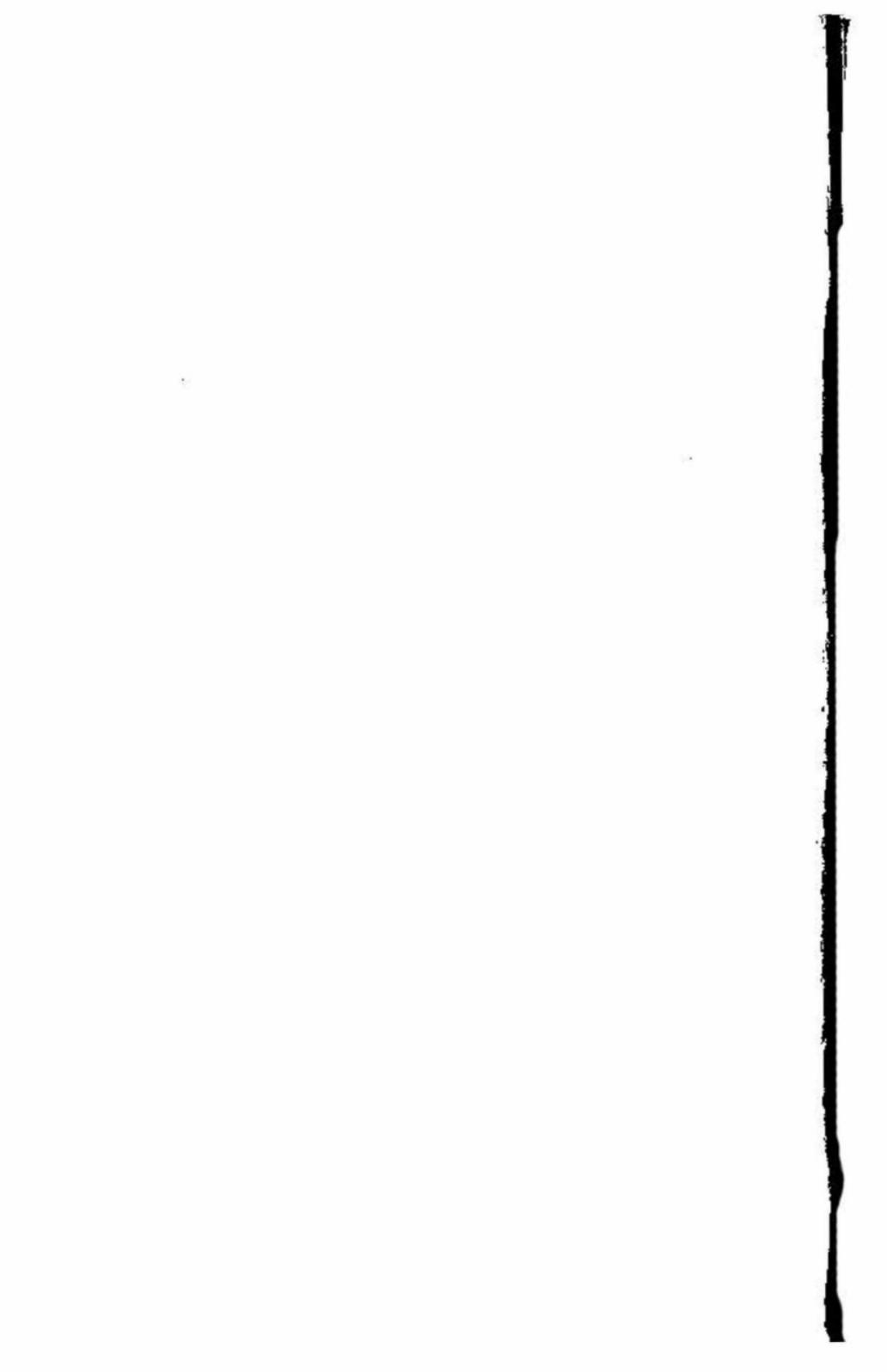
Poty conhece que Martim deseja estar só, e affasta-se discreto. O guerreiro sabe o que afflige a alma do seu irmão ; e tudo espera do tempo, porque só o tempo endurece o coração do guerreiro, como o cerne do jacarandá.

Iracema tambem foge dos olhos do esposo, porque já percebeu que esses olhos tão amados se turbam com a vista della, e em

vez de se encherem de sua belleza como outrora, a despedem de si. Mas seus olhos della não se cansam de acompanhar á parte e de longe o guerreiro senhor, que os fez captivos.

Ai da esposa!... Sentiu já o golpe no coração e como a copaiba ferida no amago, distilla as lagrimas em fio.

---



## XXVIII

Uma vez o christão ouviu dentro em sua alma o soluço de Iracema : seus olhos buscaram em torno e não a viram.

A filha de Araken estava além, entre as verdes moitas de ubaia, sentada na relva. O pranto desfiava de seu bello semblante ; e as gotas que rolavam a uma e uma cahiam sobre o regaço, onde já palpitava e crescia o filho do amor. Assim cahem as folhas da arvore viçosa antes que amadureça o fructo.

— O que espreme as lagrimas do coração de Iracema !

— Chora o cajueiro quando fica tronco secco e triste. Iracema perdeu sua felicidade, depois que te separaste della.

— Não estou eu junto de ti ?

— Teu corpo está aqui ; mas tua alma vòã á terra de teus pais, e busca a virgem branca, que te espera.

Martim doeu-se. Os grandes olhos negros que a indiana pousara nelle o tinham ferido no intimo.

— O guerreiro branco é teu esposo ; elle te pertence.

Sorriu em sua tristeza a formosa tabajara :

— Quanto tempo ha que retiraste de Iracema teu espirito ? D'antes, teu passo te guiava para as frescas serras e alegres taboleiros : teu pé gostava de pisar a terra da felicidade, e seguir o rasto da esposa. Agora só buscas as praias ardentes, porque o mar que lá murmura vem dos campos em que nasceste ; e o morro das arcias, porque do alto se avista a igara que passa.

— E' a ancia de combater o tupinambá que volve o passo do guerreiro para as bordas do mar : respondeu o christão.

Iracema continuou :

— Teu labio seccou para a esposa ; assim a canna, quando ardem os grandes sóes, perdo

O mel, e as folhas murchas não podem mais cantar quando passa a brisa. Agora só fallas ao vento da praia para que elle leve tua voz á cabana de teus pais.

— A voz do guerreiro branco chama seus irmãos para defender a cabana de Iracema e a terra de seu filho, quando o inimigo vier.

A esposa meneou a cabeça :

— Quando tu passas no taboleiro, teus olhos fogem do fructo do genipápo e buscam a flôr do espinheiro ; a fructa é saborosa, mas tem a côr dos Tabajaras ; a flôr tem a alvura das faces da virgem branca. Si cantam as aves, teu ouvido não gosta já de escutar o canto mavioso da graúna ; mas tua alma se abre para o grito do japim, porque elle tem as pennas douradas como os cabellos daquella que tu amas !

— A tristeza escurece a vista de Iracema, e amarga seu labio. Mas a alegria ha de voltar á alma da esposa, como volta á arvore a verde rama.

— Quando teu filho deixar o seio de Iracema, ella morrerá, como o abaty depois que

deu seu fructo. Então o guerreiro branco não terá mais quem o prenda na terra estrangeira.

— Tua voz queima, filha de Araken, como o sopro que vem dos sertões do Icó, no tempo dos grandes calores. Queres tu abandonar teu esposo?

— Não vêem teus olhos lá o formoso jacarandá, que vae subindo ás nuvens? A seus pés ainda está a secca raiz da murta frondosa, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Si ella não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto. Iracema é a folha escura que faz sombra em tua alma; deve cahir, para que a alegria alumie teu seio.

O christão cingiu o talhe da formosa india e a estreitou ao peito. Seu labio pousou no labio da esposa um beijo, mas aspero e morno.

---

## XXIX

Poty voltou do banho.

Segue na areia o rasto de Coatiabo, e sobe ao alto da Jacarécanga. Ahi encontra o guerreiro em pé no cabeço-do monte com os olhos alongados e os braços estendidos para os largos mares.

Volve o Pytiguara as vistas e descobre uma grande igara, que vem surcando os verdes mares, impellida pelo vento ;

— E' a grande igara dos irmãos de meu irmão que vem busca-lo ?

O christão suspirou :

— São os guerreiros brancos inimigos de minha raça, que buscam as praias da valente nação pytiguara, para a guerra da vingança : elles foram derrotados com os Tabajaras nas margens do Camocim ; agora vem com

seus amigos os Tupinambás pelo caminho do mar.

— Meu irmão é um grande chefe. Que pensa elle que deve fazer seu irmão Poty.

— Chama os caçadores de Soipé e os pescadores do Trahiry. Nós iremos a seu encontro.

Poty acordou a voz da inubia : e os dois guerreiros partiram ambos para o Mocaribe. Pouco além viram os guerreiros de Jaguarassú e Cameropim que corriam ao grito de guerra. O irmão de Jacaúna os avisou da vinda do inimigo.

A grande igara corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até as margens do Parahyba. A lua começava a crescer quando ella deixou as aguas do Mearim; ventos contrarios a tinham arrastado para os altos mares, muito além de seu destino.

Os guerreiros pytiguaras, para não espantarem o inimigo se occultam entre os cajueiros; e vão seguindo pela praia a grande igara : durante o dia avultam as brancas velas; de noite os fogos atravessam a ne-

grura do mar, como vagalumes perdidos na mala.

Muitos sóes caminharam assim. Passam além do Camocim, e afinal pisam as lindas ribeiras da enseada dos papagaios.

Poty manda um guerreiro ao grande Jacuína e se prepara para o combate. Martim, que subiu ao morro de areia, conhece que o maracatim vem abrigar-se no seio do mar; e avisa seu irmão.

O sol já nasceu; os guerreiros guaraciabas e os tupinambás seus amigos, correm sobre as ondas nas ligeiras pirogas e pojam na praia. Já formam o grande arco, e avançam como o cardume do peixe quando corta a correnteza do rio.

No centro estão os guerreiros do fogo, que trazem o raio; nas asas os guerreiros do Mearim que brandem o tacape.

Mas nação alguma jámais vibrou o arco certo, como a grande nação pytiguara; e Poty é o maior chefe, de quantos chefes empunharam a inubia guerreira. A seu lado caminha o irmão, tão grande chefe como

elle, e sabedor das manhas da raça branca dos cabellos do sol.

Durante a noite os Pytiguaras ficam na praia a forte caigara de espinho, e levantam contra ella um muro de areia, onde o raio esfria e se apaga. Ahi esperam o inimigo. Martim manda que outros guerreiros subam á copa dos mais altos coqueiros ; ali defendidos pelas largas palmas, esperam o momento do combate.

A sela de Poty foi a primeira que partiu, e o chefe dos guaraciabas o primeiro heroe que mordeu o pó na terra estrangeira. Rugem os trovões na destra dos guerreiros brancos ; mas os raios que disferem mergulham-se na areia, ou se perdem nos ares.

As selas dos pytiguaras, já cahem do céo, já voam da terra, e se embebem todas no seio do inimigo. Cada guerreiro tomba crivado de muitas flechas, como a presa que as piranhas disputam nas aguas do lago.

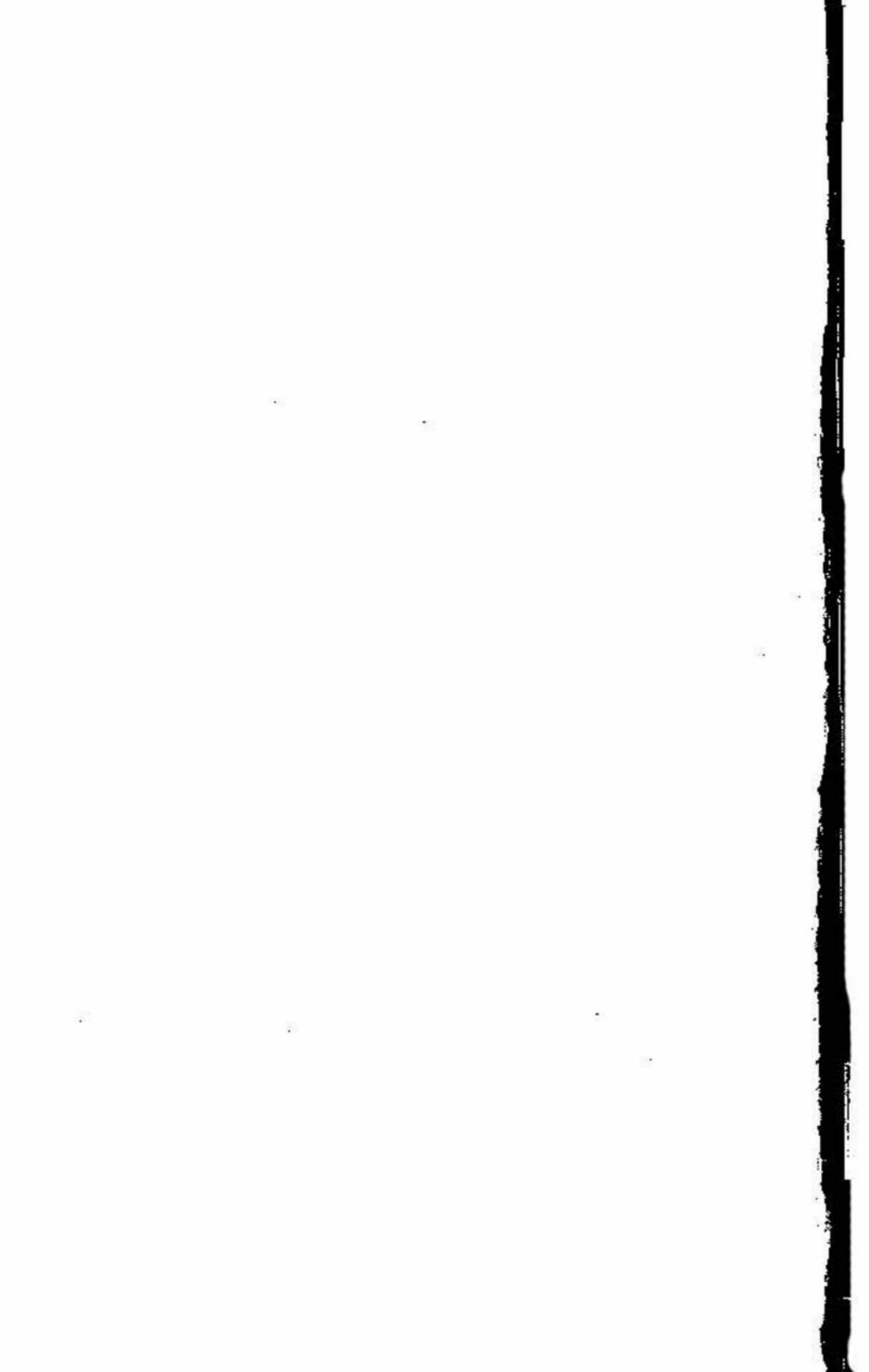
Os inimigos embarcam outra vez nas pirogas, e vollam ao maracatim em busca dos grandes e pesados trovões, que um homem só, nem dois, podem manejar.

Quando voltam, o chefe dos pescadores, que corre nas aguas do mar como o veloz camoropim, de que tomou o nome, se arroja nas ondas, e mergulha. Ainda a espuma não se apagara, e já a piroga inimiga se affundou, parecendo que a tragara uma baleia.

Veiu a noite, que trouxe o repouso.

Ao romper d'alva, o maracatim fugia no horisonte para as margens do Mearim. Jacaúna chegou, não mais para o combate e só para o festim da victoria.

Nessa hora em que o canto guerreiro dos pytiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho que o sangue da raça branca, gerou nessa terra da liberdade, via o luz nos campos da Porangaba.



### XXX

Iracema sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro.

Estreitou-se com a haste da palmeira. A dôr lacerou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou sua alma de jubilo.

A joven mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com elle arrojou-se ás aguas límpidas do rio. Depois suspendeu-o á teta mimosa; seus olhos o envolviam de tristeza e amor.

— Tu és Moacyr, o nascido de meu soffrimento.

A ará, pousada no olhô do coqueiro, repetiu Moacyr; e desde então a ave amiga unia em seu canto ao nome da mãe, o nome do filho.

O innocente dormia ; Iracema suspirava :

— A jaty fabrica o mel no tronco chei-  
roso do sassafráz ; toda a lua das flôres vòa  
de ramo em ramo, collhendo o suco para  
encher os favos ; mas ella não prova sua do-  
cura, porque a irara devora em uma noite  
toda a colmeia. Tua mãi tambem, filho de  
minha angustia, não beberá em teus labios  
o mel de teu sorriso.

A jozen mãi passou aos hombros a larga  
faxa de macio algodão, que fabricára para  
trazer o filho sempre unido ao fianco ; e  
seguiu pela areia o rasto do esposo, que á  
tres sóes se partira. Ella caminhava doce-  
mente para não despertar a criancinha,  
adormecida como o passarinho sob a asa  
materna.

Quando chegou junto ao grande morro  
das arcias, vio que o rasto de Martim e Poty  
seguia ao longo da praia ; e advinhou que  
elles eram partidos para a guerra. Seu cora-  
ção suspirou ; mas seus olhos seccos buscaram  
o semblante do filho.

Volve o rosto para o Moceribe.

— Tu és o morro da alegria ; mas para Iracema não fons sinão tristeza.

Tornando, a recente mãe pousou a criança adormecida na rede de seu pai, viuva e solitaria em meio da cabana ; e deitou-se ao chão, na esteira onde repousava, desde que os braços do esposo se não tinham mais aberto para recebe-la.

A luz da manhã entrava pela cabana, e Iracema viu entrar com ella a sombra de um guerreiro.

Cauby estava em pé na porta.

A esposa de Martim ergueu-se de um impeto e saltou avante para proteger o filho. Seu irmão levantou da rede á ella uns olhos tristes, e fallou com a voz ainda mais triste :

— Não foi a vingança que arrancou o guerreiro Cauby aos campos dos Tabajaras ; elle já perdoou. Foi a vontade de ver Iracema, que trouxe consigo toda sua alegria.

— Então bemvindo seja o guerreiro Cauby na cabana de seu irmão : respondeu a esposa abraçando-o.

— O nascido de teu seio dorme nesta rede ; os olhos de Cauby gostariam de vê-lo.

Iracema abriu a franja de pennas; e mostrou o lindo semblante da creança. Cauby depois que o contemplou por muito tempo, entre risos, disse :

— Elle chupou tua alma.

E beijou nos olhos da joven mãe, a imagem da criança, que não se animava a tocar, receioso de offendê-la.

A voz tremula da filha resouo :

— Ainda vive Araken sobre a terra?

— Pena ainda; depois que tú o deixaste, sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.

— Tu lhe dirás que Iracema já morreu, para que elle se console.

A irmã de Cauby preparou a refeição para o guerreiro, e armou no copiar a rede da hospitalidade para que elle repousasse das fadigas da jornada. Quando o viajante satisfez o apetite, ergueu-se com estas palavras :

— Diz onde está teu esposo e meu irmão, para que o guerreiro Cauby lhe dê o abraço da amizade.

Os labios suspirosos da misera esposa so

moveram, como as petalas do cacto que um sopro amarrota, e ficaram mudos. Mas as lagrimas debulharam dos olhos, e cahiram em bagas.

O rosto de Cauby annuviou-se.

— Teu irmão pensava que a tristeza ficára nos campos que abandonaste ; porque trouxeste contigo todo o riso dos que te amavam !

Iracema enxugou os olhos :

— O esposo de Iracema partiu com o guerreiro Poty para as praias do Acaracú. Antes que tres sóes tenham allumiado a terra elle voltará e com elle a alegria á alma da esposa.

— O guerreiro Cauby o espera para saber o que elle fez do sorriso que morava em seus labios.

A voz do tabajara enrouqueccêra ; seu passo inquieto volveu á esmo pela cabana.

---



## XXXI

Iracema cantava docemente, embalando a rêde para acalentar o filho.

A arcia da praia crepitou sob o pé forte e rijo do guerreiro tabajara, que vinha das bordas do mar depois da abundante pesca.

A joven mãe cruzou as franjas da rêde, para que as moscas não inquietassem o filho acalentado, e foi ao encontro do irmão :

— Cauby vai tornar ás montanhas dos tabajaras ! disse ella com brandura.

O guerreiro annuviou-se :

— Tú despedes teu irmão da cabana para que elle não veja a tristeza que a enche.

— Araken teve muitos filhos em sua mocidade ; uns a guerra levou e morreram como valentes ; outros escolheram uma esposa, e geraram por sua vez numerosa prole :

filho de sua velhice, Araken só teve dois. Iracema é a rôla que o caçador tirou do ninho. Só resta o guerreiro Cauby ao velho pagé, para suster seu corpo vergado, e guiar seu passo tremulo.

— Cauby partirá quando a sombra deixar o rosto de Iracema.

— Como a estrella que só brilha de noite, vive Iracema em sua tristeza. Só os olhos do esposo podem apagar a sombra em seu rosto. Parte, para que elles não se turvem com tua vista.

— Teu irmão parte para te fazer a vontade; mas elle voltará todas as vezes que o cajueiro florescer para sentir em seu coração o filho de teu ventre.

Entrou na cabana. Iracema tirou da rêde a criança; e ambos, mãe e filho, palpitarão sobre o peito do guerreiro tabajara. Depois, Cauby passou a portá, e sumiu-se entre as arvores.

Iracema, arrastando o passo tremulo, o acompanhou de longe até que o perdeu de vista na orla da mata. Ahi parou: quando o

grito da jandaia de envolta com o choro infantil, a chamou a cabana, a areia fria onde esteve sentada, guardou o segredo do pranto que embebêra.

A joven mãe suspendeu o filho a tela ; mas a boca infantil não emmudeceu. O leite escasso não apoiava o peito.

O sangue da infeliz diluía-se todo nas lagrimas incessantes que não lhe estancavam nos olhos ; pouco chegava aos seios, onde se fôrma o primeiro licor da vida.

Ella dissolveu a alva cariman e preparou ao fogo o mingão para nutrir o filho. Quando o sol dourou a crista dos montes, partiu para a mata, levando ao collo a criança adormecida.

Na espessura do bosque estava o leito da irara ausente ; os tenros cachorrinhos, grunhem enrolando-se uns sobre os outros. A formosa tabajara aproxima-se de manso. Prepara para o filho um berço da macia rama do maracujá ; e senta-se perto.

Põe no regaço um por um os filhos da irara ; e lhes abandona os seios mimosos,

cuja tela rubra como a pitanga ungiu do mel da abelha. Os cachorrinhos famintos sugam os peitos avaros de leite.

Iracema curte dôr, como nunca sentiu ; parece que lhe exhaurem a vida : mas os seios vão-se entumecendo ; apoiaram afinal, e o leite, ainda rubro do sangue de que se formou, esguicha.

A feliz mãe arroja de si os cachorrinhos, e cheia de jubilo mata a fome ao filho. Elle é agora duas vezes filho de sua dôr, nascido della e tambem nutrido.

A filha de Araken sentiu afinal que suas veias se estancavam ; e comtudo o labio amargo de tristeza recusava o alimento que devia restaurar-lhe as forças. O gemido e o suspiro tinham crestado o sorriso e o sabor em sua boca formosa.

---

## XXXII

Descamba o sol.

Japy sahe do mato e corre para a porta da cabana.

Iracema sentada com o filho no collo, banha-se nos raios do sol e sente o frio arripiar-lhe o corpo. Vendo o animal, fiel mensageiro do esposo, a esperança reanima seu coração ; quer erguer-se para ir ao encontro de seu guerreiro senhor, mas os membros debeis se recusam á sua vontade.

Cahiú desfallecida contra o esteio. Japy lambia-lhe a mão fria, e pulava travesso para fazer sorrir a creança, soltando uns doces latidos de prazer. Por vezes, afastava-se para correr até a orla da mata e latir cha-

mando o senhor ; logo tornava á cabana para festejar a mãe e o filho.

Por esse tempo pisava Martim os campos amarellos do Tauape : seu irmão Poty, o inseparavel, caminhava a seu lado.

Oito luas havia que elle deixara as praias da Jacarécanga. Vencidos os guarciabas, na bahia dos papagaios, o guerreiro christão quiz partir para as margens do Mearim, onde habitava o barbaro alliado dos Tupinambás.

Poty e seus guerreiros o acompanharam. Depois que transpuzeram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauátinga e banha as varzeas onde se pesca o piaú, viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do barbaro tapuia.

A raça de cabellos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos Tupinambás : crescia o numero dos guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca, para despedir o raio.

Quando Martim viu o que desejava, tornou aos campos da Porangaba, que elle

agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocoripe ; já lhe bafeja o rosto o sopro vivo das vagas do oceano.

Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar : e sente que sua alma vae soffrer, quando os olhos tristes e mageados da esposa, entrarem nella.

Ha muito que a palavra desertou seu labio secco ; o amigo respeita este silencio, que elle bem entende. E' o silencio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios.

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão, á chama-los, e o grito da ará, que se lamentava. Estavam mui proximos á cabana, apenas occulta por uma lingua de mato. O christão parou calcando a mão no peito para soffrear o coração, que sallava como o poraquê.

— O latido de Japy é de alegria ; disse o chefe.

— Porque chegou ; mas a voz da jandaia é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a

paz no seio da esposa solitaria, ou lerá a saudade matado em suas entranhas o fructo do amor ?

O christão moveu o passo vacillante. De repente, entre os ramos das arvores, seus olhos viram, sentada á porta da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão á brincar. Seu coração o arrojou de um impeto, e a alma lhe estalou nos labios.

— Iracema !...

A triste esposa e mãe sôabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pode erguer o filho nos braços, e apresenta-lo ao pai, que o olhava extatico em seu amor.

— Recebe o filho de teu sangue. Era tempo ; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe !

Pousando a creança nos braços paternos, a desventurada mãe desfalleceu como a jetyca si lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido seu bello corpo ; mas a formosura ainda morava nella, como o perfume na flôr cahida do manacá.

Iracema, não se ergueu mais da réde onde

a pousaram os afflictos braços de Martim. O lerno esposo, em quem o amor renascêra com o jubilo paterno, a cercou de caricias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar á vida ; o estame de sua flor se rompêra.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que falla entre seus cabellos.

O doce labio emmudeceu para sempre ; o ultimo lampejo despediu-se dos olhos baços.

Poty amparou o irmão na grande dôr. Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura ; é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratan, quando o copim lhe broca o amago.

O camocim, que recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoríferas, foi enterrado ao pé do coqueiro, á borda do rio. Martim, quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente :

— Iracema !

Desde então os guerreiros pyliguaras, que passavam perto da cabana abandonada e ouviam resoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio á chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

---

### XXXIII

O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no fragil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quiz deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.

O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da patria. Havia ahí a predes-tinação de uma raça?

Poly levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio e esperava o irmão que lhe promettêra voltar. Todas as manhãs subia ao morro dos areias e volvia os olhos ao mar para ver si branqueava ao longe a vela amiga.

Afinal volta Martim de novo ás terras, que

foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas arcias, em seu coração derramou-se um fogo, que o requemou : era o fogo das recordações que ardiam como a centelha sob as cinzas.

Só applacou essa chamma quando elle tocou a terra, onde dormia sua esposa ; porque nesse instante seu coração transudou, como o tronco de jelahy nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de lagrimas abundantes.

Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com elle a mairy dos christãos. Veiu tambem um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.

Poty foi o primeiro que ajoellhou aos pés do sagrado lenho ; não soffria elle que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração.

Elle recebeu com o baptismo o nome do santo, cujo era o dia ; e o do rei, a quem ia

servir ; e sobre os dous o seu, na lingua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde elle primeiro viu a luz.

A mairy que Martin erguera á margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem ; e o bronze sagrado resou nos valles onde rugia o maracá.

Jacaúna veio habitar nos campos da Porrengaba para estar perto de seu amigo branco ; Camarão erguera a taba de seus guerreiros nas margens da Mecejana.

Tempo depois, quando veio Albuquerque, o grande chefe dos guerreiros brancos, Martin e Camarão partiram para as margens do Mearim á castigar o feroz tupinambá e expulsar o branco tapuia.

Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as plagas onde fôra tão feliz, e as verdes folhas á cuja sombra dormia a formosa tabajara.

Muitas vezes ia sentar-se naquellas doces

areias, para seismar e acalentar no peito a agra saudade.

A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro ; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.

FIM

# NOTAS



## NOTAS

(Da 1.<sup>a</sup> edição)

---

*Argumento historico.* — Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Parahyba, partiu como capitão-mór de descoberta, levando uma força de 80 colonos e 800 indios. Chegou á fóz do Jaguaribe e ahí fundou o povoado que teve nome de *Nova-Lisboa*.

Foi esse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará.

Como Pero Coelho se visse abandonado dos socios, mandaram-lhe João Soromenho com soccorros. Esse official, authorisado a fazer captivos para indemnisação das despezas, não respeitou os proprios indios do Jaguaribe, amigos dos Portuguezes.

Tal foi a causa da ruina do nascente povoado. Retiraram-se os colonos, pelas hostilidades dos indigenas ; e Pero Coelho ficou ao desamparo, obrigado a voltar á Parahyba por terra, com sua mulher e filho pequenos.

Na primeira expedição foi do Rio Grande do Norte um moço de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos indios do littoral e seu irmão Poty. Em 1608 por ordem do D. Diogo de Menezes voltou a dar principio á regular colonisação daquella capitania : o que levou á effeito fundando o presidio de Nossa Senhora do Amparo em 1611.

Jacaúna que habitava as margens do Acaraet veio estabelecer-se com sua tribo nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os indios do interior e os francezes que infestavam a costa.

Poty recebeu no baptismo o nome de Antonio Phelippe Camarão, que illustrou na guerra hollandeza. Seus serviços foram remunerados com o foro de fidalgo, a commenda de Christo e o cargo de capitão-mór dos Indios.

Martim Soares Moreno, chegou a mestre de campo e foi um dos excellentes cabos portuguezes que libertaram o Brazil da invasão hollandeza. O Ceará deve honrar sua memoria como a de um varão prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado á foz do rio Jaguaribe não passou de uma tentativa frustrada.

Este é o argumento historico da lenda ; em notas especiaes se indicarão alguns outros subsidios recebidos dos chronistas do tempo.

Ha uma questão historica relativa a este assumpto ; fillo da patria do Camarão, que um escriptor pernambucano quiz pôr em duvida, tirando a gloria ao Ceará para a dar á sua provincia.

Este ponto aliás sómente contestado nos tempos modernos pelo Sr. commendador Mello em suas *Biographias*, me parece sufficientemente elucidado já, depois da erudita carta do Sr. Basilio Quaresma Torreão, publicada no *Mercantil* n. 26 de 26 de Janeiro de 1860, 2ª pagina.

Entretanto farei sempre uma observação.

Em primeiro lugar a tradição oral é uma fonte importante da historia, e ás vezes a mais pura e verdadeira. Ora na provincia de Ceará, em Sobral, não só referiam-se entre gente do povo noticias do Camarão, como existia uma velha mulher que se dizia delle sobrinha. Essa tradição foi colhida por diversos escriptores, entre elles o conspicuo autor da *Corographia Brasílica*. O author do *Valeroso Lucideno* é dos antigos o unico que positivamente affirma ser Camarão fillo de Pernambuco ; mas além de encontrar este asserto a versão de outros escriptores de nota, acresce que Berredo explica perfectamente o dito daquelle escriptor, quando falla da expedição de Pero Coelho de Souza a Jaguaribe, *nittio naquelle tempo e tambem no de hoje da jurisdição de Pernambuco.*

Outro ponto é necessario esclarecer para que não me censurem de infiel á verdade historica. E' a nação de Jacaúna e Camarão que alguns pretendem ter sido a tabajara.

Ha nisso manifesto engano.

Em todas as chronicas se falla das tribus de Jacaúna e Camarão, como habitantes do littoral, e tanto que auxiliam a fundação do Ceará, como já haviam auxiliado a da Nova Lisboa em Jaguaribe. Ora a nação, que habitava o littoral entre o Paranahyba e o Jaguaribe ou Rio-Grande, era a dos Pityguaras, como attesta Gabriel Soares. Os Tabajaras habitavam a serra de Ibyapaba, e portanto o interior.

Como chefes dos Tabajaras são mencionados Mo Redondo no Ceará e Grão Deabo em Piauhy. Esses chefes foram sempre inimigos irreconciliaveis e rancorosos dos portuguezes, e alliados dos francezes do Maranhão que penetraram até Ibyapaba. Jacaúna e Camarão são conhecidos por sua alliança firme com os portuguezes.

Mas o que solve a questão é o seguinte texto. Vê-se nas *memorias diarias* da guerra brasilica do conde de Pernambuco : — « 1834, Janeiro, 48 : — Pelo bom procedimento com que havia servido a Ph. Camarão o fez El-rei capitão-mór de todos os indios não sómente de sua nação, que era Pityguara, mas das outras residentes em varias aldeias. »

Esta autoridade, além de contemporanea, testemunhal, não pode ser recusada, especialmente quando se exprime tão positiva e intencionalmente a respeito do ponto duvidoso.

---

PAG. 1.

*Onde cantu a jandaia.* — Diz a tradição que Ceará significa na lingua indigena — *canto de jandaia*.

Ayres do Casal, Congraphia Brasilica, refere essa tradição. O senador Pompêo em seu excellente dictionario topographico menciona uma opinião, nova para mim, que pretende vir *Siará* da palavra *ruia-caça*, em virtude da abundancia da caça que se encontrava nas margens do rio. Essa etymologia é forçada. Para designar quantidade, usava a lingua tupy da desinencia *iba*; a desinencia *ára* junta aos verbos designa o sujeito que exercita a acção actual; junta aos nomes o que tem actualmente o objecto — exp. *Coatyara* — o que pinta. — *Jussara* — o que tem espinho.

*Ceará* é nome composto de *cemo*-cantar forte, chamar, e *ara*-pequena arara ou periquito. Essa é a etymologia verdadeira, não só é conforme á tradição, como ás regras da lingua tupy.

---

PAG. 2.

I. *Giraó*. — Na jangada é uma especie de estrado onde accommodam os passageiros : ás vezes o cobrem com tecto de palha. Em geral é qualquer estiva elevada do solo e suspensa em forquilhas.

---

PAG. 5.

I. *Iracema*. — Em guarany significa labios de mel, de *ira*-mel, e *tembe*-labios. *Tembe* na composição altera-se em *ceme*, como na palavra *cemyba*.

II. *Graúna* é o passaro conhecido, de cor negra e luzidia. Seu nome vem por corrupção de *guirã* passaro e *una*-abreviação de *pizuma*-preto.

III. *Joty*. — Pequena abelha que fabrica delicioso mel.

IV. *Ipiú*. — Chamam ainda hoje no Ceará certa qualidade de terra muito fértil, que forma grandes corôas ou ilhas no meio dos taboleiros e sertões, e é de preferencia procurada para a cultura. Dahi se deriva o nome dessa comarca da provincia.

V. *Tabajara*. — Senhor das aldeias — de *taba*-aldeia, e *jara*-senhor. Essa nação dominava o interior da provincia, especialmente a Serra da *Ibyapaba*.

---

PAG. 6.

I. *Oitycica*. — Arvore frondosa, apreciada pela deliciosa frescura que derrama sua sombra.

II. *Gará*. — Ave palludal, muito conhecida pelo nome de *guará*. Penso eu que esse nome anda corrompido de sua verdadeira origem que é *ig-agua* e *ará-arára*; arara d'agua, assim chamada pela bella cor vermelha.

III. *Ará*. — periquito. Os indigenas como augmentativo usavam repetir a ultima syllaba da palavra e ás vezes toda a palavra, como *murémuré*. *Muré*-fruta, *murémuré*-grande fruta. *Arára* vinha a ser pois o augmentativo de *ará*, e significaria a especie maior do genero.

IV. *Urú*. — Cestinho que servia de cofre ás selvagens para guardar seus objectos de mais preço e estimação.

V. *Crautá*. — Bromelia vulgar, do que se tiram lbras tanto ou mais finas do que as do linho.

VI. *Jussara*. — Palmeira de grandes espinhos, dos quaes servem-se ainda hoje para dividir os fios de renda.

---

PAG. 7.

I. *Uiraçaba*. — aljava, de *uira*-seta e a desinencia *caba*-cousa propria.

II. *Quebrar a frecha*. — Era entre os indigenas a maneira symbolica de estabelecerem a paz entre as diversas tribus, ou mesmo entre dois guerreiros inimigos. Desde já advertimos que não se extranhe a maneira porque o estrangeiro se exprime fallando com os selvagens : ao seu perfeito conhecimento dos usos e lingua dos indigenas, e sobretudo a ter-se conformado com elles ao ponto do deixar os trajos europeos e pintar-se, deveu Martim Soares Moreno a influencia que adquiriu entre os indios do Ceará.

---

PAG. 10.

*Ibyapaba*. — Grande serra que se prolonga ao norte da provincia e a extrema com Piauhy. Si-

gnifica terra tonada ou á pique. O Dr. Martius em seu *glossario* lhe attribue outra etymologia, *Iby-terra* e *pabe-tudo*. A primeira porém tem a authoridade de Vieira.

---

PAG. 11.

*Igaçaba* — vazo, pote, de *ig-agua* e a desinencia *çaba-cousa propria*.

II. *Vieste*. — A saudação usual da hospitalidade era esta. — *Ere ioubé-tu yieste ? Pa aiotu-vim*, sim. *Auge-be-bem* dito. Veja-se Lery, pag. 286.

---

PAG. 12.

I. *Jaguaribe* — maior rio da provincia ; tirou o nome da quantidade de onças que povoavam suas margens. *Jaguar-onça* e *iba*-desinencia para exprimir cópia, abundancia.

II. *Martim*. — Da origem latina de seu nome, procedente de Marte, deduz o estrangeiro a significação que lhe dá.

III. *Pytiguaras*. — Grande nação de indios que habitava o littoral da provincia e estendia-se desde

o Parnayba até o Rio Grande do Norte. A orthographia do nome anda mui viciada nas differentes versões pelo que se tornou difficil conhecer a etymologia.

*Iby* significa terra; *iby-tira* veio a significar serra, ou terra alta. Aos valles chamavam os indigenas *iby-tira-cua* — cintura das montanhas. A desinencia, *jara-senhor*, acrescentado, formou a palavra *Ibyticuara*, que por corrupção deu *Pytiguara* — senhores dos valles.

IV. *Mão espirito da floresta*. Os indigenas chamavam á esses espiritos *caa-pora*, habitantes da mata, donde por corrupção veio a palavra caipora introduzida na lingua portugueza em sentido figurado.

PAG. 13.

*As mais bellas mulheres*. — Este costume da hospitalidade americana é attestado pelos chronistas. A elle se attribue o bello rasgo de virtude de Anchieta, que para fortalecer a sua castidade, compunha nas praias de Iperoig o poema da *Virgindade de Maria*, cujos versos escrevia nas areias humidas, para melhor os polir.

PAG. 14.

I. *Jurema*. — Arvore mean, de folhagem espessa; dá um fructo excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual juntamente com as folhas e outros ingredientes preparavam os selvagens uma bebida, que tinha o effeito do hatchis, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa sentia com delicias e como si fossem realidade, as allucinações agradaveis da fantasia excitada pelo narcotico. A fabricação desse licôr era um segredo, explorado pelos pagés, em proveito de sua influencia. *Jurema* é composto de *ju*-espinho e *rema*-cheiro desagradavel.

II. *Irapuam* — de *ira*-mel e *apuam*-redondo : é o nome dado á uma abelha virulenta e brava, por causa da fórma redonda de sua colmea. Por corrupção reduziu-se esse nome actualmente á *arapuá*. O guerreiro de que se trata aqui é o celebre Mel-redondo chefe dos tabajaras da serra Ibyapaba ; foi encarniçado inimigo dos portuguezes, e amigo dos francezes.

III. *Acaracú*. — O nome do rio vem de *acará*-garça, *co*-buraco, *toca*, *ninho*, e *y*-som dubio entre *i* e *u*, que os portuguezes, ora-exprimiam de um, ora de outro modo, significando *agua*. Rio do ninho das garças, é pois a traducção de *Acaracú*.

IV. *Estrella morta*. — A estrella polar por causa de sua immobildade ; orientavam-se por ella os selvagens durante a noite.

PAG. 15.

I. *Boicininga* — é a cascavel, de *boio-cobra*, e *cinga-chocalho*.

II. *Oitibó* — é uma ave nocturna, especie de coruja, outros dizem noitibó.

PAG. 16.

I. *Espirito da treva*. — A esses espiritos chamavam os selvagens *curupira*, meninos máos, de *curumim-menino*, e *pira-mão*.

II. *Boré* — frauta de bambú, o mesmo que muré.

III. *Ocara* — praça circular que ficava no centro da taba, cercada pela estacada, e para a qual abriam todas as casas. Composto de *oca-casa*, e a desinencia *ara*-que tem ; aquillo que tem a casa, ou onde a casa está.

PAG. 18.

I. *Potyguara* — comedor de camarão ; de *poty* e *uara*. Nome que por desprezo davam os inimigos aos Pytiguaras, que habitavam as praias e viviam em grande parte de pesca.

Este nome dão alguns escriptores aos pytiguaras, porque os receberam de seus inimigos.

II. *Pocema* — grande alarido que faziam os selvagens nas occasiões da alegria ; é palavra adoptada já na lingua portugueza e inserida no dictionario de Moraes. Vem de *po*-mão, e *como*-clamar ; clamar das mãos, porque os selvagens acompanhavam o vozear com o bater das palmas e das armas.

---

PAG. 19.

*Andira* — morcego : é em allusão á seu nome que Irapuam dirige logo palavras de desprezo ao velho guerreiro.

PAG. 21.

*Aracaty.* — Significa este nome bom tempo de *ara* e *catú*. Os selvagens do sertão assim chamavam as brisas do mar que sopram regularmente ao cair da tarde, e correndo pelo valle do Jaguaribê se derramam pelo interior e refrigeram da calma abrasadora do verão. Dahi resultou chamar-se *Aracaty* o lugar de onde vinha a monção. Ainda hoje no leó o nome é conservado a brisa da tarde, que sopra do mar.

---

PAG. 27.

*Aflar.* — A respeito d'esta palavra lia-se na 1ª edição desta obra a nota seguinte :

« Sobre este verbo que introduzi na lingua portugueza do latim *afllo*, já escrevi o que entendi em nota de uma segunda edição da *Diva* que brevemente ha de vir a luz. »

Completo equívoco de minha parte ; pois o verbo foi usado por Mousinho e o padre Bernardes.

---

PAG. 28.

*Anhanga*. — Davam os indigenas este nome ao espirito do mal; compõe-se de *anho-só* e *anga-alma*. Espirito só, privado de corpo, fantasma.

---

PAG. 33.

*Camocim* — vaso onde encerravam os indigenas os corpos dos mortos e que lhes servia de tumulo; outros dizem *camotim*, e talvez com melhor orthographia, porque si não me engano o nome é corrupção da fraze *co-buraco*, *ambyrá-defunto*, *anohtim* — enterrar; buraco para enterrar defunto — *c'amotim*. O nome dava-se tambem á qualquer pote.

---

PAG. 36.

I. *Andiroba*. — Arvore que dá um azeite amargo.

II. *Cabellos do sol*. — Em tupy *guaraciaba*. Assim chamavam os indigenas aos europeus que tinham os cabellos louros.

---

PAG. 37.

*Capoeira.* — Corruptela de *caa-apuam-era* que significa — ilha de matto já cortado uma vez.

— — —

PAG. 40.

I. *Moquem.* — Do verbo *mocáem*-assar na labareda. Era a maneira porque os indigenas conservavam a caça para não apodrecer, quando a levavam em viagem. Nas cabanas a tinham no funeiro.

II. *Senhor do caninho* — assim designavam os indigenas ao guia, de *py-caninho* e *quara-senhor*.

PAG. 41.

*O dia vai ficar triste.* — Os tupys chamavam a tarde *carúca*, segundo o dicionario; segundo Lery, *che caruc ary*, significa — « estou triste. » Qual destes era o sentido figurado da palavra? Tiraram a imagem da tristeza, da sombra da tarde, ou a imagem do crepusculo do torvamento do espirito?

— — —

PAG. 42.

I. *Jurupary* — demonio ; de *juru*-boca, e *ápava*-torto, alejado. O boca torta.

II. *Ubaia* — fructa conhecida da especie eugenia. Significa fructa saudavel, de *uba*-fructa e *oia*-saudavel.

PAG. 46.

I. *Jandaia*. — Este nome que anda escripto por diversas maneiras, *nhendoia*, *nhandaia*, e em todas alterado, é apenas um adjectivo qualificativo do substantivo *ará*. Deriva-se elle das palavras *nheng*-fallar, *antan*-duro, forte, aspero, e *ara*-desinencia verbal que exprime o agente ; *nh' ant' ara* ; substituido o *t* por *d* e o *r* por *z*; tornou-se *nhandaia*, donde *jandaia*, que se traduzirá por periquito grasnador.

Do canto desta ave, como se viu, é que vem o nome de Ceará, segundo a etymologia que lhe dá a tradicção.

II. *Inhuma*. — Ave nocturna palamedea. A especie de que se falla aqui é a palamedea chavaria, que canta regularmente a meia-noite. A orthographia melhor creio ser *anhuma*, talvez de *anho*-só, e

*anum-ave* agourcira conhecida. Significaria então *anum solitario*, assim chamado pela tal ou qual semelhança do grito desagradavel.

---

PAG. 49.

*Inubia*. — Trombeta de guerra. Os indigenas, segundo Lery, as tinham tão grandes que mediam muitos palmos no diametro da abertura.

---

PAG. 51.

*Guará*. — Cão selvagem, lobo brasileiro. Provem esta palavra do verbo *u-comer*, do qual se forma com o relativo *G* e a desinencia *ara* o verbal *g-u-ára* comedor. A syllaba final longa é a particula propositiva *á* que serve para dar força a palavra.

*G-u-dra-á*, realmente comedor, voraz.

---

PAG. 52.

*Giboa*. — Cobra conhecida : de *gi-machado* e *boia-cobra*. O nome foi tirado da maneira porque a

serpente lança o hote, semelhante ao golpe do machado ; póde traduzir-se bem, cobra de arremesso.

---

PAG. 53.

I. *Sucury*. — A serpente gigante que habita nos grandes rios e engole um boi. De *Suu*-animal e *cury* ou *curu*-roncador. Animal roncador, porque de feito o ronco da *sucury* é medonho.

II. *Si é que tens sangue e não mel*. — Allusão que faz o velho Andira ao nome de Irapuam, o qual como se disse significa mel redondo.

---

PAG. 54.

*Ouve seu trovão*. — Todo esse episodio do rugido da terra é uma astucia, como usavam os pagés e os sacerdotes dessa nação selvagem para fascinar a imaginação do povo. A cabana estava assentada sobre um rochedo, onde havia uma galeria subterranea que communicava com a varsea por estreita abertura ; Araken tivera o cuidado de tapar com grandes pedras as duas aberturas, para occultar a gruta dos guerreiros. Nessa occasião a fenda inferior estava aberta e o Pagé o sabia ; abrindo a

fenda superior, o ar encanou-se pelo antro espiral com estridor medonho, e de que póde dar uma idéa o sussurro dos caramujos. O facto é pois natural; a apparencia sim é maravilhosa.

---

PAG. 53.

I. *Maraca*. — Pendão de guerra, de *maran-combate*, e *aca-chifre*, ponta. O maraca servia de estandarte aos tupys.

II. *Abaty n'agua*. — Abaty e o nome tupy do arroz; *tracena* serve-se da imagem do arroz que só vicia no alagado, para exprimir sua alegria.

---

PAG. 71.

*Ubiratan*. — Páo ferro, de *ubira-páo* é *antanduro*.

---

PAG. 72.

I. *Maracajá*. — Gato selvagem de pelle mosqueada.

II. *Caetetus*. — Porco do mato, especie de javali brasileiro. De *caeté*-mato grande e virgem, e *suu*-caça, mudado o *s* em *t* na composição pela euphonia da lingua. Caça do mato virgem.

III. *Jaguar*. — Vimos que *guará* significa voraz. Jaguar tem inquestionavelmente a mesma etymologia ; é o verbal *guara* e o pronome *ja*-nós. Jaguar era pois para os indigenas todos os animaes que os devoravam. *Jaguareté* o grande devorador.

IV. *Anagá*. — Gavião.

---

PAG. 75.

*Acauan*, ave inimiga das cobras — de *caa* páu e *uan* do verbo *u*-comer. Diz Ayres do Casal que lhe vem o nome do grito que solta.

---

PAG. 78.

*Sahy*. — Lindo passaro do qual ha varias especies, sendo a mais graciosa a do *sahicé* tanto pela plumagem como pelo canto.

---

PAG. 80.

I. *A' cintura da virgem.* — Os indigenas chamavam a amante possuida-*aguaçaba*, de *aba*-homem, *cua*-cintura, *çaba*-cousa propria; a mulher que o homem cinge, ou traz á cintura. Fica pois claro o pensamento de Iracema.

II. *Carioba.* — Camisa de algodão, de *cary*-branco, e *oba*-roupa. Tinham tambem a *arassoia* de *arára* e *oba*, vestido de pennas de arara.

---

PAG. 83.

*Jacy.* — A lua. Do pronome *já-nós*, e *cy-mãe*. — A lua exprimia o mez para os selvagens; e seu nascimento era sempre por elles festejado.

---

PAG. 84.

*Fogos da alegria.* — Chamavam os selvagens *tory*, os fachos ou logos; e *toryba*, alegria, festa, grande copia de fachos.

---

PAG. 85.

*Bucan.* — Significa uma especie de grelha que os selvagens faziam para assar a caça ; dahi vem o verbo francez *boucaner*. A palavra provem da lingua tupy ou guarany.

---

PAG. 91.

*Abaetè.* — Varão abalisado; de *aba*-homem e *etè*-forte, egregio.

---

PAG. 96.

I. *Jacaína.* — Jacarandá preto, de *jaca* abreviação de jacarandá, e *una*-preto. Este Jacaína é o celebre chefe, amigo de Martin Soares Moreno.

II. *Coandú.* — Porco espinho.

---

PAG. 97.

*Seu collar de guerra.* — O collar que os selvagens faziam dos dentes dos inimigos vencidos era um braço e trophéo de valentia.

---

PAG. 102.

I. *Japy.* — Significa, nosso pé, do pronome *ja-nós*, e *py-pé*.

II. *Ibyapina.* - De *Iby-terra* e *apino-tosquiar*.

III. *Jatobá* — grande arvore real. O lugar da scena é o sitio da hoje Villa Viçosa, onde diz a tradição ter nascido Camarão.

---

PAG. 108.

I. *Meruoca.* — De *meru-mosca*, e *oca-casa*. Serra junto de Sobral fertil em mantimentos.

II. *Uruburetama* — patria ou ninho de urubús: serra bastante alta.

III. *Mundahu* — rio muito tortuoso que nasce na serra de Uruburetama. *Munié-cilada*, e *hu-rio*.

---

PAG 109.

*Potengi* — rio que rega a cidade do Natal, donde era filho Soares Moreno.

---

PAG. 111.

*As saborosas trahiras.* — E' o rio Trahiry trinta leguas ao norte da capital. De *trahira* peixe e *y*-rio. Hoje é povoação e districto de paz.

---

PAG. 111.

I. *Piroquara* — de *pira*-peixe e *coara*-toca.

II. *Soipé* — paiz da caça. De *Sóo*-caça e *ipe*-lugar onde. Diz-se hoje Siupé, rio e povoação pertencente á freguezia e termo da Fortaleza, situada á margem dos alagados chamados Jaguarussú na embocadura do rio.

III. *Cauipe*. — De *cavim*-vinho de cajú e *ipe*-lugar onde.

---

PAG. 97.

I. *Rio que forma um braço de mar.* — É o *Par-nahyba*, rio de Piauíhy. Vem de *Pará-mar*, *nhanhe-correr* e *hyba-braço*; braço corrente do mar. Geralmente se diz que *Pará* significa rio e *Paraná* mar; é inteiramente o contrario.

II. *Mocoripe* — morro de arcia na enseada do mesmo nome á uma legua da Fortaleza. Vem de *Corib-alegrar* e *mo*, particula ou abreviatura do verbo *monhang-fazer*, que se junta aos verbos neutros e mesmo activos para dar-lhes significação passiva — exp. *cancon*, affligir-se, *mocancon* fazer alguém afflicto.

PAG. 115.

I. *Branços tapuias*—em tupy, *tapuitinga*. Nome que os Pytiguaras davam aos francezes para differença-los dos Tupinambás. *Tapuia*, significa barba-ro, inimigo. De *taba*-aldeia e *puyr*-fugir; os fugi-dos da aldeia.

II. *Mairy* — cidade. Talvez provenha o nome de *mair* estrangeiro, e fosse applicado aos povoados dos brancos em opposição ás tabas dos indios.

PAG. 119.

I. *Batuieté* — narseja illustre, de *batuira* e *eté*. Appellido que tomara o chefe pytiguara, e que na linguagem figurada valia tanto como valente nadador. E' o nome de uma serra fertilissima e da comarca que ella occupa.

II. *Suas estrellas eram muitas*. — Contavam os indigenas os annos pelo nascimento das pleiades no oriente; e tambem costumavam guardár uma castanha de cada estação de cajú, para marcar a idade.

III. *Jatobá* — arvore frondosa, talvez de *jetahy*, *oba-folha* e *a*, augmentativo; *jetahy* de grande copa. E' nome de um rio e de uma serra em S. Quiteria.

---

PAG. 120.

*Quixeramobim*, segundo o Dr. Martins traduz-se por essa exclamação de saudade. Compõe-se de *Qui-ah*, *xere-meus*, *amóbinhé*-outros tempos.

---

PAG. 121.

I. *Caminho das garças.* — Em tupy *Acarape*, povoação na freguezia de Baturite á nove leguas da capital.

II. *Maranguab.* — A serra da Maranguape distante cinco leguas da capital, e notavel pela sua fertilidade e formosura. O nome indigena compõe-se de *maran-guerrear* e *couab-sabedor*; *maran*, talvez seja abreviação de *maramonhang*, fazer guerra, si não é, como eu penso, o substantivo simples guerra, de que se fez o verbo composto. O Dr. Martius traz etymologia diversa, *Mara-arvore*. *angai*-de nenhuma maneira, *guabe-comer*. Esta etymologia nem me parece propria do objecto que é uma serra, nem conforme com os preceitos da lingua.

---

PAG. 122.

*Pirapora.* — Rio de Maranguape, notavel pela frescura de suas aguas e excellencia dos banhos chamados da Pirapora, no lugar das cachoeiras. Provem o nome de *Pira-peixe*, *pore-salto*: salto do peixe.

PAG. 123.

*O gavião branco.* — Batuiretê chama assim o guerreiro branco, ao passo que trata o neto por nar-seja : elle prophetisa nesse paralelo a destruição de sua raça pela raça branca.

---

PAG. 126.

I. *Porangaba* — significa belleza. E' uma lagoa distante da cidade uma legua em sitio aprasivel. Hoje a chamam Arronches; em suas margens está a decadente povoação do mesmo nome.

II. *Jererahu* — rio das marrecas; de *jerere* ou *irêré-marreca*, e *hu-agua*. Este lugar ainda hoje é notavel pela excellencia da fructa, com especialidade as bellas laranjas conhecidas por *laranjas de Jererahu*.

---

PAG. 127.

I. *Sapiranga* — lagoa no sitio Alagadiço Novo, a cerca de 2 leguas da capital. O nome indigena

significa olhos vermelhos, de *ceça-olhos* e *piranga-vermelhos*. Esse mesmo nome dão usualmente no norte a certa ophthalmia.

II. *Murityapivi* — de *aurity*, nome da palmeira mais vulgarmente conhecida por *burity* e *apuatimilha*. Lugarejo no mesmo sitio referido.

PAG. 128.

I. *Aratanha* — de *arára-ave* e *tanha-bico*. Serra mui fertil e cultivada em continuação da de Maranguape.

II. *Pacatuba* — de *paca* e *tuba*, leito ou couto das pacas. Recente, mas importante povoação, em um bello valle da serra da Aratanha.

III. *Guayúba*. — De *guia-valle y-agua*, *jur-vir*, *be-por onde*; por onde vem as aguas do valle. Rio que nasce na serra da Aratanha e corta a povoação do mesmo nome á seis leguas da capital.

PAG. 130.

*Ambar*. -- As praias do Ceará erão nesse tempo muito abundantes de ambar que o mar arrojava. Chamavam-lhe os indigenas. *Pira repoti*-esterco de peixe.

PAG. 133.

*Coatyabo.* — A historia, menciona esse facto de Martim Soares Moreno se ter coatyado quando vivia entre os selvagens do Ceará. *Coatya*, significa pintar. A desinencia *abo* significa o objecto que soffreu acção do verbo, e sem duvida provém de *aba-gente*, creatura.

---

PAG. 135.

I. *Colibri.* — Desse lethargo do colibri no inverno falla Simão de Vasconcellos.

II. *Carbeto.* — Especie de scrão que faziam os indios a noite em uma cabana maior, onde todos se reuniam para conversar. Leia-se Ives D'Evreux : Viagem ao norte do Brasil.

---

PAG. 144.

*Mecejana.* — Lagoa e povoação a 2 leguas da capital. O verbo *cejar* significa — abandonar ; a desinencia *ana* indica a pessoa que exercita a acção do

verbo. *Cejana* — significa o que abandona. Junta a particula *mo* do verbo *monhang* (fazer) vem a palavra a significar o que fez abandonar ou que foi lugar e occasião de abandonar. A opinião geral é que o nome deste povoado provem de Portugal, como Soure e Arrouches. Nesse caso devia escrever-se *Me-sejana*, do arabe *ma-sjana*.

Ora nos mais antigos documentos encontra-se *Mecejana*, com *c*, o que indicaria uma alteração pouco natural, quando o Ceara foi exclusivamente povoado por Portuguezes, os quaes conservaram em sua pureza, todos os outros nomes de origem lusitana.

---

PAG. 146.

*Monguba*. — Arvore que dá um fructo cheio de cotão, semelhante ao da sumauma, com a differença de ser escuro. Dahi veiu o nome de uma parte da serra de Maranguape.

---

PAG. 149.

*Imbi*. — Fructa da serra do Araripe que não vem no littoral. E' saborosa e semelhante ao cajá.

PAG. 130.

*Jacarecanga.* — Morro de areia na praia do Ceará, afamado pela fonte de agua fresca purissima. Vem o nome de *Jacaré-crocodillo* e *acanga-cabeça*.

---

PAG. 133.

*Japim.* — Passaro côr de ouro com encontros pretos e conhecido vulgarmente pelo nome de *soffré*.

---

PAG. 136.

*Folha escura,* a murta, que os indigenas chamavam *capixuná*, de *caa-rama*, folhagem, e *pixuna-escuro*. Dahi vem a figura de que usa Iracema para exprimir a tristeza que ella produz no esposo.

---

PAG. 138.

*Tupinambás.* — Nação formidavel, ramo primitivo da grande raça tupy. Depois de uma resistencia

heroica, não podendo expulsar os portuguezes da Bahia emigraram até o Maranhão onde fizeram aliança com os francezes que já então infestavam aquellas paragens. O nome que elles se davam significa gente parente dos Tupys — de *Tupy-ana-ma-aba*.

PAG. 159.

*Maracatim*. — Grande barco que levava na proa — *tim* um *maracá*. Aos barcos menores ou canoas chamavam *igara* — de *ig* — agua — e *jara*, senhor ; senhora d'agua.

PAG. 160.

I. *Caicara* de *cai*, pau queimado e a desinencia *ca*, cousa que tem, ou se faz. O que se faz de pau queimado. Era uma forte estacada de pau a pique.

II. *Bahia dos papagaios*. — E' a bahia da *Jericoacoara*, de *jeru*-papagaio, *cua*-varzea, *coara*-buraco ou seio ; enseada da varzea dos papagaios. E' um dos bons portos do Ceará.

PAG. 163.

*Moacyr.* — Filho do soffrimento — de *moacy*, dôr e *ira*, desinencia, que significa sahido de.

---

PAG. 166.

*Chupou tua alma.* — Criança em tupy é *pitanga*, de *piter*-chupar e *angu*-alma; chupa alma. Seria porque as crianças attrahem e deleitam aos que as veem; ou porque absorvem uma porção d'alma dos pais? Cauby falla neste ultimo sentido.

---

PAG. 170.

*Cariman.* — Uma conhecida preparação de mandioca. *Caric*-correr; *mani*-mandioca escorrida.

---

PAG. 170.

I. *Tunape*, lugar do barro amarello, de *tauá*, e *ipé*. Fica no caminho de Maranguape.

III. — *Piau*, peixe que deu o nome ao rio Piauí.

IV. — *Velha taba*, — traducção de *tapui-tapere*. Assim chamava-se um dos estabelecimentos dos Tupinambás no Maranhão.

V. — *Itaoca* — casa de pedra, fortaleza.

---

PAG. 176.

*Manacá*. — Linda flôr. Veja-se o que diz a respeito o Sr. Gonçalves Dias em seu dictionario.

---

PAG. 177.

*Copim*. — Insecto conhecido. O nome compõe-se de *co-buraco* e *pim-ferrão*.

---

PAG. 181.

*Albuquerque*. — Jeronimo de Albuquerque, chefe da expedição ao Maranhão em 1612.

---

# CARTA

(Da 1ª Edição)

---

Eis-me de novo, conforme o promettido.

Já leu o livro e as notas que o acompanham ; conversemos pois.

Conversemos sem cerimonia, em toda familiaridade, como si cada um estivesse recostado em sua rede, ao vaivem do languido balanço, que convida á doce pratica.

Si algum leitor curioso se puzer á escuta, deixalo. Não havemos por isso de mudar o tom rasteiro da intimidade pela frase garrida das salas.

Sem mais.

Ha de recordar-se você de uma noite que entrando em minha casa, quatro annos á esta parte.

achou-me rabiscando um livro. Era isso em uma quadra importante, pois que uma nova legislatura, filha de nova lei, fazia sua primeira sessão ; e o paiz tinha os olhos nella, de quem esperava iniciativa generosa para melhor situação.

Já estava eu meio descreido das cousas, e mais dos homens ; e por isso buscava na litteratura diversão á tristesa que me infundia o estado da patria entorpecida pela indifferença. Cuidava eu porém que você, politico da antiga e melhor tempera, pouco se preocupava com as cousas litterarias, não por menos-preço, sim por vocação.

A conversa que tivemos então revelou meu engano ; achei um cultor e amigo da litteratura amena ; e juntos lemos alguns trechos da obra, que tinha, e ainda não as perdeu, pretensões á um poema.

E' como viu e como então lhe esbocei á largos traços, uma heroida que tem por assumpto as tradições dos indigenas brasileiros e seus costumes. Nunca me lembrara eu de dedicar-me a esse genero de litteratura, de que me abstive sempre, passados que foram os primeiros e fugaces arroubos da juventude. Supporta-se uma prosa mediocre, e até estima-se pelo quilate da idéa ; mas o verso mediocre é a peor triaga que se possa impingir ao pio leitor.

Commetti a imprudencia quando escrevi algumas cartas sobre a *Confederação dos Tamoios* de dizer : « As tradições dos indigenas dão materia para um

grande poema que talvez um dia alguém apresente sem ruído nem apparatus, como modesto fructo de suas vigílias. »

Tanto bastou para que suppozesses que o escriptor se referia á si, e tinha já em mão o poema; varias pessoas perguntaram-me por elle. Metteu-me isto em brios litterarios; sem calcular das forças minimas para empresa tão grande, que assoberbou dois illustres poetas, tracei o plano da obra, e a comencei com tal vigor que a levei quasi de um folego ao quarto canto.

Esse folego, susteve-se cerca de cinco mezes, mas amorteceu; e vou lhe confessar o motivo.

Desde cedo, quando começaram os primeiros pruridos litterarios, uma especie de instincto me impellia a imaginação para a raça selvagem e indigena. Digo instincto, porque não tinha eu então estudos bastantes para apreciar devidamente a nacionalidade de uma litteratura; era simples prazer que movia-me á leitura das chronicas e memorias antigas.

Mais tarde, discernindo melhor as cousas, lia as producções que se publicavam sobre o thema indigena; não realisavam ellas a poesia nacional, tal como me apparecia no estudo da vida selvagem dos autochtones brasileiros. Muitos pecavam pelo abuso dos termos indigenas accumulados uns sobre outros, o que não só quebrava a harmonia da lingua portugueza, como perturbava a intelligencia do texto. Outros eram primorosas no estylo e ricas de

bellas imagens ; porém faltava-lhes certa rudez ingenua de pensamento e expressão, que devia ser a linguagem dos indigenas.

Gonçalves Dias é o poeta nacional por excellencia : ninguém lhe disputa na opulencia da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens. Em suas poesias americanas aproveitou muitas das mais lindas tradições dos indigenas ; e em seu poema não concluido dos Timbiras, propôz-se á descrever a epopéa brasileira.

Entretanto, os selvagens de seu poema fallam uma linguagem classica, o que lhe foi censurado por outro poeta de grande estro, o Dr. Bernardo Guimarães ; elles exprimem idéas proprias do homem civilisado, e que não é verosímil tivessem no estado da natureza.

Sem duvida que o poeta brasileiro tem de traduzir em sua lingua as idéas, embora rudes e grosseiras, dos indios ; mas nessa traducção está a grande difficuldade ; é preciso que a lingua civilisada se molde quanto possa á singelesa primitiva da lingua barbara ; e não represente as imagens e pensamentos indigenas senão por termos e frases que ao leitor pareçam naturaes na boca do selvagem.

O conhecimento da lingua indigena é o melhor criterio para a nacionalidade da litteratura. Elle nos dá não só o verdadeiro estylo, como as imagens poeticas do selvagem, os modos de seu pensamento,

as tendencias de seu espirito, e até as menores particularidades de sua vida.

E' nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro ; é della que ha de sahir o verdadeiro poema nacional. tal como eu o imagino.

Committendo portanto o grande arrojo, aproveitei o ensejo de realisar as idéas que me fluctuavam no espirito, e não eram ainda plano fixo ; a reflexão consolidou-as e robusteceu.

Na parte escripta da obra foram ellas vasadas em grande copia. Si a investigação laboriosa das bellezas nativas feita sobre imperfeitos e espurios dictionarios exauria o espirito ; a satisfação de cultivar essas flores agrestes da poesia brasileira, delectava. Um dia porém fatigado da continua e aturada meditação para descobrir a etymologia de algum vocabulo, assaltou-me um receio.

Todo este improbo trabalho que ás vezes custava uma só palavra, me seria levado á conta ? Saberiam que esse escropulo d'ouro fino tinha sido desentranhado da profunda camada, onde dorme uma raça extinta ? Ou pensariam que fôra achado na superficie e trasido ao vento da facil inspiração ?

E sobre esse, logo outro receio.

A imagem ou pensamento com tanta fadiga esmerilhados, seriam apreciados em seu justo valor, pela maioria dos leitores ? Não os julgariam inferiores a qualquer das imagens em voga, usadas na litteratura moderna ?

Occorre-me um exemplo tirado deste livro. Guia, chamavam os indigenas, senhor do caminho, *py-guara*. A belleza da expressão selvagem em sua traducção litteral e etymologica, me parece bem saliente. Não diziam sabedor, embora tivessem termo proprio, *coaub*, porque essa frase não exprimiria a energia de seu pensamento. O caminho no estado selvagem não existe ; não é cousa de saber ; faz-se na occasião da marcha atravez da floresta ou do campo, e em certa direcção ; aquelle que o tem e o dá, é realmente senhor do caminho.

Não é bonito ? Não está ahí uma joia da poesia nacional ?

Pois haverá quem prefira a expressão — rei do caminho, embora os Brasís não tivessem rei, nem idéa de tal instituição. Outros se inclinaram á palavra guia, como mais simples e natural em portuguez, embora não corresponda ao pensamento do selvagem.

Ora escrever um poema que devia alongar-se para correr o risco de não ser entendido, e quando entendido não apreciado, era para desanimar o mais robusto talento, quanto mais a minha mediocridade. Que fazer ? Encher o livro de griphos que o tornariam mais confuso e de notas que ninguem lê ? Publicar a obra parcialmente para que os entendidos proferissem o veredicto litterario ? Dar leitura della á um circulo escolhido, que emitisse juizo illustrado ?

Todos estes meios tinham seu inconveniente, e todos foram repellidos : o primeiro afeiava o livro ; o segundo o truncava em pedaços ; o terceiro não lhe aproveitaria pela ceremoniosa benevolencia dos censores. O que pareceu melhor e mais acertado foi desviar o espirito dessa obra e dar-lhe novos rumos.

Mas não se abandona assim um livro começado, por peor que elle seja ; ahi nessas paginas cheias de rasuras e borrões dorme a larva do pensamento, que póde ser nimpha de asas douradas, si a inspiração fecundar o grosseiro casulo. Nas diversas pausas de suas preoccupações o espirito volvia pois ao livro, onde então ainda incubados e estarão cerca de dois mil versos heroicos.

Conforme a benevolencia ou severidade de minha consciencia, as vezes os acho bonitos e dignos de verem a luz ; outras me parecem vulgares, monotonos, e somenos á quanta prosa chárria tenho eu estendido sobre o papel. Si o amor de pai abranda afinal esse rigor, não desvanece porém nunca o receio de « perder inutilmente meu tempo á fazer versos para caboculos. »

Em um desses volveres do espirito á obra começada, lembrou-me de fazer uma experiencia em prosa. O verso pela sua dignidade e nobresa não comporta certa flexibilidade de expressão que entretanto não vae mal á prosa a mais elevada. A elasticidade da phrase permittiria então que se empregas-

sem com mais claresa as imagens indígenas, de modo a não passarem desapercibidas. Por outro lado conhecer-se-hia o effeito que havia de ter o verso pelo effeito que tivesse a prosa.

O assumpto para a experiencia, de antemão estava achado. Quando em 1848 reví nossa terra natal, tive a idéa de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra litteraria. Já em S. Paulo tinha começado uma biographia do Camarão. Sua mocidade, a heroica amizade que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, alliado dos Portuguezes, e suas guerras contra o celebre Mel Redondo; ahí estava o thema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a alma da mulher.

Sabe você agora o outro motivo que eu tinha de lhe enderessar o livro; precisava dizer todas estas cousas, contar o como e porque escrevi *Iracema*. É com quem melhor conversaria sobre isso do que com uma testemunha de meu trabalho, a unica, das poucas, que respira agora as auras cearenses?

Este livro é pois um ensaio ou antes mostra. Verá realizadas nelle minhas idéas á respeito da litteratura nacional; e achará ahí poesia inteiramente brasileira, haurida na lingua dos selvagens. A etymologia dos nomes das diversas localidades, e certos modos de dizer tirados da composição das palavras, são de cunho original.

Comprehende você que não podia eu derramar em

abundancia essa riqueza no livrinho agora publicado, porque ellas ficariam desfloradas na obra de maior vulto, a qual só teria a novidade da fabula. Entretanto ha ali de sobra para dar materia á critica e servir de baze ao juizo dos entendidos.

Si o publico leitor gostar desta forma litteraria que me parece ter algum atractivo, então se fará um esforço para levar ao cabo o começado poema, embora o verso tenha perdido muito de seu primitivo encanto. Si porem o livro for acoimado de sedição, e lracema encontrar a usual indifferença que vae acolhendo o bom e o máo com a mesma complacencia, quando não é silencio desdenhoso e ingrato; nesse caso o autor se desenganará de mais este genero de litteratura, como já se desenganou do theatro, e os versos, como as comedias, passarão para a gaveta dos papeis velhos, reliquias auto-biographicas.

Depois de concluido o livro e quando o reli já apurado na estampa, conheci que me tinham escapado senões que se devem corrigir; noto algum excesso de comparações, repetição de certas imagens, desalinho no estylo dos ultimos capitulos. Tambem me parece que devia conservar aos nomes das localidades sua actual versão, embora corrompida.

Si a obra tiver segunda edição será escoimada destes e outros defeitos que lhe descubram os entendidos.

Agosto 1863.



# POSTSCRIPTO

(à 2.<sup>a</sup> Edição)

1. *Observações sobre orthographia, á proposito de erros de imprensa. — 2. Inovação na grammatica portugueza : resposta ao Sr. Pinheiro Chagas. — 3. Uma reflexão a respeito do que chamam estylo terso : defesa de uma censura do Sr. Dr. Henrique Leal. — 4. Critica feita a Tracema.*

## I.

Sabe esta edição escoimada de alguns defeitos que na primeira abundaram ; porém, a respeito de erros de imprensa, sem duvida mais incorrecta.

Nossas typographias em geral não tem bons revisores ; e o autor é o mais improprio para esse arduo mister.

Inteiramente preocupado da idéa ou do estylo, pouca attenção lhe sobra para dar á parte orthographica do livro. Além de que muitas vezes o pensamento profundamente gravado na memoria, não deixa perceber no papel as infidelidades de sua reproducção.

A incerteza que reina sobre a orthographia da lingua portugueza, achaque herdado do latim, ainda mais concorre para a incorrecção dos livros. Succede muitas vezes que o autor, para não multiplicar emendas nas provas, accita um systema adoptado pelo compositor, que entretanto logo depois o altera, e substitue por outro.

Faciimente escapam essas anomalias, sobretudo ao escriptor que não faz das letras uma profissão, porém méro passa tempo. Chegam-lhe as provas tardias, muitas vezes no meio de outras e graves preocupações, que absorvem seu espirito. Apenas tem elle tempo de lançar-lhes um olhar distraído.

Nesta segunda edição ha de o leitor encontrar exemplos de todas as faltas a que me refiro, sem contar o numero não pequeno das que devem correr exclusivamente por conta de inadvertencia do compositor.

1.º A syllaba-ão, quando breve, costumam alguns escrever sem o til-*am*; systema este que me parece muito conveniente por sua clareza e affinidade etymologica. Entretanto nesta edição apparecem os dois modos simultaneamente. Cu'pa do autor sem duvida; mas principalmente do revisor que devia conservar a uniformidade da orthographia primeiro adoptada.

A proposito desta regra orthographica, convem fazer uma observação com respeito ao que diz o Sr. Sotero dos Reis em sua Grammatica Portugueza: « Muitos escriptores modernos, a maior parte sem duvida escrevem *amáram*, *amarám*, ao passo que escrevem ao mesmo tempo *quinhão*,

*questão, oração, frangão, golpão, etc.*; mas não vejo fundamento plausível para esta alteração quando a natureza do diptongo é a mesma, quer nos nomes, quer nos verbos. Uma tal novidade só serve para dificultar a pronuncia do portuguez aos estrangeiros, visto como a terminação *am* não representa effectivamente o diptongo *ão*, peculiar á lingua e corrupção de *on*. »

A critica é justa á respeito da arbitraria distincção entre verbo e nome, embora não me pareça tão vulgarisado como pretende o autor esse uso de escrever os futuros dos verbos com *am*; creio que isto se observa antes nos antigos classicos do que nos bons autores modernos, onde não me lembro, talvez por inadvertencia, de ter visto *ham, scram, daram, por hão, serão, darão*, a não ser na obra do Sr. Leoni, *Genio da lingua portugueza*.

O criterio para a distincção na fórma de escrever o diptongo nasal deve ser a quantidade da syllaba e não a natureza da palavra. Embora seja o som o mesmo, a maior ou menor prolação da voz o modifica sensivelmente, tornando o nasal aspero ou brando, como se vê em *facção e façam, nasão e vasam*.

A fórma *am* presta-se melhor a exprimir o som nasal brando, além de conformar-se até certo ponto com a etymologia. As palavras de origem latina derivam aquella terminação das desinencias *unt, ant* e outras, como *amaverunt, amaverant* e *orphanus*. Entretanto que a terminação longa *ão* provém do nasal *on* contracção de *onis* que geralmente predominava nessa desinencia latina; como *rationis, sermonis, orationis, etc.*

Finalmente o diptongo, pela regra de nossa grammatica, é longo: portanto, sempre que o nasal fôr breve, cumpre tirar-lhe o character de diptongo para evitar a anomalia, e

restituir-lhe o caracter de syllaba, elidindo a vogal e substituindo o til pela consoante.

2.º A preposição *á* entendem os grammaticos que só pede accento quando absorve o artigo indefinido do genero feminino; porque neste caso substitue *aa*, como escreviam nossos classicos á imitação dos primitivos autores latinos, que usavam dobrar a vogal para indicar a maior quantidade de syllaba.

Não me conformo com aquella regra, que tenho por avessa á indole de nossa lingua, e muito inconveniente pelas repetidas ambiguidades a que dá lugar, confundindo duas particulas tão distinctas pelo sentido e pela pronuncia, como são o artigo e a preposição.

Na lingua portugueza, como na latina, os signaes ( - ) e ( ∪ ) que exprimem a quantidade das syllabas, não passam de meios didacticos, adoptados apenas nas escolas e seu emprego na escriptura usual.

Os signaes de prosodia admittidas no portuguez, bem como nos outros dialectos derivados do romano ou latim barbaro, são, além do trema, do apostrophe e do nosso til, os tres accentos grave ( ` ), agudo ( ^ ) e circumflexo ( ^ ) que indicam as variações do som de cada vogal.

Destes cabiu em completo desuso o grave, que é indicado em portuguez pela ausencia de qualquer accento; e com muito bom fundamento, pois o som medio e natural da letra fica melhor expresso pelo caracter alphabetico, nú e simples, do que por um signal.

Os dous outros accentos agudo e circumflexo ainda estão em uso, não como regra, mas apenas como excepção, para descriminar pela variação do som a diversa natureza e significação de palavras identicas na fórma alphabetica. Assim distingue-se de primeira vista *e* de *é* *se* de *sé* e *de* *sê*, *fura* de *fôra*, *para* de *pára*, *começo* de *comêço*.

Prestam os dois signaes referidos na lingua portugueza outro serviço : o de marcarem a syllaba predominante, a que os grammaticos chamam accento tonico.

A prosodia das linguas modernas diverge da prosodia dos gregos e romanos a respeito da quantidade das syllabas, como justamente observaram o sabio professor o Dr. Madwig em sua *Grammatica latina*, e o erudito philologo brasileiro o Sr. Sothero dos Reis em sua *Grammatica portugueza*. A pronuncia daquelles povos antigos feria tão claramente e com tanta amplitude as vogaes, que percebia-se perfeitamente pela maior ou menor pausa a quantidade da syllaba.

Nas linguas modernas ao contrario, a voz percorre mui rapidamente os diversos membros da palavra, pelo que apenas se destaca de uma maneira saliente a syllaba que serve de ponto de apoio á voz, é onde ella repousa. As outras, sejam embora longas, ficam absorvidas naquella quantidade maior.

Para designar essa prolação, não inventaram os grammaticos ainda um signal proprio; recorreram aos antigos accentos latinos. Mas tambem neste mister não se pôde considerar o emprego destes signaes como regra geral, pois só ha necessidade delles para o mesmo fim de evitar as ambiguidades entre palavras uniformes.

Quando a prolação recahe sobre uma vogal aberta, usa-se do accento agudo; e quando recahe sobre uma vogal fechada, usa-se do accento circumflexo. Assim escreve-se *cúmulo*, *estímulo*, *anúncio*, *férvido* e *amára*, para distinguir de *cumúlo*, *estimúlo*, *annúncio*, *fervido* e *amará*. Mas não ha necessidade de accento nas outras palavras, sejam ellas graves, como *verdade*, *chamma*, ou exdruxulas, como *halito*, *profugo* e *soffrego*.

Nas palavras agudas que terminam em *a*, *e*, *o*, como ellas aberram da indole da lingua serve o signal de caracteristico

especial do vocabulo. Assim é uso escrever *cajá*, *alvará*, *guará*, *mercê*, *librê*, *galô*, *curô*, *bilhô*, *moçô*.

Estabelecidos estes principios, que sem contestação formam o espirito de nossa lingua em materia de accentuação, não resta a menor duvida sobre a exactidão do meu aserto que a regra dos grammaticos relativa ao modo de escrever a preposição *á* carece de bom fundamento.

O signal orthographico tem neste caso a virtude de evitar a ambiguidade, a principal das duas razões do emprego do accento na lingua portugueza. E' a mesma razão que predomina em outros monosyllabos, como *é*, *ó*, *dá*, *sé*, etc.

Não obsta o facto de muitas vezes ser impossivel a ambiguidade, por se tornar clara a natureza do vocabulo em virtude de sua collocação no discurso, como succede nestas frases : *a medo*, *a jorro*, *veio a correr*, etc. Aqui sem duvida a preposição revela-se com a maior clareza, independente do accento ; porém o mesmo succede com os verbos *é* e *dá*, o vocativo *ó* e outros monosyllabos, como *só*, *sé*, *vê*, etc. Nas frases *O que é?* — *Elle dá esmolas*. — *Correi, o minhas lagrimas!* — *Tocava o sino da Se* —, para conhecer a natureza dos monosyllabos homographos não se ha mister do accento ; e entretanto não se dispensa em taes casos.

Parece me obvio e logico o motivo. Não só a regularidade da orthographia o requer assim ; como releva notar que o fim da escriptura é reproduzir o pensamento com a maior brevidade possivel. Ora por mais por mais intelligente e erudito que seja o leitor, não póde eile do primeiro lanço conhecer a natureza especial da palavra homographa. Eis um exemplo : — *A tarde, derramando o seu doce halito perfumado pelo valle sombrio e melancholico, a brisa do mar enredava-se pelos bosques de laranjeiras em flôr.*

A falta do accento no preposição *a*, deixa o espirito na duvida do sentido do primeiro trecho da oração. Póde o leitor

julgar que *a* é artigo, e *a tarde* o sujeito da oração. Prestando-se a acção subordinada á regencia daquelle sujeito, a illusão prolonga-se até que se destaca o sujeito real que é *a brisa*. Produzir-se-ha necessariamente uma vacillação no espirito, que terá de retroceder para bem apprehender o sentido exacto da oração.

Si nas pessoas esclarecidas essa operação intellectual se opera com extrema rapidez, fadiga não obstante. Quanto ao individuo de comprehensão mediocre, póde-se bem imaginar o effeito que sobre elle exercerá semelhantes amphibologias. Ora não formam os philologos e grammaticos a classe mais numerosa dos leitores; para que á elles se sacrifique a clareza do discurso, por mero capricho de pedagogia.

E' portanto minha regra accentuar a preposição *á* sempre que ella entra no discurso isolada de qualquer outra particula; seja embora seguida de nome masculino, de verbo ou pronome pessoal. Só quando essa preposição adhire á outra palavra, como por exemplo — *ao*, torna-se inutil o signal orthographico.

Nos dialectos, derivados como o portuguez da lingua romana, conservou-se na preposição *a* o accento que tinha em latim, embora com alguma modificação. Os francezes usam do accento grave que tem o valor de agudo entre nós: e dizem — *aller à Bordeaux, à l'avenir*, etc. Da mesma fórma os italianos; seus meliores classicos escreveram: *propinqui à Bolsena, à frenar Giacopo, à trattare, à gli apparati*. Modernamente parece que o accento vae cahindo em desuso: pela razão muito natural de não haver outra particula homographa, com que se confunda a preposição. Os espanhóes entretanto, apozar de estarem nestas condições, não dispensam em caso algum o accento agudo: e escrevem — *á manos llenas — vamos á pasear* — etc.

Qual pois o principio porque o portuguez ha de fazer excepção á regra geral predominante na lingua mãe e nas linguas irmãs? Será pelo terror panico do *gallicismo*, que se apodera de certos grammaticos á ponto de lobrigarem francezia até nos archaismos, trazidas da mais pura latinidade?

Não sei realmente o que é mais nocivo á nossa lingua, si a prodigalidade daquelles que emprestam sem medida e sem criterio quanta palayra de origem extranha aprendem nas calçadas e botequins; si a tacanha avareza dos outros, que defendem o seu portuguez quincentista, aliás a adolescencia, como um jardim das Hesperides onde não póde penetrar um termo ou frase profana.

Si o emprego constante do accentó na preposição *á* conforma-se com a índole da lingua; por outro lado a regra arbitraria estabelecida pelos grammaticos, além de uma aberração, não tem motivo serio que a justifique.

Qual a serventia do accentó no caso de absorver a preposição o artigo feminino? Será para evitar a ambiguidade? Mas então devia a razão prevalecer para o outro caso de achar-se a preposição isolada. Será para indicar a contracção do artigo? Mais acertado era então usar do apostrophe, que é o signal proprio desse accidente grammatical. Os autores italianos escrevem em caso idêntico -- *a' fiorentini*, *a' nobili*, para acensar a elisão do artigo *i*.

Não obstante a regra por mim adoptada de accentuar a preposição *á*, apparece ella no texto da obra escripta por uma e outra fórma.

3.º O diphthongo *eo* e *eu* é indistinctamente usado na desinencia de muitas palavras portuguezas; me parece preferivel como já se tem suggerido, reservar a fórma *eo* para a desinencia aberta, como *chapeo*, *boleo*, *arpeo*; e a fórma *eu* para a desinencia fechada; como *meu*, *perdeu*, *deus*, *atheu*, etc.

Em relação aos suffixos *io* e *iu*, pode-se igualmente estabelecer um discrimen, adoptando o primeiro para enunciar o diptongo imperfeito que á rigor constitue duas syllabas, como se encontra em *rio, frio, alvedrio*; e deixando o segundo para discernir o verdadeiro diptongo, que termina — *riu, feria*.

Escrevo a conjunção *si* por essa fórma, e não *se* como em geral costumam. Não só a etymologia pede aquella orthographia latina, como tem ella a vantagem de discriminar a conjunção do pronome pessoal *se*. Nem importa que este pronome revista aquella fórma em um de seus casos, pois então é sempre regido pela preposição, que determina a natureza da particula; — como *à si, de si, por si*, etc.

São estas as observações principaes que de momento me occorrem á respeito da orthographia do livro. Servirão para não me lançarem á conta, como já tem succedido, as incorrecções typographicas, tão copiosas infelizmente em muitas obras. Podem ellas depôr contra a aptidão do autor para revisão, do que está elle plenamente convicto; mas devem ser desculpadas ao escriptor, que é o primeiro a censurá-las.

## II.

Minhas opiniões em materia de grammatica tem-me valido a reputação de innovador, quando não é a pecha de escriptor incorrecto e desculpado.

Entretanto poucos darão mais, sinão tanta importancia á forma do que eu; pois entendo que o estylo é tambem uma arte plastica, por ventura muito superior á qualquer das outras, destinadas á revelação do bello. Como se explica portanto essa contradicção?

Pretendo tratar largamente desse assumpto em uma pequena obra que tenho entre mãos, e na qual me propuz á fazer um estudo sobre a indole da lingua portugueza, seu desenvolvimento, e futuro; considerando especialmente a tão cançada questão do estylo classico.

Sou obrigado porém a antecipar algumas reflexões como resposta ao artigo, que em seus *Novos ensaios criticos* escreveu sobre Iracema um distincto litterato portuguez o Sr. Pinheiro Chagas.

Vale a pena ser advertido por critico tão illustrado, quando á censura, como a sombra que destaca no quadro o vivo e fino colorido, não passa de um relevo immerecido á elogios dispensados com excessiva generosidade. A questão vac portanto extreme de qualquer assomo da vaidade, que estaria por demais satisfeita com as linezas recebidas.

Eis as palavras do artigo á que me refiro :

« Não, esse não é o defeito que me parece dever notar-se na Iracema: o defeito que eu vejo em todos os livros brasileiros e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente é a falta de correção na linguagem portugueza, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma lingua differente do velho portuguez por meio de neologismos arrojados e injustificaveis e de insubordinação grammaticaes, que (tenham cautella) chegarão á ser risiveis si quizerem tomar as proposições d'uma insurreição em regra contra a tyrannia de Lobato. »

Continua o escriptor no desenvolvimento destas idéas pela maneira por que melhor se pôde ver em sua obra; escusando de reproduzir todo o texto para não alongar-me.

Na opinião do Sr. Pinheiro Chagas, a grammatica é um padrão inalteravel, a que o escriptor se ha de submeter rigorosamente. Só o povo tem a força de transformar uma lingua, modificar sua indole, criar novas fórmulas de dizer. Apoiado na

opinião de *Max Muller*, o illustrado crítico sustenta que a philologia é uma sciencia natural ou physica, regida por leis invariaveis como a rotaçào dos astros.

Singular doutrina que ninguem se animou a produzir, nem mesmo a respeito das artes liberaes, manifestações menos intelligentes do pensamento. A musica, a pintura e a esculptura, que fallam exclusivamente aos sentidos, por sua natureza material, soffrem não obstante a impulsão do espirito. Bethowen ou Rossini, Phidias ou Raphael, Praxisteles ou Miguel Angelo, qualquer dessas grandes individualidades, sem fallar de tantas outras, teve o poder de crear uma escola, de abrir novos horizontes á sua arte, de revelar fórmas antes desconhecidas.

A linguagem porém, a unica das artes que falla ao espirito, é um marco immutavel, sobre o qual nenhuma acção tem os escriptores, esses obreiros da palavra que a nova theoria reduz á condiçào dos mecanicos, mais ou menos dextros no manejo de um instrumento bruto!

Supponho eu que ha grande equivocação na interpretação dada á theoria de Max Muller. O corpo de uma lingua, a sua substancia material que se compõe de sons e vozes peculiares; esta, só a pôde modificar a soberania do povo, que nestes assumptos legisla directamente pelo uso. Entretanto, mesmo nesta parte fisica é infallivel a influencia dos bons escriptores; elles tallam e pulem o grosseiro dialecto do vulgo, como o escultor cinzela o rudo troço de marmore e delle extrahie o fino lavor.

Mas além dessa parte phonetica da lingua, que fórma seu corpo, ha a parte logica, o seu espirito, ou, para usar da terminologia da sciencia, a grammatica. Essa não é como se pretende méra rotina ou usança, confiada á ignorancia do vulgo, que sómente a pôde alterar. Aqui está o ponto falso da theoria invocada.

A grammatica, ou a philosophia da palavra, é incontestavelmente uma sciencia. Como todas as sciencias, ella deve ter em cada raça e em cada povo um periodo rudimentario; ainda mesmo depois de largo desenvolvimento, existirá algum ramo de conhecimentos humanos que não esteja imbuido de falsas noções, e até de erros crassos?

O mesmo succede com a grammatica: sahida da infancia do povo, rude e incoherente, são os escriptores que a vão corrigindo e limando. Cotejem-se as regras actuaes das linguas modernas com as regras que predominavam no periodo da formação dessas linguas, e se conhecerá a transformação por que passaram todas, sob a acção dos poetas e prosadores.

O illustrado critico, levado pela força da verdade, reconhece « que os sabios enriqueceram um idioma. » Ora como enriquecê-lo sinão augmentando-lhe o cabedal, dotando-o de outros vocabulos mais expressivos, e de locuções elegantes e sonoras?

Não me alongarei muito sobre a synthese da questão, porque receio me falte espaço para descer á analyse.

Accusa-nos o Sr. Pinheiro Chagas á nós escriptores brasileiros do crime de insurreição contra a grammatica de nossa lingua commum. Em sua opinião estamos possuidos da mania de tornar o *brasileiro* uma lingua differente do velho portuguez!

Que a tendencia, não para a formação de uma nova lingua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existe no Brasil, é facto incontestavel. Mas, em vez de attribuir-nos á nós escriptores essa revolução philologica, devia o Sr. Pinheiro Chagas, para ser coherente com sua theoria, buscar o germen della e seu fomento no espirito popular; no fallar do povo esse « ignorante sublime, » como lh'o chamou.

A revolução é irresistível e fatal, como a que transformou o persa em grego e celtico, o etrusco em latim, e o romano em francez, italiano, etc.; ha de ser larga e profunda, como a immensidade dos mares que sepára os dous mundos á que pertencemos.

Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independência politica só por si fórma sua individualidade. Mas si esses povos vivem em continentes distinctos, sob climas differentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação nas idéas, nos sentimentos, nos costumes, e portanto na lingua, que é a expressão desses factos moraes e sociaes.

Não fazemos sinão repetir o que disse e provou um sabio philologo N. Webster : — « Logo depois que duas raças de homens de extirpe commum separam-se e se collocam em regiões distantes, a linguagem de cada uma começa a divergir por varios modos. — Dicc. ingl. *Introducção sobre a origem das linguas.*

Creio que o Sr. Pinheiro Chagas se engana completamente quando pretende que o inglez e o hespanhol da America é o mesmo inglez e hespanhol da Europa. Não só na pronuncia, como no mecanismo da lingua, já se nota differença, que de futuro se tornará mais saliente.

E como podia ser de outra fôrma, quando o americano se achia no seio de uma natureza virgem e opulenta, sujeito á impressões novas ainda não traduzidas em outra lingua, em face de magnificencias para as quaes não ha ainda verbo humano?

Cumpra não esquecer que o filho do novo mundo recebe as tradições das raças indigenas, e vive ao contacto de quasi todas as raças civilisadas que aportam á suas plagas trazidos pela emigração.

Em Portugal o estrangeiro perdido no meio de uma população condensada, pouca influencia exerce sobre os costumes do povo : no Brazil ao contrario o estrangeiro é um veliculo de novas idéas e um elemento da civilisação nacional.

Os operarios da transformação de nossas linguas são esses representantes de tantas raças, desde a saxonica até a africana, que fazem neste solo exuberante amalgama do sangue, das tradições e das linguas.

Não admira que um literato portuguez note em livros brasileiros certa dissonancia com o velho idioma quinheutista. Essa mesma dissonancia achamos nos escriptores brasileiros nas paginas do Calabar e dos Bandeirantes em que o illustre poeta o Sr. Mendes Leal, procura descrever as scenas e tradições americanas. O velho estylo classico destoa no meio destas florestas seculares, destas catadupas formidaveis, destes prodigios de uma natureza virgem, que não podem sentir nem descrever as musas gentis do Tejo ou do Mondego.

Os livros do Sr. Mendes Leal não passam para nós de traducções esmeradas de Cooper, com substituição de nomes geographicos. Seus personagens nada tem de brasileiros ; que faltam-lhes não só os costumes, como esses plorismos indigenas, que o Sr. Pinheiro Chagas chama de incorrecções ; negando-nos assim o direito de crear uma individualidade nossa, uma individualidade joven e robusta, muito distincta da velha e gloriosa individualidade portugueza.

Si a transformação porque o portuguez esta passando no Brazil importa uma decadencia, como pretende o Sr. Pinheiro Chagas, ou si importa como eu penso uma elaboração para a sua florescencia ; questão é que o futuro decidirá e que eu me propouho tratar largamente na obra á que já alludi. Sempre direi que seria uma aberração de todas as leis moraes, que a pujante civilisação brasileira, com todos

os elementos de força e grandeza, não aperfeiçoasse o instrumento das idéas, a lingua.

Todos os povos de genio musical possuem uma lingua sonora e abundante. O Brasil está nestas condições ; a influencia nacional já se faz sentir na pronuncia muito mais suave do nosso dialecto.

Aproveitarei o ensejo para deffender-me de alguns neologismos de termos e locuções pelos quaes tenho sido censurado : a elles sem duvida se referiu o Sr. Pinheiro Chagas, quando me qualificou de innovador, embora não me comprehendesse entre os mais andazes.

Nesta, como em todas as minhas obras recentes, se deve notar certa parcimonia no emprego do artigo deliúdo, que eu só uso quando rigorosamente exigido pela clareza ou elegancia do discurso. Isto que nada mais é do que uma reacção contra o abuso dos escriptores portuguezes, que empregam aquella particula sem tom nem som, me tem valido censuras de incorrecto.

Ha quem taxe essa sobriedade no uso do artigo definido de *galicismo*, não se lembrando que o latim, d'onde provém nossa lingua não tinha aquella particula ; e portanto a omissão della no estylo é antes um latinismo. Mas a mania do classismo, que outro nome não lhe cabe, repelle a minima affinidade entre duas linguas irmãs, sabidas da mesma origem. Temos nós a culpa do odio que semearam em Portugal os exercitos de Napoleão ?

O mais interessante porém é a maneira de argumentar dos puristas. As vezes, quando se trata de uma nova palavra ou locução, repellem-n'a pela razão peremptoria de não se encontrar nos classicos. Outras vezes, intromettem-se a criticar dos classicos, determinando o que se deve imitar, e o que evitar. Manifesta contradicção ; ou prevalece á respeito do estylo a razão de autoridade e neste caso elles são

os mestres, respeitai-os ; ou prevalece a autoridade da razão e nesse caso a questão é de opinião ; a vossa contraponho a minha.

Os nossos melhores classicos com muita elegancia omitiram o artigo definido sempre que o pronome possessivo o tornava escusado ; assim diziam elles *meu filho, minha patria, sua alma* ; e não *o meu filho*, etc. Com que se hão de sahir os puristas ? Que o uso cheira á *francesimo* e deve-se evitar.

O que se deve e com muito cuidado evitar é a incorrecção grammatical, o pleonasmo continuo que ha no emprego do artigo, por uma especie de abuso ou lapsó de lingua. Da-se neste caso o mesmo que em grande numero de verbos á que o vulgo junta a letra *a* pela facilidade de sua pronuncia, como *alercaatar, amontoar, avestuniar*, etc. Da mesma fórma escapa o artigo, que entretanto afecia e deslinha o discurso.

O uso do artigo, mesmo antes do pronome possessivo, pode tornar-se elegante e expressivo, servindo para indicar um objecto ao qual se faz uma allusão reatua. Assim quando dizemos ; *o nosso viajante*, isto é, o viajante de quem fallamos. Tambem em muitos casos a euphonia exige a interposição dessa particula superflua para suavizar um som aspero, ou desvanecer uma cacophonia.

Outro artigo do libello. A omissão do pronome *se* nos verbos reflexivos, como *recolher, enrascar, destazar*, etc.

Antes de tudo cumpre-lhe dizer que *recolher* na significação neutra por mim empregada encontra-se nos bons classicos e especialmente em J. de Barros — Clarimundo.

Em minha opinião a principal condicção do estylo é sua concisão e simplicidade, o que não exclue, antes realça-lhe, a graça ou elegancia : a grandeza ou magestade. O grande numero de monosyllabos derramados pelo discurso, echoando

com uma mesma consonancia, em meu conceito torna o estylo frouxo e monotono. Escrevendo, muitas vezes senti a importunação desse reflexivo *se*, que zune em torno da frase como uma vespa teimosa.

Procuerei o remedio na grammatica e o achei. A forma neutra do verbo não é outra cousa sibão o retrahimento da acção que elle exprime, a qual não passa do sujeito; razão porque dão os grammaticos a esses verbos o nome de intransitivos, com que o differenciam dos activos. Destes verbos ha uns que são de sua essencia neutros, outros se tornam taes por uma ellipse muito elegante quando usada á proposito.

Os primeiros originalmente neutros tem por attributo o substantivo implicito no proprio verbo; como *viver, dormir, sair*.

Alguas vezes activando-os se diz com propriedade, *viver longa vida, correr seu curso*. Os segundos, verbos figuradamente neutros, tem um attributo distincto embora vago, incerto e occulto. Por exemplo *eu amo, tu bebes, elle quebra*; o attributo *alguem* ou *alguma cousa* está subentendido.

Certos verbos desta ultima classe, cuja significação revela uma relação intima do attributo occulto com o sujeito, tornam-se naturalmente reflexivos. Assim succedia no latim, como attesta *Ma'rig* na cit. grammatica, nota 4 ao § 222. « Certos verbos despojam em alguns casos a significação transitiva e se empregam na activa com a significação reflexa; por ex: *dura*, eu me endureço; *inclino*, eu me inclino; *insinuo*, eu me insinuo; *mutto*, eu me transformo; *remitto*, eu me relaxo; *verto*, eu me volto.»

Será isto acaso um neologismo, ou ao contrario um archaismo? E como archaismo, correrá elle unicamente por conta do autor de *Iracema*, e não haverá exemplo de semelhante ellipse no portuguez classico?

Vejamós. Qual é a fôrma do verbo tão usado em preposições como estas — *partiu do Ceará, partimos para o campo?* Não é outra senão a fôrma elíptica da significação reflexa. Partir em sua fôrma primitiva, significa dividir uma coisa em partes; para exprimir a ausência diziam a princípio os classicos, *parti-me de;* posteriormente eliminarem o pronome por escusado, o mesmo aconteceu com *passar, recolher, alimpar, parar, endurecer, mudar, recuittir, conformar, confiar,* etc.

Será esta imitação dos classicos, esta simplicidade latina da frase, que o Sr. Pinheiro Chagas e outros censores meus chamam corrupção do velho portuguez? Não pode haver linguagem de bom cunho sem a repetição monotona dessas particulas reflexivas, que sibillam no fim de cada verbo?

E' tambem materia de escandalo a collocação dos pronomes pessoais que servem de complemento ao verbo, *me, te, lhe e se.* Entendem que nós os brasileiros afrancezamos o discurso fazendo em geral preceder o pronome; quando em portuguez de bom cunho a regra é pôr o pronome.

Tal regra não passa de arbitrio que sem fundamento algum se arrogam certos grammaticos. Pelo mecanismo primitivo da lingua, como pela melhor lição dos bons escriptores, a regra á respeito da collocação do pronome e de todas as partes da oração é a clareza, e elegancia, euphonia e fidelidade, na reprodução do pensamento.

Em latim colloca-se ao gosto do escriptor e segundo aquella regra. Eis o que á respeito diz muy judiciosamente o Sr. Leoni em sua erudita obra *Grammatica da Lingua Portuguesa:* « As variações dos pronome *eu, tu e elle* admittem uma collocação que debahle pretenderá imitar a lingua franceza, sendo tal collocação quasi a mesma da lingua de Cicero. As-

sim podemos dizer com os latinos — *juvat me*, ou *me juvat*; *te rogo* ou *rogo te*.

Nos classicos achamos exemplos dessas variedades :

Na chronica do Condestavel lê-se *nos arrasta* e logo depois *morriam-nos*, *se obrigam* e *accendeu-se*, etc. Em Garcia de Rezende *se reunir*, e *achando se*. Em Vieira *se prezara* e *resolve-se*, etc. Em Baros Clarim, 3.º 258 *me offereço*, *se aventurar*, *lhe dizer*, *ir-me*, etc. Luena II, pag. 18, *se fação*, *dão-se*, etc.

Ha casos em que a euphonia pede a anteposição do pronome, como *se recolhem só* para evitar o sibyllo desagradavel de *se só*. Outras vezes não é a cacophonia, mas o accento tonico que determina a collocação da particula, conforme o ritmo da phrase exige o reponso antes ou depois. Nesta phrase por exemplo. *Tu não me sabes querer*, o pronome não só antepõe-se ao infinito de que é complemento como ao indicativo : o rigor da ordem grammatical exigiria *tu não sabes querer-me*; mas a frase não seria tão cadente e expressiva.

Falta-me tratar de algumas palavras, que os puristas repellem, por terem a macula de francezismo.

Antes de tudo uma observação. Desde que uma palavra fôr introduzida na lingua por iniciativa de um escriptor ou pelo uso geral; entendo eu que torna-se nacional como qualquer outra, e sujeita-se á todas as modalidades do idioma que a adoptou; portanto pôde ella, como qualquer vocabulo originario, ser empregada nos varios sentidos figurados á que se preste com propriedade e elegancia.

Regra tão simples e natural, não devia soffrer contestação; entretanto é um dos maos vezos do classicismo esse de excluir de um vocabulo de origem estrangeira adoptado no portuguez, todas as accepções, que não foram especialmente empregadas pelos classicos, mutilando assim a significação

da palavra. Admira que um escriptor da capacidade de Fr. Francisco de S. Luiz sustente semelhante doutrina, de todo o ponto arbitrária. Em sua opinião não devíamos dizer por exemplo *contar com alguém*, *contar com a amizade*; porque são accepções francezas; embora o verbo esteja admittido no sentido proprio. Da mesma fôrma *avancar* no sentido de aventurar, *calcular* por *gizar*, *chocar* por *inapressionar*, *comprometter* em vez de pôr em risco, *confinar-se* por *isolar-se*, *descoberta* por *descobrimento*, *desolado* por *ua-goado*.

Parece que esta regra só pôde ser aceita em dois casos; 1º quando a nova accepção é um idiotismo da lingua estrangeira, e se affasta do sentido usual da palavra, como *tratamento do emprego* por *estipendio*; 2º quando a palavra só foi adoptada em uma accepção peculiar, como verdadeiro idiotismo; exemplo *endossar a letra*. Seria com effeito inadmissivel ampliar o uso do vocabulo e applica-lo em outro sentido; como *endossar a casaca*, da phrase franceza *endosser l'habit*.

Si porem a palavra foi adoptada em sua significação genérica, e a nova accepção decorre naturalmente do sentido original e conforma com a inelole da lingua, não ha razão para repelli-la. Porque não se dirá em portuguez *comprometter seu credito*, si esse verbo foi adoptado em nossa lingua com o sentido lato de contrahir obrigação e responsabilidade?

No texto de *Iracema* se encontram algumas palavras que naturalmente incorrerão nessa censura: recordo-me de *brusco* e *flanco*.

*Brusco*, diz Fr. Francisco de S. Luiz, que em portuguez exprime *escuro*, *annunzio-lo*, e não *desabrido* ou *aspero*. Me parece, com o respeito devido á tão grande authoridade, que houve engano nessa asserção. A primitiva significação de

brusco é *aspero*, coberto de puas ; dahi proveiu naturalmente a outra acceção de escuro, turvo. Disseram *tempo brusco*, da mesma forma que dizião *tempo vispido*, desabrido ; posteriormente por uma operação muito natural no desenvolvimento das linguas transportaram essa idéa associada para uma nova acceção figurada ; e disseram *semblante brusco*, isto é, sembiante que tem o aspecto do tempo brusco.

Quanto a palavra *flanco*, usei della para designar a ilharga, porque em minha opinião não temos vocabulo que exprima a idéa com tanta propriedade e energia. *Ilharga* é muito restricto; refere-se ao quadril ; *lulo* é muito generico, applica-se á toda a face obliqua de qualquer objecto. O flanco é o lulo do homem, ou do animal ; nesta acceção foi adoptado do allemão *flanke* pelo italiano, hespanhol e francez. Tratando-se de guerreiros, essa palavra ainda mais adequada me pareceu pelo seu uso na arte da estrategia.

*Abandonar*, que muitos consideram gallicismo, nem é como tal apontado por Fr. Francisco de S. Luiz ; nem provém de origem franceza. Deriva-se do latim barbaro *ban-num* exilio, donde formou-se á *banno-donare*, que deu origem ao verbo italiano *abbandonare*.

*Emoção* pretende o autor de glossario que é gallicismo escusado, porque temos *commoção*. Mas entendo eu que não se pôde chamar gallicismo uma palavra de boa origem latina ; além de que ha differença no sentido. *Commoção* é o abalo intimo ; *emoção* é o abalo que se manifesta ; a primeira é produzida por causa externa ; a segunda parece antes uma expansão, que se desenvolve espontaneamente. Porque a antiga litteratura franceza mais adiantada e polida do que foi a portugueza padu ao latim esse termo ; estamos nós escriptores brasileiros, inhibidos de beber nas origens de nosso idioma, um vocabulo euphónico, elegante e neces-

sario para indicar uma idéa que não traduzem *commoção, turbacão, agitação, alteração ou abalo?*

Si o terror panico do gallicismo vai até este ponto, devemos começar renegando a origem latina, por ser commum ao francez e ao portuguez.

Defendi as innovações que me occorreram de momento; outras por ventura terão escapado de que me occuparei, quando a critica as apontar, como deve. Nada ha mais facil do que censurar á esmo; declarando peremptoriamente que um livro está cheio de incorrecções. Invertem-se os papéis; o onus da prova e da analyse recalhe sobre o autor arguido que deseja arredar de si a pecha.

### III.

Publicou ultimamente em Portugal, um distincto litterato maranhense, o Dr. Henrique Leal, alguns artigos sobre a litteratura brasileira.

Um escriptor portuguez, ou para estimular a curiosidade com um paradoxo litterario, ou para disfarçar o desgosto de ver a joven nacionalidade brasileira destacar-se de mais em mais do velo typo lizitano, contestou que os portuguezes da America possuíssem uma litteratura peculiar ou elementos para formala. Foi para refutação de tão infundado asserto que sahiram á lume os alludidos artigos.

Entre as cousas mui amaveis e lisonjeiras que o amor da patria, mais de que o merito do escriptor, inspirou ao Dr. Henrique Leal sobre minhas obras, reproduz-se a cansada censura do *estyllo frouco e deleicudo*, especialmente a proposito do Guarany.

No conceito do distincto litterato, os nervos do estylo são as particulas, especialmente as conjunções, que teciam a phrase dos autores classicos, e serviam de elos á longa série de orações amontoadas em um só periodo.

Para meu gosto, porém, em vez de robustecer o estylo e dar-lhe vigor, essa accumulção de orações ligadas entre si por conjunções, relaxa a phrase, tornando o pensamento diffuso e languido.

As transições constantes, a repetição proxima das particulas que servem de atilhos, o torção regular das orações a succederem-se umas ás outras pela mesma fórma, imprimem em geral ao chamado estylo classico certo caracter pesado, monotono e prolixo, que tem sua belleza historica, sem duvida, mas está bem longe de prestar-se ao perfeito colorido da idea. Ha energias do pensamento e scintillações do espirito, que é impossivel exprimir com semelhante estylo.

Attenda-se á este trecho de um dos melhores prosadores portuguezes, Fr. Luiz de Souza : « Era uma arvore de tão demesurada grandeza, *que* dentro no tronco, *que* da muita antiguidade tinha aberto e ôco se armou uma mesa, e o arcebispo se assentou á ella em um cadeira, e por metooria no mesmo sitio e assento visitou a freguezia, e tinha tambem lugar dentro a testemunha *que* vinha dizer sen dito. »

Ahi estão oito orações, ligadas por dous relativos e seis copulativas, sem nenhuma elegancia e com pouco respeito á grammatica. O emprego de copulativa para unir idéas distinctas e orações completas é um abuso, e somente serve de obscurecer o sentido da phrase. Em meu conceito esse periodo ficaria muito mais conciso, terso e elegante si o autor o escrevesse com maior simplicidade :

« Era uma arvore de tão demesurada grandeza, que dentro no tronco da muita antiguidade aberto e ôco, armou-

se uma mesa : á ella assentou-se o arcebispo em uma cadeira, onde por memoria visitou a freguezia : havendo abi lugar tambem para a testemunha que vinha dizer seu dito. »

Ali está o mesmo pensamento, supprimidas apenas as superfluidades devidas ao desenido da phrase e mecanismo inconveniente das orações. De oito orações ficaram sei-, e estas, em vez de serem uniformemente unidas pelo relativo ou pela copulativa como eram as oito, ao contrario tem todas um vinculo diverso. A segunda une-se pela copulativa *que*, a terceira pelo pronome regido de proposição *á ella*, a quarta pelo adverbio de lugar *onde*, a quinta pelo participio *havendo*, a sexta pelo relativo *que*.

Si ha mais e'egancia e belleza nessa arte de variar o torneio das phrases, si a simplicidade da dicção não a torna mais flexivel para moldar-se á todos os relevos do pensamento, decidam os homens de gosto.

Apresentei um trecho de prosa classica vestido á moderna, e para que melhor se destaque a differença dos dous estylos, mostrarei ao inverso um trecho moderno, trajado á antiga. Escolho de preferencia um fragmento do *Guarany* por ser o livro censurado de frouxo no estylo.

« A tarde ia morrendo.

« O sol declinava no horizonte se deitando sobre as grandes florestas, que illuminava com seus ultimos raios.

« A luz frouxa e suave do occaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se em ondas de purpura e ouro sobre a folhagem das arvores.

Os espinheiros silvestres desatavam as flôres alvas e delicadas ; e o ouricury abria as tenras palmas para receber no calice o orvalho da noite, etc. »

Nesta descripção da hora de ave-maria no deserto, destacam-se logo á primeira vista os traços largos do painel : lá o occaso do sol : além a fluctuação da luz : aquem já na

sombra as flôres nocturnas que se abrem. A mesma separação dos períodos denota a successão e contraste dessas impressões varias.

Vestido á moda classica, tudo isto desapareceria :

« E porque ia a tarde morrendo e o sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas que illuminavam seus ultimos raios, a luz frouxa espave do occaso, que deslissava pela verde alcatifa, parecia que formava ondas de purpura e ouro sobre a folhagem das arvores ; e ao ponto que desafavam os pinheiros silvestres as suas flôres alvas e delicadas, abria o ouriury as tenras palmas, para que recebesse no seu calice o orvalho da noite. »

Chamem outros estylo terso este que para mim é ao contrario uma locução flacida e languida, pois, á força de atilhos, mistura idéas distinctas, escurece o pensamento, e muitas vezes sacrifica a harmonia e lucidez grammaticaes.

Os melhores autores classicos em certos casos sentiram a necessidade de abandonar esse estylo tão alinhavado de conjunções por uma phrase mais simples e concisa. Tenho presente um trecho de Lucena ; é tambem uma descripção da ilha de Ceylão :

« Porque nesta os mattos são toda a boa camella do mundo, pimenta, cardamo, fructiferos palmares. Nos campos é tanto o arroz, á que elles chamam bate, que deu o nome ao reino de Calon, intitulado á esta conta Batecalon. As pedreiras crião os mais finos rubis, saphyras, olhos de gaio, e outra muita sorte de pedrarias. O mar, além de muito pesculo, é, como já dissemos, um dos tres thesouros das perolas e aljofras do oriente. »

Estes períodos destacados prestam-se melhor aos varios pontos da descripção do que um amalgama de idéas que produziria, como a accumulção de côres, um *posticho* grosseiro.

Não posso transportar para aqui todas as observações que tenho feito a respeito dos classicos ; limito-me por enquanto á manifestar minha opinião, ou antes meu gosto em materia de estylo. Assim aquelles que censuram minha maneira de escrever, saberão que não provém ella, mercê de Deus, da ignorancia dos classicos ; mas de uma convicção profunda á respeito da decadencia daquella eschola.

#### IV.

Entre as criticas tão illustradas como benevolas que acolheram *Itacuma*, appareceu uma futil, insulsa, e sobretudo de má fé, porque attribua ao livro falsidades para servirem de pasto á censura. Recordo-me especialmente de uma sobre o *gerinam* de que não se falla, nem por allusão remota, em toda a obra ; e tambem do invento de se dar como entendendo latim o pagé dos Tabajaras. São perversidades infantis, que não valem a pena de occupar o espirito do leitor siso.

Posteriormente algumas pessoas das que mais benevolas se mostraram para o livro, communicaram ao autor duvidas sobre a exactidão de algumas circumstancias. Desde então guardei o proposito de nesta segunda edição esclarecer aquelles pontos.

Duvidou-se que "Poty do alto do coqueiro flechasse o camoropiú nas aguas do Mundabu." Si conhecessem a dextreza dos selvagens nessa arma veriam nisso um facto muito natural, e até referido pelos chronicistas.

Diz Gabriel Soares : — Roteiro do Brazil . Tit. 17 cap. 140 — "São os Tupinambás grandes flecheiros, assim para as aves como para a caça dos porcos, veados e outras almiarias ; e ha muitos que matam no mar e nos rios d'agua

doce o peixe á flecha, e desta maneira matam mais peixe que outros á linha."

Ainda suppondo que o coqueiro fosse proceró, desde que se attenda ao grande volume do camoropim, onde a difficuldade? O passaro que o indio abatia com a flecha não vâa mais alto do que o coqueiro e não tem menor corpo do que o peixe?

Davidou-se tambem que a *janáia* de Iracema viesse do Ipú ter á lagôa de Mecejana. Quem não conhece as emigrações desses passaros, cujos bandos apparecem e desapparecem com o inverno e o estio? Estas emigrações mais sensiveis se tornam no Ceará por causa das secas frequentes, que obrigam os animaes á buscarem as varzeas e sobretudo as margens das lagôas e rios.

Duvidou-se finalmente que o coqueiro fosse indigena do Brazil: e neste ponto se apoiaram na opinião do Sr. Agassiz. Respeito muito o saber deste naturalista, mas entendo que não tinha elementos para produzir dogmaticamente uma opinião sobre questão de facto.

Lact, a este respeito sem contestação maior authoridade, porque não viu o Brazil á vôo de passaro, mas aqui residiu por largos annos, escreveu no liv. 15 cap. 25 pag. 493: — *Il s'y trouve quantité d'arbres qui portent les noix de cocos non pas dans les lieux non cultivés, mais auprès des habitations des sauvages et dans les vergers.* — Para não haver duvida á respeito da identidade da arvore, deixou-nos a estampa.

Lact escreveu no 2.<sup>o</sup> seculo do descobrimento, mas primeiro de sua colonisação. Era ainda bem recente a introdução das plantas asiaticas, africanas e europeas. Si entre essas estivesse o coqueiro, não é presumivel que o naturalista hollandez ignorasse o facto. Acresce que não podia a planta, se fosse exotica, ter-se já propagado de tal fórma que se encontrasse nas aldeias dos indios não só do littoral como

do interior ; convindo lembrar o tardio crescimento do coqueiro.

Fernão Cardim -- *Narrativa epistolar*, no principio de seculo XII, tambem menciona o coqueiro como arvore commum naquelle tempo, e, embora não affirme positivamente dá a entender que é indigena. Ferdinand Denis, o Liais assim o consideram.

É preciso pôr aqui um termo á este postscripto, para qu não fique um livro acostado á outro.

Outubro 1870.

J. DE AL.

---